

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

**RÔMULO LOPES DA SILVA**

**VIVÊNCIAS DE JOVENS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA ORIENTAÇÃO  
SEXUAL: CENAS E DRAMAS EM PERSPECTIVA**

**CAMPINAS**

**2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

**RÔMULO LOPES DA SILVA**

**VIVÊNCIAS DE JOVENS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA ORIENTAÇÃO  
SEXUAL: CENAS E DRAMAS EM PERSPECTIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora:  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Lucia Trevisan de Souza

**CAMPINAS**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423  
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

301.418  
S586v

Silva, Rômulo Lopes da

Vivências de jovens no processo de constituição da orientação sexual: cenas e dramas em perspectiva / Rômulo Lopes da Silva. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

149 f.: il.

Orientador: Vera Lucia Trevisan de Souza.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Orientação sexual. 2. Jovens. 3. Sexo (Psicologia). I. Souza, Vera Lucia Trevisan de. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD - 22. ed. 301.418

Á todos e todas jovens que descobriram, ou ainda descobrirão, as possibilidades disruptivas e comuns, de imaginar, habitar e desbravar este e outros mundos.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA**

**RÔMULO LOPES DA SILVA**

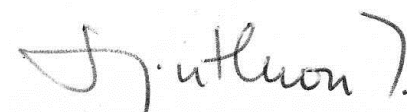
**VIVÊNCIAS DE JOVENS NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA ORIENTAÇÃO  
SEXUAL: CENAS E DRAMAS EM PERSPECTIVA**

Dissertação defendida e aprovada em 26 de janeiro pela  
Comissão Examinadora:



---

Profª Drª Vera Lucia Trevisan de Souza  
Orientadora da Dissertação e Presidente da Comissão  
Examinadora  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-  
Campinas)



---

Profª Drª Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-  
Campinas)



---

Profº Drº Leonardo Lemos de Souza  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

## **Agradecimentos**

Os passos dados para a apresentação deste estudo vêm de longe, fazendo alusão a clássica frase de Jurema Werneck, foram incessantes os diálogos e os encontros que possibilitaram a construção desta pesquisa. Fazer os agradecimentos é também retomar os caminhos trilhados no enlace com os afetos que permitiram me sentir acolhido e impulsionado a viver a experiência do mestrado.

Agradeço aos oito jovens, por terem aceitado narrarem suas experiências cotidianas, em meio aos dramas vividos no período da pandemia. As suas falas me fizeram revisitar e olhar as minhas próprias experiências, e pensar novos horizontes para a atuação enquanto psicólogo.

À minha família, em especial, minha mãe e avó, por criarem, cada uma do seu modo, formas de me sentir amado e cuidado. Sem vocês não teria conseguido vivenciar esse momento.

Agradeço à Vera, minha orientadora, por ter aceitado o desafio de se aventurar na discussão sobre a orientação sexual, e, sobretudo, insistir em criar espaços para compartilhar os afetos e oferecer acolhimento, em um momento difícil que impossibilitou os encontros presenciais.

Aos colegas do Prosped, pelos bons encontros que tivemos, desde a minha primeira participação em atividades do grupo em meados de 2017, em especial, agradeço à Juliana, Thiago, Guilherme, Fernanda, Lilian, Áurea, Aline, Marina, Marcela, Lucas, Rayanne e Tatiana. Este trabalho é também uma construção coletiva e colaborativa que se deu nos diferentes momentos que compartilhamos juntos no prédio da pós e nas reuniões online.

Ao Matheus, por ter sido amigo e parceiro em diferentes momentos desde a graduação. Nossas conversas, discussões e reflexões, sempre ofereceram novos olhares críticos, e também espaço para acolhimento. Obrigado por partilhar dessa experiência comigo.

À Professora Marcia Hespanhol, por ter acreditado em mim e que daria certo a minha entrada na vida acadêmica. Pelo carinho de ter me apoiado em diferentes momentos. Sempre serei grato por ter conhecido você. E, estendo esse agradecimentos a todas e todos colegas do Colabor.

Ao Jailson, que compartilhou de diferentes momentos desse processo, escutando e acolhendo as reclamações e angústias. Obrigado por fazer parte desse período da minha formação.

Aos professores Wanderlei Oliveira e Raquel Guzzo, pelas reflexões e contribuições valiosas na banca de qualificação.

Aos professores Leonardo e Maria Silvia, pelo bom encontro que tivemos na defesa, com a abertura para novas significações sobre os achados na pesquisa.

À Adriana, minha psicóloga. Pela escuta, cuidado e compreensão dos atravessamentos dessa pesquisa.

As professoras da graduação, que tivemos encontros potentes que contribuíram para a construção de uma formação humana e crítica, em especial, à Silvana, Heloísa, Carmem e Maria Adelina.

A todas as pessoas que contribuíram com a “vaquinha online” e possibilitou o meu ingresso no mestrado. Sei que muitos foram amigos queridos, que me apoiaram. Estou aqui por vocês também.

Aos meus amigos e amigas por terem se preocupado comigo, me escutado e acolhido, em especial, ao Eduardo, Amanda, Joyce, Paula, Antônio, Júlia, Maria Antônia, Carlos, e tantos outros que pude conhecer durante o mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil.

## RESUMO

Silva, Rômulo Lopes da. (2022). *Vivências de jovens no processo de constituição da orientação sexual: cenas e dramas em perspectiva*. 149f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2022.

A orientação sexual tem se tornado cada vez mais presente nos discursos sobre a juventude brasileira, tornando mais complexas as relações sociais de jovens não heterossexuais. Esta pesquisa teve como objetivo investigar as vivências presentes nas relações intersubjetivas de jovens dissidentes da heteronormatividade e compreender o lugar que assume as relações familiares e escolares nas vivências dos jovens. Assume como aporte teórico-metodológico a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski e as suas contribuições para a compreensão do desenvolvimento humano como constituído por afetos, pelo drama e pela imaginação. Busca-se articular essas concepções com as proposições da filosofia espinosana. A pesquisa fundamenta-se no materialismo histórico e dialético e está inserida em uma matriz qualitativa de tipo participativo, denominada pesquisa-intervenção. Como estratégia metodológica foram realizadas entrevistas individuais em profundidade em uma plataforma digital, com oito jovens, quatro homens e quatro mulheres, todos cisgênero e com orientação sexual não heterossexual, sendo os encontros gravados em vídeo e transcritos. A análise construída foi inspirada na proposta analítica denominada núcleos de significação, a qual implica leituras recorrentes das transcrições em busca de apreender nas falas dos interlocutores as significações presentes nas vivências narradas. A leitura aprofundada dos trechos de fala dos participantes, que denominamos de pré-indicadores, permitiu observar significações recorrentes, que agrupadas deram origem aos indicadores que norteiam a análise de nossos achados, são eles: (a) silenciamento e incitação da vivência da sexualidade, (b) conversas sobre aceitação *versus* não aceitação, (c) entre o pertencimento e a exclusão. As significações dos jovens revelam o processo de constituição da orientação sexual permeado por situações dramáticas vivenciadas na família e na escola, as quais viabilizaram aos jovens assumirem novas posições sociais e o enfrentamento de afetos que diminuiram a potência de ser e existir. Espera-se com este estudo oferecer subsídios para a compreensão do papel constitutivo da orientação sexual no processo de humanização, ao favorecer que sejam assumidas posições sociais que interferem no desenvolvimento de toda uma coletividade.

**Palavras-chave:** Jovens; Sexualidade; Orientação Sexual; Psicologia Histórico-Cultural.



## ABSTRACT

Silva, Rômulo Lopes da. (2022). *Experiences of young people in the process of constitution of sexual orientation: scenes and dramas in perspective*. 149f. Dissertação (Mestrado in Psychology) – Pontifical Catholic University of Campinas, Center for Life Sciences, Postgraduation Program *Stricto Sensu* in Psychology, Campinas, 2022.

Sexual orientation has become increasingly present in discourses about Brazilian youth, making the social relationships of non-heterosexual young people more complex. This study aimed to investigate the experiences present in the intersubjective relationships of young dissidents from heteronormativity and understand the place that family and school relationships assume in the experiences of young people. Sustained by theoretical-methodological the Vigotski's Historical-Cultural Psychology and your contributions to the understanding of human development as constituted by affections, drama and imagination. Seeks to articulate articulate these conceptions with the propositions of Spinoza's philosophy. The research is based on historical and dialectical materialism and is inserted in a qualitative matrix of a participatory type, called intervention-research. As a methodological strategy, individual in-depth interviews on a digital platform, were conducted with eight young people, four men and four women, all cisgender and with non-heterosexual sexual orientation, with the meetings being recorded and transcribed. The analysis constructed was inspired by the analytical proposal named signification nuclei, which implies recurrent readings of the transcripts in an attempt to apprehend the significations present in the narrated experiences in the speeches of the interlocutors. The in-depth reading of the participant's speech excerpts, which we called pre-indicators, allowed us to observe recurrent significations, which together gave rise to the indicators that guide the analysis of our findings, namely: (a) silencing and inciting the experience of sexuality, (b) conversations about acceptance versus non-acceptance, (c) between belonging and exclusion. The significations of the interviewees reveal the process of constitution of sexual orientation permeated by dramatic situations experienced in the family and at school, which enabled young people to assume new social positions and to face affections that reduced their power of being and existing. It is expected that this study offers subsidies for understanding the constitutive role of sexual orientation in the humanization process, favoring social positions that interfere in the development of an entire community..

**Keywords:** Young Adults; Sexuality; Sexual Orientation; Cultural-Historical Psychology

## **Minha Vida, Meu Aplauso**

Fiz de minha vida um enorme palco  
sem atores, para a peça em cartaz  
sem ninguém para aplaudir este meu pranto  
que vai pingando e uma poça no palco se faz.

Palco triste é meu mundo desabitado  
solitário me apresenta como astro  
astro que chora, ri e se curva à derrota  
e derrotado muito mais astro me faço.

Todo mundo reparou no meu olhar triste  
mas todo mundo estava cansado de ver isso  
e todo mundo se esqueceu de minha estreia  
pois todo mundo tinha um outro compromisso.

Mas um dia meu palco, escuro, continuou  
e muita gente curiosa veio me ver  
viram no palco um corpo já estendido  
eram meus fãs que vieram pra me ver morrer.

Esta noite foi a noite em que virei astro  
a multidão estava lá, atenta como eu queria  
suspirei eterna e vitoriosamente  
pois ali o personagem renascia  
e eu, ator do mundo, com minha solidão...

Morria!

Anderson Herzer

## SUMÁRIO

<b>ABRINDO ESPAÇOS PARA A IMAGINAÇÃO E OS AFETOS .....</b>	<b>9</b>
<b>VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL .....</b>	<b>17</b>
Construções históricas e sociais da sexualidade .....	17
Aprofundando olhares na perspectiva histórico-cultural .....	24
<b>AFETOS, DRAMA E IMAGINAÇÃO EM DIÁLOGO COM PELO MALO.....</b>	<b>39</b>
Sobre o olhar do outro e olhar pra si.....	42
Júnior e os outros, os outros e Júnior .....	51
<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>56</b>
A concepção teórico-metodológica.....	56
Os Participantes .....	59
O Encontro .....	61
Enredos e cenas em perspectiva.....	64
<b>APROXIMANDO AS SITUAÇÕES DRAMÁTICAS E VIVÊNCIAS DOS JOVENS... </b>	<b>68</b>
<b>Enredo 1: Chegamos em casa: silenciamento e incitação da sexualidade.....</b>	<b>68</b>
Cenário 1: Relações Familiares .....	70
Cenário 2: Relações Escolares .....	82
<b>Enredo 2: Do lado de dentro: conversas sobre aceitação e não aceitação.....</b>	<b>98</b>
Cenário 1: Relações Familiares e Escolares .....	98
<b>Enredo 3: O jeito é ir embora: entre o pertencimento e a exclusão.....</b>	<b>115</b>
Cenário 1. Relações Familiares e Escolares .....	117
Cenário 2: Em busca de outras relações, outros encontros .....	126
<b>OUTRAS SAÍDAS - PSICOLOGIA E JOVENS DISSIDENTES DA</b>	
<b>HETERONORMATIVIDADE .....</b>	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>136</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>148</b>

## ABRINDO ESPAÇOS PARA A IMAGINAÇÃO E OS AFETOS

As palavras me levam a nadar com força, a boiar, no cansaço, mas também a mergulhar profundamente neste mar que me move, que me impulsiona a alcançar a praia, retornar ao chão das raízes fincadas.

Betânia Ramos Schröder

Esta dissertação é um convite ao diálogo, à imaginação e aos afetos, que emergem do mar de silêncios, aonde se encontram todas as palavras e as relações intersubjetivas, que estavam à espera do encontro com alguém que pudesse ouvir, ler e ver o que estava mergulhado em tal silêncio. O Encontro, com letra maiúscula, marca o caminho percorrido até a definição do tema a ser investigado e, persistiu no desenrolar dos atos, em meio aos enredos, cenários e cenas que foram sendo revelados durante o desenvolvimento desta pesquisa. Somos seres de/em relação, e nas relações surgem possibilidades de construir novos olhares e narrativas sobre o que temos vivido e ainda poderemos viver.

Foram inúmeras as formas que imaginei para iniciar este texto e ao fundo ecoava em mim as palavras de bell hooks<sup>1</sup> (2019a) "a linguagem também é um lugar de luta", repetidas vezes. As palavras pareceram confusas e requeriam seguir o seu próprio rumo, o da desarticulação, sobretudo, ao intentar trazer a tona, das profundezas do mar, a escrita sobre os afetos e as situações sociais que constituem as dissidências sexuais no momento da juventude, o que será explicado nos próximos parágrafos. Entretanto, inspirado no filósofo Espinosa (1677/2018), percebo que a mente é incessante e permanece na procura por imaginar as relações que poderiam aumentar a potência de agir.

---

<sup>1</sup> Nascida Gloria Jean Watkins em 1952, bell hooks, escrito com iniciais minúsculas, é uma das mais importantes intelectuais feministas negras do mundo.

bell hooks ofereceu pistas para perceber que estou às margens desse mar de silêncios, na margem as palavras pareceram vazias e sem sentido, no qual, é especulado quem pode dominar as palavras, até mesmo, quem pode mergulhar profundamente nos significados, que são produzidos pela linguagem, o lugar de luta. Para hooks (2019a, p.295), a marginalidade pode ser espaço de resistência, “lugar de abertura e de possibilidades radicais”, nesse sentido, a radicalidade está em erguer a voz, na luta pela liberdade de expressão e de não ser silenciado. Portanto, a linguagem é um lugar de luta, contra as vozes que me silenciam, pois agora posso ser autor, sujeito falante e que propõe nas margens uma postura radical, na qual posso conceituar alternativas, e como diz hooks, “teorizar sobre essas experiências esteticamente” (p. 287) que um dia, foram outros que falaram por mim.

Enquanto produzo e sou ‘produzido’ por este estudo, seria inevitável pensar os afetos presentes nas vivências da sexualidade durante a minha infância e adolescência. Entre inquietamentos e questionamentos sobre a minha expressão de gênero e da sexualidade, assumo, a minha personalidade para retratar a escolha em reivindicar o meu lugar de fala no contexto acadêmico. Começo pelo “fim”, que é também um começo, me refiro ao período da graduação em Psicologia, no qual me percebi adentrando em um movimento de (re)conhecimento e (re)apresentação da minha história.

Nesse momento, houve encontros que possibilitaram uma compreensão crítica dos processos vividos de racialização, no constante processo de se conscientizar da minha negritude e do tornar-se negro – fazendo referência a ilustre produção de Neusa Sousa (1983) – e deixar falar, em mim, questões que estavam presentes em minha infância, sobre padrões endurecidos de vivenciar o gênero e a proibição da diversidade sexual, facilitando a abertura para viver possibilidades da expressão de gênero e da sexualidade, para além da cisheteronormatividade (Mattos e Cidade, 2016).

Nesse movimento, que aconteceu sempre em relação com outros corpos, existem alguns momentos carregados de intensas emoções, como por exemplo, o ingresso no ensino superior, em uma universidade privada, o que foi possível, devido à uma bolsa integral concedida por um programa do governo federal, o Programa Universidade para Todos (ProUni), ao atender as condições de ser egresso de escola pública e ter a renda familiar de até 1,5 salário mínimo por pessoa, como previa a legislação. Além disso, havia optado pela cota racial para concorrer à uma bolsa no curso de Psicologia, pois estava na lista de espera e eram baixíssimas as chances de conseguir uma vaga.

Essa vivência, a de entrar em uma universidade privada, se caracterizou como um campo dramático, no sentido vigotskiano (Delari Jr, 2013), visto que as relações vividas nesse contexto educativo evocaram a luta de papéis sociais em uma trama que possibilitou novas significações sobre as diversas possibilidades atuais e futuras de ser, existir e atuar sobre a realidade. Viver esse processo trouxe a possibilidade de ampliar a consciência da condição racial, enquanto um homem negro, não mais o “moreninho” ou “mulato”; e de classe social, ao redescobrir a potência de agir – que tem sido renegada às classes sociais mais pobres da sociedade –, desse modo, essas vivências vêm constituindo a minha identidade e, logo, me humanizam e tornam-me pessoa.

Recordo que um dos motivos para a escolha do curso foi o interesse em conhecer e entender o que sou e porque sou como sou, em intensas investigações que fazia em diferentes livros, principalmente textos religiosos de autores da igreja protestante. Naquela época, a Psicologia foi apresentada por dois livros, um discutia a educação de meninos e outro, discutia a relação entre a psicologia e a religião, ambos, tinham como pano de fundo a intenção de explicar o funcionamento emocional e sobre quem somos, pela matriz heterossexual, e o que fugia disso, era preciso de “cura” e/ou “libertação”.

Buscava encontrar respostas para questionamentos que perpassavam o sofrimento de me perceber com uma masculinidade não hegemônica, notada pelo pouco interesse no futebol, em soltar pipa e pelas brincadeiras de lutas, que os meninos a minha volta pareciam mais interessados, em contrapartida, fazia parte do grupo de dança na igreja, composto majoritariamente por mulheres, brincava de bonecas com as minhas irmãs e o modo como me expressava nas relações fazia as pessoas a minha volta questionar e julgar o meu “jeito afeminado”. Também, me percebia com o desejo sexual incoerente com a norma heterossexual, ao lidar com o interesse e excitação pelo corpo masculino, que foi sendo silenciado e condicionado a lógica heterossexual. Além desses aspectos, nas leituras que realizava não havia a intersecção com os marcadores de raça e classe, logo, estava aprendendo sobre um modo de ser e sobre me relacionar que silenciava “todas” as dimensões que faziam parte das minhas experiências cotidianas.

Considero que, esses processos, ainda que vivenciados em diferentes momentos na minha história de vida, no contexto da universidade privada, essas questões tornaram-se complexas, visto que se confrontaram a identidade de um jovem, homem, negro, egresso de escola pública e que se revela homossexual. Essa complexidade se diferenciou dos demais contextos que vivenciei, devido ao movimento dialético de ter acesso a formas de linguagem e conhecimento, que viabilizaram a ampliação da consciência da realidade vivida, o que foi possível ao me aproximar da discussão e prática de movimentos sociais pautados por referenciais negros e de teorias psicológicas críticas, como a Psicologia Social latino-americana e a Psicologia Histórico-Cultural.

Essas questões foram sendo percebidas, para além das minhas experiências privadas, pois nos estágios, extensão universitária e iniciação científica, em ações junto a alunos do ensino médio de escolas públicas e seus familiares, pude ir percebendo que essas questões acerca da sexualidade eram emergentes e necessárias para pensar o desenvolvimento humano.

Os estudantes solicitavam a discussão de temáticas que envolviam essas questões, possivelmente como um caminho para se conhecerem e elaborarem o assunto, porém, essas demandas eram sentidas pelos pais e professores como desafiantes e estes demonstravam dificuldades para lidar com os temas de gênero e orientação sexual, já adianto, que essa dimensão será a que lançaremos nossos olhares nesta dissertação.

Desse modo, ao retomar essas vivências particulares, observo que tais experiências compõem uma situação social vivida coletivamente, onde persiste o mar de silêncios, e os sujeitos inseridos em diferentes contextos educativos e familiares, tem lançado mão de diferentes instrumentos para pensar a dimensão da sexualidade, e a sua relação com as questões de raça, classe e gênero. Mobilizada por esses processos, esta pesquisa se situa nesse campo dramático, aonde concorrem múltiplos afetos que derivam das singularidades das minhas vivências e emergem do meio social em que estive inserido.

Esses afetos estão amalgamados às diferentes expressões sociais e políticas que vivemos na atualidade, que se entrelaçam ao processo de constituição das nossas relações intersubjetivas. O modo pragmático que vivemos o cotidiano exige reflexões, críticas e a proposição de novos olhares sobre a realidade sentida e vivida, em especial, sobre os temas que giram em torno da sexualidade nas vivências de jovens, com olhares não essencialistas e naturalizantes, em vista de avançar em relações que potencializam diferentes formas de ser e agir, e podem favorecer o aumento ou diminuição da nossa potência de ação sobre/no mundo.

Este estudo é produto deste tempo, das inquietações e provocações que as relações cotidianas impõem para os jovens pensarem sobre a sexualidade, em particular, as dissidências sexuais. E, quem têm o direito de pensar sobre essas questões? Como essas questões são compreendidas no desenvolvimento na adolescência e juventude? Como esses múltiplos afetos comparecem nas vivências de jovens dissidentes da heteronormatividade? Como os jovens vivem esses afetos nas suas relações intersubjetivas?



Nesta pesquisa propomos contribuições para os estudos de gênero e sexualidade com o lócus sobre o desenvolvimento na juventude, a partir do campo de conhecimentos e práticas da Psicologia Histórico-Cultural, proposta por Vigotski. Nesse sentido, imergimos na dimensão relacional, que se torna condição para o devir humano, em especial, dar destaque as negociações dos jovens com os outros, dessa relação, que ainda produz o estranhamento e a diferença na sociedade em que vivemos. Referimo-nos aos jovens que se identificam/reconhecem nas dissidências sexuais, reconhecidas como lésbicas, gays, bissexuais e outras orientações sexuais, que são identificadas neste estudo como dissidentes da heteronormatividade, e em alguns momentos será utilizado o acrônimo LGBTI+.

Assumimos como perspectiva teórica a Psicologia Histórico-Cultural, de Vigotski, que compreende que o social e o sujeito se constituem mutuamente e nas nossas relações sociais. Nessa perspectiva todo sujeito é ativo, criativo e transformador, em constantes processos de constituição no coletivo e contribuem de forma colaborativa com a consolidação de realidades objetivas e subjetivas. Ao assumir essa postura ativa e criadora, em uma sociedade que está em incessantes transformações sociais e políticas, temos o desafio de encontrar caminhos para persistir e resistir. Ao pensar a dimensão da sexualidade na juventude brasileira, a persistência e a resistência, assumem sentidos diversos, ao entender que os modelos hegemônicos de gênero e sexualidade que estruturam as relações sociais, fazem com que algumas vidas, tenham que lidar cotidianamente com o enfrentamento de condições precárias que impedem a sua humanização e a dignidade de usufruir de seus direitos humanos e sociais.

Desse modo, articulamos com essa perspectiva a compreensão da sexualidade não como um campo abstrato e essencialista, mas a dimensão prática e cotidiana que assume a sexualidade nas vivências de cada jovem, isto é, a sexualidade só pode ser concebida em um sujeito. Concordamos com Audre Lorde (1982), que afirma “eu não acredito que sexualidade

é algo separado da vida... é uma questão de como nós usamos o poder. Se fosse somente uma questão de preferência sexual ou de gosto particular, por que esta seria apresentada como uma questão política?”.

Tomamos todas essas dimensões individuais, sociais e políticas como um todo complexo, que favorece múltiplas afecções nas relações intersubjetivas de adolescentes e jovens. Desse modo, o nosso objetivo é *investigar as vivências presentes nas relações intersubjetivas de jovens dissidentes da heteronormatividade* e, como objetivos específicos:

- Analisar os afetos que se manifestam nas vivências de jovens dissidentes da heteronormatividade;
- Compreender o lugar que assume as relações familiares e escolares nas vivências de jovens dissidentes da heteronormatividade;

Este texto está organizado em cinco partes, a princípio, oferecemos a contextualização do lugar de partida deste estudo, o que nos provoca a explicitar como os conhecimentos sobre as dissidências sexuais comparecem no atual contexto histórico, e como podemos contribuir com a construção do olhar científico sobre jovens que vivenciam a orientação sexual tida como dissidente. Na segunda parte, apresentamos os fundamentos teóricos que orientam e sustentam a discussão e análise deste estudo, a saber, o desenvolvimento humano na perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Histórico-Cultural, e a prevalência das relações intersubjetivas, os afetos e a imaginação, o que será articulado com a produção visual “*Pelo Malo*”, que oferece materialidade à compreensão da temática discutida.

Na terceira parte, é apresentado o método desta pesquisa, no qual defendemos o modo como acessamos as situações dramáticas e vivências de oito jovens interlocutores, bem como apresentamos os instrumentos que foram utilizados nos encontros realizados. Em seguida, na quarta parte, discorreremos sobre as vivências que foram narradas por cada jovem, em diálogo com a Psicologia Histórico-Cultural, articulando com as proposições da filosofia de Espinosa,

sem deixar de lado as discussões de outras áreas do conhecimento científico. Na última parte, apresentamos as considerações finais acerca do processo percorrido na apreensão das vivências de jovens dissidentes da heteronormatividade.

## VIVÊNCIA DA SEXUALIDADE E A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Neste momento do trabalho, nos interessa discorrer sobre o caráter histórico da sexualidade nas vivências de jovens no contexto que vivemos e, também, os aspectos que constituíram o conhecimento sobre a sexualidade do modo como percebemos nas relações sociais atuais. As disciplinas ligadas às ciências humanas e sociais, dentre elas destacam-se a antropologia, história, sociologia, psicanálise e a psicologia, foram as áreas de conhecimento que se dedicaram aos estudos da sexualidade com maior profundidade (Vance, 1995; Saffioti, 2013). Os saberes construídos por essas disciplinas se difundiram no meio acadêmico e social ao longo da história, e não estiveram isentos das condições sociais e econômicas que favoreciam um discurso científico-social que se constrói sob um determinismo biológico.

### **Construções históricas e sociais da sexualidade**

Na sociabilidade atual, o campo de conhecimento científico sobre a sexualidade é permeado por vários entraves, os quais costumam envolver o temor em tratar de questões relativas ao sexo, no bojo de relações sociais conservadoras e antigênero, além de, enfrentar a proliferação de discursos fragmentados e descontextualizados do que tem sido produzido no meio acadêmico sobre a teoria de gênero e da sexualidade (Junqueira, 2018). A aproximação desses temas com o saber científico se deu de modo contraditório e multifacetado, sobretudo, de modo a responder as demandas sociais de um determinado momento histórico, sendo assim, é necessário cuidado e criticidade ao estudar os temas relacionados ao gênero e a sexualidade, tendo em vista que possuem diferentes significados ao longo da história da humanidade.

Como lembra Saffioti (2013, p. 402), durante os séculos XVIII e XIX havia o interesse pelo conhecimento das origens, nas palavras da pesquisadora “o desejo de conhecer

a origem das coisas inegavelmente caracteriza a sociedade ocidental”, o que remete as tentativas de descobrir a origem da vida, do universo e do ser humano. Nesse período, havia a influência das ciências naturais para a compreensão de características propriamente humanas, como por exemplo, a sexualidade e o gênero, muitos estudiosos se debruçavam para compreender a diferença sexual entre o feminino e o masculino, a partir de marcos biológicos (Laqueur, 2001).

Devemos nos atentar que a linguagem é uma aliada e condição para a construção de significados sobre as experiências humanas, ainda mais, o predomínio do pensamento ocidental da construção de um discurso científico sobre o corpo e a sexualidade. Notadamente, os saberes científicos contribuíram ao longo da história para definição do normal e o patológico, bem como o que seria na construção de um sujeito universal, o qual vivenciaria uma sexualidade normal. Desse modo, é possível vislumbrar que as categorias heterossexual, homossexual, bissexual, e outras orientações sexuais, não são fenômenos naturais, mas construídos em meio a embates científicos e as vivências cotidianas de pessoas que revelavam outros modos de se relacionarem com o corpo e o sexo.

Na obra clássica de Jonathan Ned Katz (1996) "A invenção da Heterossexualidade", nos é apresentado o caráter histórico e socialmente construído da heterossexualidade, e segundo o autor “os termos heterossexualidade e homossexualidade significavam modos historicamente específicos de dominar, pensar sobre, avaliar e organizar socialmente os sexos e seus prazeres” (pp. 23-24). Com essas reflexões em torno da historicização da heterossexualidade, Katz sintetiza aspectos sociais que conformaram na legitimação da hegemonia heterossexual como parte da vida sexual normal, e diante disso, os olhares se direcionaram para diagnosticar e nomear o que fugiria da norma heterossexual.

Desse modo, torna-se fundamental nomear a norma e evidenciar que ela cria um sistema social de valores, ou até uma ética heterossexual, como citado por Katz (1996) que

constitui o pensamento, sentimentos e práticas de diferentes sujeitos. Nos estudos de Judith Butler (2019), essas condições sociais são nomeadas como heteronormatividade, a qual produz constantemente práticas reguladoras do corpo e do desejo, que ao determinar como ideal a coerência entre sexo, gênero e prática sexual, “exige que certos tipos de identidade não possam existir” (p. 44). Com isso, enfatizamos a construção histórica e social de projetos políticos que instigam que o desejo deve estar direcionado à reprodução sexual e ao encontro do sexo oposto. E, como a psicologia se posiciona diante dessa realidade social?

Sabemos do distanciamento dos saberes da Psicologia nas discussões críticas sobre as diversidades de gênero e da sexualidade, que se consolidou com teorias do desenvolvimento humano que contribuíram com a naturalização dos modos de se constituir como sujeitos, nos quais a identidade de gênero estaria restrita ao sexo biológico – sob a lógica binária nasce homem ou mulher – e a orientação sexual sempre deveria ser heterossexual – direcionada ao sexo oposto (Mattos & Cidade, 2016; Salgado & Lemos de Souza, 2018). São essas crenças que consideram o sexo biológico como determinante do gênero e da prática sexual, que conformam crenças de superioridade de um grupo social, o heterossexual e cisgênero<sup>2</sup>, o que se reconhece com o gênero atribuído no nascimento, em detrimento de orientações sexuais não heterossexuais e gênero não conformes.

Se por um lado, vemos que historicamente a psicologia se distanciou de discussões críticas sobre a sexualidade, favorecendo a manutenção de práticas que potencializam o sofrimento psíquico de pessoas LGBTI+, ao negarem e questionarem as suas experiências de gênero e sexuais que contrariam a heteronormatividade, por outro, os movimentos sociais tensionam nesses campos de saberes, emergindo novos significados para o posicionamento ético-político nas práticas e produções de conhecimento em psicologia (Mattos & Cidade, 2016, Gaspodini & Jesus, 2020). Nos situamos nessa realidade, em que a sexualidade e a

---

<sup>2</sup> Segundo Favero (2019,p.176) o conceito pode ser definido como: “Cisgênero poderia ser, portanto, quem não transiciona entre os gêneros, ou, dito de um modo simples, poderia ser também aquele que se identifica com o gênero designado ao nascer”

diversidade sexual se complexificam ainda mais e torna emergente uma postura metodológica que valorize as vivências de adolescentes que se desenvolvem nesse cenário, sem deixar de lado a intersecção com raça, gênero, classe social, marcadores geracionais e território.

O campo de estudos de gênero e da sexualidade é constituído por diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e políticas, que tomam como objetos de discussão e análise uma grande variedade de temas e experiências que compõem esse campo do saber. Neste estudo priorizamos a discussão sobre as dissidências sexuais, sem deixar de lado a problematização sobre os seus significados construídos social e culturalmente, que acaba por invisibilizar algumas identidades de gênero e orientação sexual, como por exemplo, as experiências vividas por pessoas transgêneros; assim como, o discurso da diversidade tende a tratar como universais as vivências de pessoas que são representadas na diversidade sexual e gênero, criando uma nova normalização e padronização do viver e sentir suas experiências de gênero e sexualidade.

Consideramos que as pessoas que vivem as dissidências sexuais e de gênero, são constituídas por experiências distintas, marcadas por especificidades/marcadores sociais da diferença como raça, etnia, classe, território e faixa etária, e da mesma forma, entendemos que essas singularidades são vividas coletivamente em sociedade. Em 2017 foi assinado um acordo por associações de Psicologia de 16 países, incluindo o Brasil, nomeado “IPsyNet Statement on LGBTIQ+ Concerns” (American Psychological Association, 2017), no qual se estabeleceu que fariam o uso das definições propostas nos Princípios de Yogyakarta (2006, p.07), que definem a orientação sexual como a “aptidão emocional, afetiva e sexual, bem como relações íntimas e sexuais com indivíduos de um gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero.” E, a identidade de gênero é definida como:

experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal do corpo

(que pode envolver, por livre escolha, modificação da aparência ou função corporal por meios médicos, cirúrgicos ou outros) e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (p. 07)

Ao assumirmos essas definições reconhecemos que todas as pessoas, em suas diferentes especificidades vividas ou, os chamados marcadores sociais da diferença, se reconhecem com uma identidade de gênero – o gênero com que se identifica; e orientação sexual – atração afetivossexual por alguém (por exemplo, homossexual, heterossexual, bissexual e assexual)<sup>3</sup>. Neste trabalho adotaremos a sigla LGBTI+, para representar o grupo social e político, do qual fazem parte as lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, intersexuais e outras identificações que se distanciam da cisheteronormatividade e cisgeneridade<sup>4</sup>. Desse modo, somos sujeitos que estamos em relações e são nelas que vivenciamos a sexualidade e temos diversas possibilidades de identificações, além de que, como enfatiza Jesus (2012, p.12) “uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual”.

Nos últimos dez anos, as questões de gênero e da sexualidade assumiram destaque na política brasileira e, concomitantemente, na vida cotidiana de todas as pessoas. Ao pensar sobre esses dois temas, Santos (2020) discute que em todas as eleições presidenciais algumas questões são destacadas na cobertura eleitoral, a saber, nas eleições de 2010 e 2018, as disputas relativas a gênero e a sexualidade estiveram presentes nas pautas e debates. Assim sendo, em discursos no plenário da Câmara de Deputados, nas diferentes mídias e nas conversas cotidianas, temas como o aborto, casamento de pessoas do mesmo sexo, o material

---

<sup>3</sup> Recomendamos a leitura do guia “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos”, elaborado pela psicóloga Jaqueline Gomes de Jesus (2012), nele são apresentadas as definições de diferentes possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero.

<sup>4</sup> Os conceitos cisheteronormatividade e a cisgeneridade, são termos cunhados por transfeministas para se referir a esse processo de naturalização do reconhecimento da orientação sexual e a identidade de gênero, que determinam o gênero, prática sexual e desejo, devem sempre estar coerentes com a dimensão biológica (Jesus, 2012, Vergueiro, 2015).



do projeto Escola Sem Homofobia, renomeado pela direita brasileira como “kit gay” e o combate à chamada “ideologia de gênero” foram comumente citados (Santos, 2020).

Essas são questões políticas amplas e estão localizadas em estratégias políticas conservadoras, nas quais as questões sexuais, reprodutivas e da família, são assumidas como essenciais para a manutenção das visões tradicionais desses temas e, diante desse cenário, os direitos que vem sendo conquistados pelo movimento feminista e LGBTI+ estão ameaçados (Santos, 2020, Mattos & Cavalheiro, 2020). Um olhar atento para esse contexto sócio-histórico, em que emergem questões relativas à diversidade sexual e de gênero, notaremos que predomina, conforme apresenta Mattos e Cavalheiro (2020, p.4) a narrativa sobre a infância, na qual delega “as crianças à proteção familiar em uma promoção do pânico moral e de sua vulnerabilidade frente aos debates de gênero e de sexualidade nas escolas e na cultura de maneira geral”.

Portanto, lidamos com a emergência das discussões sobre as dissidências sexuais, em meio aos embates da onda conservadora política e religiosa que tem ganhado força no país, e colocam em disputa as narrativas sobre as infâncias, adolescências e juventudes, nas quais, os sujeitos são percebidos como vulneráveis e sem possibilidades de ação sobre suas vivências cotidianas. A educação escolar, enquanto instituição social comparece significativamente na vida desses sujeitos e têm enfrentado embates e tensões para a consolidação de políticas públicas que favoreçam espaços para conversas e reflexões sobre a diversidade sexual e de gênero nas vivências de crianças e adolescentes (Mattos & Cavalheiro, 2020).

Em meio a essas questões, nos interessa aprofundar olhares sobre a relação entre a educação escolar, desenvolvimento de jovens e as dissidências sexuais. Embora sejam campos distintos e contraditórios, vemos que a interação entre eles é crucial para a manutenção de formas de se entender e se constituir como sujeitos. Por isso, ainda que seja breve, propomos nos próximos parágrafos situar como a diversidade sexual e a educação se

encontra em meados do final dos anos 1980 e durante os anos 1990, o que consideramos como “avanço” na constituição de situações sociais que legitimam que pessoas ditas “desviantes” da norma, possam ocupar um lugar público e de direitos na sociedade.

Vianna e Benitez (2016) relembram que “a Constituição de 1988 cristalizou a entrada da sexualidade e da reprodução como campos legítimos para exercício e disputa de direitos no Brasil”, como resultado de uma constante luta de movimentos sociais e ativistas de mulheres e LGBT. Nesse período histórico, o país lidava com a epidemia da Aids/HIV, que implicou a união de esforços de organizações não governamentais, movimentos sociais e instituições estatais para a prevenção da Aids/HIV. Essa união não se deu de forma amigável, visto que se propagava o discurso que essa seria uma “doença dos gays” e que a homossexualidade era uma doença mental, o que exigiu maior engajamento de grupos ativistas do movimento homossexual. Simões e Facchini (2009, p.133), lembram que “a eclosão da Aids deu ensejo a um debate social sem precedentes acerca da sexualidade e da homossexualidade”.

Nesse contexto, vemos a entrada desses temas nas salas de aula e nas políticas educacionais. Em 1994, houve o empenho de vários estudiosos da sexualidade, em sua maioria psicólogas (os), com a parceria de políticos, como Marta Suplicy, para a tradução e adaptação de um Guia sobre Orientação Sexual produzido por uma instituição nos Estados Unidos. O engajamento desses estudiosos motivou a realização de uma pesquisa no ano de 1993 em dez capitais brasileiras, envolvendo 5076 pessoas, dentre elas, 86% demonstraram favoráveis à inclusão de Orientação Sexual nos currículos escolares (Suplicy et al, 1994).

Em 1996, foi aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira, a LDB, (Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996), que trouxe importantes modificações no sistema de ensino brasileiro, no entanto não são citadas questões sobre gênero e sexualidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, publicado em 1997, que visa

oferecer referências para os currículos educacionais do país, apresenta a Orientação Sexual como um tema transversal a ser incorporado nas escolas brasileiras. Enquanto, no ano 2000, houve a publicação dos Parâmetros para o ensino médio, a sexualidade aparece relacionada a uma das consignas, nomeado como a estética da sensibilidade. Algo importante sobre esses diferentes documentos é a superação da compreensão biológica da sexualidade.

Nesse percurso histórico, ao remontarmos a década de 1990, é notório que houve importantes marcos sociais e políticos que afetaram, particularmente, a discussão sobre a sexualidade e a história da educação brasileira. Assim, a educação aparece historicamente como um espaço privilegiado para a discussão sobre temas relativos à sexualidade, ensejando esforços de professores para o alocamento dessa conversa no cotidiano da sala de aula. No entanto, tal como referimos anteriormente, na última década com o avanço de movimentos e grupos ultraconservadores, tem se proliferado discursos acerca da manutenção da família heterossexual e da fragilidade de jovens, os impedindo de acessarem significações abertas e diversas sobre a sexualidade.

Esse movimento favoreceu a retirada de materiais da escola e ações políticas que discutiam as dissidências sexuais, reduzindo e limitando as possibilidades de jovens vivenciarem com dignidade sua orientação sexual, sobretudo, aqueles que se reconhecem como LGBTI+. Essa realidade social torna evidente a urgência da Psicologia, enquanto ciência e profissão, se posicionar de modo crítico e comprometido com as vivências de jovens LGBTI+, na luta por seus direitos sociais e, na criação de espaços para que possam falar de suas experiências que a todo o momento têm sido colocadas em silêncio.

### **Aprofundando olhares na perspectiva histórico-cultural**

Os estudos científicos que objetivam investigar e compreender as experiências de pessoas que identificam e se orientam na comunidade LGBTI+ tem tido um aumento

expressivo nas ciências humanas e sociais. Na Psicologia, o interesse por esse campo temático também acentuou nos últimos anos, principalmente a partir de perspectivas críticas. Ainda assim, os conceitos de orientação sexual e identidade de gênero que são fundamentais, necessitam ser problematizados sobre a sua utilização em diferentes disciplinas teóricas que têm em sua base uma compreensão de pessoa, de desenvolvimento humano e de sociedade, que lhe são próprios. Portanto, ao se aproximar desses estudos é necessário um primeiro passo de dessencializar os estudos de gênero e da sexualidade, visando compreender de que lugar do conhecimento parte-se e do que se é falado.

Ao aprofundar no entendimento da construção teórica e científica da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, notaremos que ela não trata diretamente sobre o tema da sexualidade, como foi apontado por Montreozol (2019), sobretudo, nas produções de Vigotski, o principal expoente. Na época, em que o autor desenvolve a sua teoria, estão presentes críticas à psicologia que se consolidava no início do século XX, dentre elas, a teoria psicanalítica freudiana. Em obras como “O significado histórico da crise da Psicologia”, de 1927 e, em outras, encontramos citações de Vigotski, a respeito da sua crítica à psicanálise, e principalmente ao uso da sexualidade, como principal construto teórico para a compreensão do que seria propriamente humano.

As críticas vigotskianas às perspectivas psicológicas que predominavam, culmina na chamada “crise da psicologia” – não devemos nos ater ao fato de Politzer na obra “Crítica aos fundamentos da Psicologia” havia já acentuado a crise que a psicologia vivia – e, será desse filósofo, que Vigotski buscará o conceito de drama, crucial para o entendimento do que se trata a Psicologia Histórico-Cultural.

Desse modo, se para a Psicologia Histórico-Cultural, existem críticas ao uso desse construto para a compreensão das vivências humanas, quais poderiam ser as contribuições dessa perspectiva para entender essa dimensão, isto é, da sexualidade, que é propriamente

humana e constituinte do ser humano? Ainda mais, quais são as compreensões que essa perspectiva oferece às vivências de pessoas que se identificam nas dissidências sexuais?

Para atender a essas questões, propomos a realização de uma Revisão Integrativa, Hopia, Latvala e Liimatainen (2016) sistematizaram informações significativas para quem propõe a utilização dessa revisão, as quais foram sintetizadas pelas autoras, como forma de auxiliar pesquisadores no processo de pesquisa. Trata-se de uma modalidade de revisão da literatura desenvolvida com a finalidade de distintas, dentre elas nos interessa, sobremaneira, duas delas, sendo: mapear campos de estudo onde é difícil visualizar a gama de material que pode estar disponível e identificar lacunas sobre o tema no campo geral da pesquisa. De tal maneira, seguiremos o modelo metodológico proposto pelas autoras, o qual pressupõe que as etapas da pesquisa devem ser apresentadas de forma rigorosa e transparentes (Hopia, Latvala & Liimatainen, 2016).

Baseados nos pressupostos desse tipo de revisão, nos próximos parágrafos estão descritos os procedimentos que foram adotados, em um movimento reflexivo e interativo, isto é, foi constante a postura de rever e analisar de forma colaborativa as etapas desenvolvidas para que chegássemos aos resultados esperados. Tal como apresentado nos parágrafos anteriores, o ponto de partida se orientou pela formulação de uma pergunta norteadora da revisão integrativa: quais são as compreensões de estudos baseados na Psicologia Histórico-Cultural para as vivências de pessoas LGBTI+?, Inspirada na mnemônica PCC (população, contexto e conceito), sendo: P: pessoas LGBTI+, C: vivências e, C: estudos científicos na psicologia histórico-cultural.

Portanto, em se tratando de uma questão situada no contexto da psicologia, foram selecionadas bases de dados com números expressivos de publicações nessa área de conhecimento. Por isso, as bases escolhidas foram a *American Psychological Association* (PsycINFO), Lilacs, *Web of Science* (Clarivate Analytics) e Scopus (Elsevier), para a seleção

de artigos científicos nacionais e internacionais, e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) para a busca de teses e dissertações brasileiras.

Para realizar a busca das produções científicas, recorreremos as terminologias disponíveis na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-Psi) e no *Thesaurus* da PsycINFO, que apresentam os termos mais utilizados nas bases de dados, conseqüentemente com maior número de resultados. Os descritores utilizados correspondem ao tema da sexualidade e das dissidências sexuais, assim como, nomenclaturas que são utilizadas nacional e internacionalmente para identificar a teoria histórico-cultural – para essa escolha, foram realizadas buscas prévias com a utilização de nomeações da teoria para eliminar aquelas que não apresentaram resultados, como a “*historical cultural theory*”.

Na tabela a seguir, apresentamos os descritores utilizados, os quais foram cruzados e, também, tiveram a aplicação de operadores *booleanos* para obtermos melhores resultados de busca<sup>5</sup>. Os descritores foram combinados da seguinte forma: os termos da coluna “Descritores A”, foram cruzados individualmente, utilizando o aditivo “AND”, com o conjunto de descritores da coluna Descritores B.

**Tabela 1**

*Termos utilizados na busca em base de dados*

Descritores A	Descritores B
Sexualidade; Sexuality; Orientação Sexual; Sexual Orientation; Homossexualidade; Homosexuality; LGBT*; Lésbica; Lesbian; Gay; Bissexual; Bisexual; Queer.	(“Psicologia Histórico-Cultural”; “Cultural Historical Psychology”; “Cultural Historical Activity Theory”; “Psicologia Sócio-Histórica”; Vigotski; Vygotsky”;

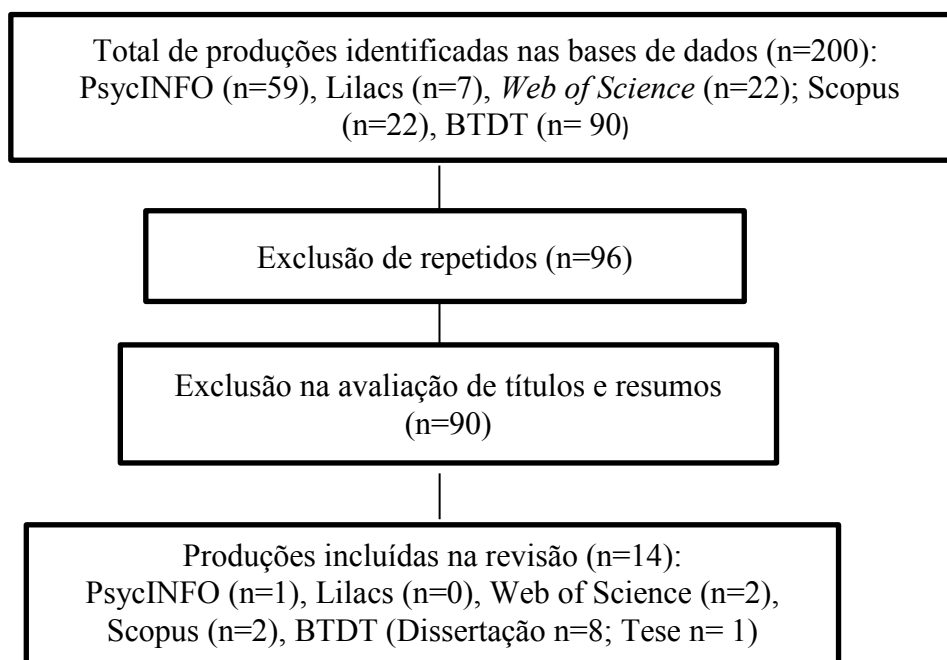
<sup>5</sup> Exemplo de como foram feitas as buscas na base de dados: (sexuality and (vygotsky OR vigotski OR "cultural historical psychology" OR "cultural historical activity theory" OR "psicologia sócio-histórica" OR "psicologia histórico-cultural")). Os descritores foram utilizados em português e a sua tradução em inglês, quando se aplica. Além disso, o uso de aspas e asterisco são parte das estratégias de busca, ou seja, o uso de aspa permite a busca do termo exato que está entre as aspas e ao utilizar asterisco é feito a busca exata de termos que possuem a mesma derivação.

Definimos como critérios de inclusão: artigos empíricos qualitativos e/ou quantitativos; estudos teórico-reflexivos; estudos publicados em português, inglês e/ou espanhol, que possuem como centralidade em seus objetivos e/ou resultados os aspectos relacionados às vivências das dissidências sexuais, em sua orientação teórica e/ou metodológica a utilização da Psicologia Histórico-Cultural. Foram excluídos os estudos que não focalizam as vivências de pessoas LGBTI+ e, também, os livros, capítulos de livro e editoriais. Não definimos como critério a restrição do período de publicação para busca e inclusão dos artigos, para que pudéssemos encontrar um maior número de publicações.

Essa revisão foi realizada durante os meses de abril, maio e junho de 2021, sendo realizada uma busca inicial para identificar qual o termo utilizado internacionalmente para nomear a Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski. Posteriormente, foram realizadas duas pesquisas distintas com os descritores estabelecidos, para maior precisão e consenso dos resultados obtidos. Feita a busca dos artigos, teses e dissertações, foram feitas leituras iniciais para a exclusão de repetidos, e avaliação dos títulos e resumos para seleção das produções que atendessem aos critérios de inclusão.

Em seguida, novas leituras na íntegra foram feitas dos textos selecionados, visando identificar dados de interesse dessa revisão, organizadas em uma planilha eletrônica com as seguintes informações: Ano; Autores; Título da produção; País de origem; Idioma; Instituição/Periódico; Área de conhecimento (primeiro autor); Identificação da teoria (PHC, CHAT e outros); Delineamento metodológico; Objetivo; Contexto de intervenção; Experiências evidenciadas; Conceito utilizado; População de estudo e tamanho; Estratégias metodológicas e duração da intervenção; Como os resultados são avaliados/analizados; Principais conclusões relacionadas à questão de pesquisa.

No fluxograma abaixo, apresentamos o processo de levantamento das produções:

**Figura 1.** Fluxograma do levantamento das produções

Tratando-se de uma revisão integrativa, o nosso interesse em apresentar uma visão geral das produções selecionadas não estará centrada em avaliar as evidências científicas dos estudos, mas, sobretudo, apresentar uma narrativa com o mapeamento das produções que utilizam a Psicologia Histórico-Cultural para a investigação de temas que estão relacionados às vivências de pessoas LGBTI+. As tabelas que compuseram essa narrativa tiveram a finalidade de auxiliar na exposição desse mapeamento, de modo que fosse ilustrado o campo de pesquisas encontrado.

As publicações que foram localizadas em nossa revisão integrativa datam entre 2007 e 2020, com autoria de pesquisadores de duas principais nacionalidades, a saber, do Brasil (Leite, 2010, Camilo, 2010, Salgado, 2011, Neves, 2013, Coelho, 2014, Esperança, Silva & Neves, 2015, Vasconcelos, 2018, Amaral, 2019, Fernandes, 2019, Meireles, 2020), e Estados Unidos (Welle, 2007, Etengoff, & Daiute, 2014, Etengoff & Daiute, 2015, Etengoff & Rodriguez, 2017). Cabe destacar que nas bases de dados brasileiras, além dos artigos científicos, incluímos as teses e dissertações, diferente das bases internacionais, que foram



incluídos apenas artigos. Ainda assim, considerando a representatividade científica que ocupam as bases selecionadas, podemos inferir que as experiências de pessoas LGBTI+ aparecem como um tema emergente, e tem havido o interesse dos pesquisadores que utilizam da psicologia histórico-cultural para o estudo desse fenômeno social.

Apesar das revistas científicas derivarem de áreas distintas, notamos que os autores são predominantemente de áreas ligadas diretamente à Psicologia e a Educação. A respeito disso, corrobora o que estudiosos da teoria histórico-cultural sinalizam acerca do interesse no campo científico pela produção do bielorrusso, em sua maioria atrelada aos contextos educativos e na discussão de fenômenos psicológicos. Essas informações, de antemão, demonstram o contexto de maior interesse, bem como, os sujeitos que são participantes dos estudos. Na tabela abaixo organizamos essas informações para visibilizar os lugares em que esses estudos e pesquisas foram desenvolvidas:

**Tabela 2**

*Informações gerais das produções científicas*

<b>Autores</b>	<b>Ano</b>	<b>Área</b>	<b>Contexto</b>	<b>Participantes</b>
Welle & Clatts	2007	Educação	Cidade de Nova Iorque, EUA.	Quarenta e cinco jovens LGBTQQ, com idade entre 17 e 22 anos.
Leite	2010	Psicologia Social	Tribo urbana <i>emotional hardcore</i> (EMO).	Dez adolescentes, entre 15 e 17 anos, sendo cinco de cada gênero.
Camilo	2010	Psicologia	Coletivos Autônomos Feministas	Duas jovens que se identificavam como lésbica e bissexual. E, participantes dos coletivos.
Salgado	2011	Psicologia Social	População LGBT em situação de rua	Três jovens, que se identificavam como gay, lésbica e travesti. A idade especificada somente para um, sendo 22 anos.

Neves	2013	Psicologia	Escola Estadual	Seis professores que atuavam no ensino médio
Coelho	2014	Educação	Escolas Estaduais	Cento e seis alunos e dois professores de ciências
Etengoff, & Daiute	2014	Psicologia	Residentes nos Estados Unidos	Vinte e três homens gays de religião judaica ou cristã, e seus familiares.
Etengoff & Daiute	2015	Psicologia	Estados Unidos	Doze médicos que atenderam pacientes LGBT
Esperança, Silva & Neves	2015	Educação	Universidade Pública	Oito docentes de cursos de licenciatura
Etengoff & Rodriguez	2017	Psicologia	Residentes nos Estados Unidos	Vinte e três homens gays de religião judaica ou cristã, e seus familiares.
Vasconcelos	2018	Educação	Escolas Municipais de Ensino Fundamental	Trinta e três professores
Amaral	2019	Psicologia da Educação	Escolas Públicas e Privadas	Seis adolescentes gays
Fernandes	2019	Psicologia Social	Escolas Municipais de Ensino Fundamental	Quarenta e cinco professores e, estudantes, sem quantidade especificada.
Meireles	2020	Psicologia	Universidade Pública	Cinco jovens universitários gays cisgênero

As informações acima permitem visualizar os contextos sociais e os sujeitos que foram alvos de estudos relacionados às vivências de pessoas LGBTI+ e utilizam como aporte teórico a psicologia histórico-cultural. Os contextos educativos representam a metade dos achados, envolvendo, a universidade e escolas de ensino fundamental e médio, quais sejam municipais ou estaduais. E, nos chama a atenção que essas produções são todas no contexto brasileiro, o que parece revelar que a educação tem sido um espaço privilegiado pelos estudiosos da perspectiva histórico-cultural e as dissidências sexuais. Além desses contextos, as produções brasileiras citam outros contextos coletivos em suas intervenções, como a tribo

urbana *emotional hardcore* (EMO), coletivos autônomos feministas e população em situação de rua. Com esses dados, podemos afirmar que os contextos coletivos foram alvos de intervenções no cenário brasileiro.

As produções estadunidenses que foram identificadas nesta revisão parecem priorizar critérios de inclusão e exclusão dos sujeitos que participaram dos estudos, ao invés de se aproximar de contextos e/ou instituições específicas, como no caso brasileiro. Desse modo, a escolha dos participantes aparece em sua maioria de modo livre e em contextos diversos, o que implica em considerar os contextos onde os sujeitos participam em um segundo momento, isto é, na análise e discussão dos dados encontrados. Por exemplo, Welle & Clatts (2007) citam que os jovens que participaram da pesquisa foram abordados em diferentes lugares públicos da cidade de Nova Iorque, tais como, parques, centros comunitários, abrigos para jovens em situação de rua, panfletos divulgados em diferentes lugares, entre outros.

Em relação aos participantes, dentre as quatorze produções selecionadas, dez tiveram como participantes adolescentes e/ou jovens, e dentre esses, oito produções com a participação de jovens LGBTI+, especificamente, homens cis gay, mulheres cis lésbicas, travesti, e jovens que se identificam como *queer*. Além desses sujeitos, houve pesquisas com a participação dos familiares, professores e médicos que haviam atendido jovens LGBTI+. E, com essas informações temos percebido que em geral esses estudos se atentam as relações, sejam as relações dos participantes com o objeto de estudo alvo da investigação, bem como, a relação com os outros que participam dos contextos sociais em que estão inseridos.

Tendo acesso a essas informações gerais, nos resta destacar os fenômenos sociais que foram objeto dos estudos, as intervenções foram realizadas e os conceitos teóricos da psicologia histórico-cultural que foram priorizados para apreender o fenômeno. A tabela abaixo sintetiza tais dados:

**Tabela 3***Informações teórico-metodológicas das produções científicas*

<b>Autores</b>	<b>Objeto do Estudo</b>	<b>Conceitos Teóricos</b>	<b>Intervenções</b>
Welle & Clatts	Educação e Prevenção do HIV	Desenvolvimento Humano	Entrevistas com andaime ( <i>scaffolded interviewing</i> )
Leite	Significado de adolescência para jovens EMO	Sentidos e Significados	Observação simples, entrevistas e grupos focais
Camilo	Narrativas identitárias de jovens lésbicas e bissexuais	<i>Self</i> Dialógico	Observações etnográficas, análise de documentos e entrevistas narrativas autobiográficas
Salgado	Sufrimento ético-político da população LGBT em situação de rua	Afetividade e Sofrimento Ético-político	Entrevistas semidirigidas
Neves	Significados atribuídos por professores a projetos voltados a diversidade sexual	Sentidos e Significados	Entrevistas semiestruturadas
Coelho	Sentidos atribuídos por professores de Ciências e alunos à diversidade sexual	Sentidos e Significados	Questionários, entrevistas, produção de textos, análise documental e grupo focal
Etengoff, & Daiute	Uso de ferramentas religiosas	Ferramentas culturais e mediação	Entrevistas semiestruturadas
Etengoff & Daiute	Práticas Religiosas	Ferramentas culturais e mediação	Entrevistas semiestruturadas
Esperança, Silva & Neves	Sentidos e significados de docentes sobre a homossexualidade	Sentidos e Significados	Entrevistas semiestruturadas
Etengoff & Rodriguez	Práticas religiosas	Ferramentas culturais e mediação	Entrevistas semiestruturadas
Vasconcelos	Formação Docente e as relações de gênero e suas interseccionalidades	Sentidos e Significados	Encontros formativos e questionários
Amaral	Masculinidade Gay na Escola	Dimensão Subjetiva da Realidade	Duas conversações com dois grupos de adolescentes
Fernandes	Enfrentamento das violências nas escolas	Afetos	Teatro Social dos Afetos
Meireles	Expressões da heteronormatividade	Sentidos Subjetivos	Espaços conversacionais em quatro encontros com cinco jovens

De modo geral, esses estudos propõem a psicologia histórico-cultural como o principal expoente teórico e fazem uso da sua concepção de desenvolvimento humano, em que o social assume grande relevância. Como afirma Souza (2016, p. 13):

o social, na abordagem da Psicologia Histórico-Cultural, não influencia o desenvolvimento como um aspecto dado, mas é o próprio desenvolvimento, visto ser o provedor dos modos de ser e agir do sujeito, que no próprio processo de apropriação os converte em seus próprios modos de ser e agir.

Nesse sentido, esteve implicada essa concepção para apreensão dos fenômenos investigados, ainda que, fizessem aproximações com outras perspectivas teóricas, as quais estavam diretamente articuladas com as proposições vigotskianas, ou teorias críticas que dessem conta de discutir conceitos como a sexualidade, heterossexualidade, religião e a formação docente. Por exemplo, Meireles (2020) descreve que fez uso Epistemologia Qualitativa, Teoria da Subjetividade e Método Construtivo-Interpretativo proposto por Fernando González Rey; Vasconcelos (2018) articulou as discussões da teoria histórico-cultural com os trabalhos de Leontiev e Engeström; Fernandes (2019) realizou discussões a partir das ideias de paixão, potência e afeto na filosofia de Espinosa; Salgado (2011) deu destaque a concepção de sofrimento ético-político proposto por Bader Sawaia, para a discussão das informações coletadas com os jovens em situação de rua.

Esses são alguns exemplos de articulações teóricas e metodológicas que foram utilizadas nas produções, as quais possibilitaram fundamentar o método e as escolhas dos procedimentos, e também, a construção analítica. Além desses aspectos, as diferentes apropriações da psicologia histórico-cultural parecem contribuir para a delimitação dos construtos teóricos que permitem entender como os sujeitos vivem, percebem e tomam para si, os fenômenos investigados. Na tabela 3 é possível visualizar a recorrência de conceitos da teoria, com destaque aos sentidos, significados, mediação, ferramentas culturais, afetos, e

além desses, formulações teóricas de pesquisados contemporâneos de Vigotski, quais sejam, *self* dialógico, sofrimento ético-político e dimensão subjetiva da realidade.

Como lembram Souza e Arinelli (2019) a teoria vigotskiana tem em si grande complexidade para a compreensão do desenvolvimento humano e na apreensão de seus processos investigados, o que exige estudos permanentes. Nesse sentido, não nos ateremos à explicitação de cada um dos conceitos, dado o objetivo desta revisão integrativa, mas a diversidade conceitual abre espaço para refletirmos acerca do que seria próprio, ou até mesmo, o que deve caracterizar os estudos e investigações na Psicologia Histórico-Cultural.

Na tentativa de responder a essa questão, retomamos as reflexões de Nikolai Veresov, estudioso das obras de Vigotski, ele afirma que “a teoria de Vigotski é um sistema de conceitos teóricos” (Fontes et al, 2019, p.8). Veresov ao discorrer sobre o que seria o núcleo duro da Psicologia Histórico-Cultural nos oferece algumas pistas ao dizer que “o núcleo duro é a gênese sociocultural da mente humana, que é o processo de desenvolvimento de funções mentais superiores, que é o processo de como o social se torna o indivíduo.” (Fontes et al, 2019, p. 8). Portanto, em diálogo com o autor, podemos compreender que a utilização da Psicologia Histórico-Cultural para apreensão de diferentes fenômenos sociais, implica conhecer a complexidade conceitual que deve se orientar para explicar o processo de gênese sociocultural da mente humana. Nesse sentido, nos questionamos: os estudos científicos que temos desenvolvido com o aporte teórico-metodológico da Psicologia Histórico-Cultural tem possibilitado tornar visível o desenvolvimento histórico e cultural de pessoas LGBTI+?

Por último, destacamos os fenômenos sociais relacionados à diversidade sexual que foram alvo das intervenções nos estudos científicos. Ao se atentar para os temas que aparecem na coluna da tabela nomeada como objeto de estudo, notaremos a preocupação com o modo que adolescentes e jovens vivenciam a sua orientação sexual, ainda que diretamente tenham sido desenvolvidas ações com professores, familiares e médicos. A centralidade dos

espaços educativos nas pesquisas brasileiras colaborou para que houvesse investigações com os professores em estudos que se direcionaram para os sentidos e significados atribuídos por esses profissionais à homossexualidade, à diversidade sexual, às relações de gênero e suas interseccionalidades com orientação sexual, raça, e gênero, e aos projetos voltados a diversidade sexual.

Nessas pesquisas a escola aparece como espaço onde ocorrem múltiplas violências, dentre elas a homofobia, e também como o contexto onde podem ser discutidas formas de enfrentamento de tais condições. A formação do professor é colocada em evidência, tendo em vista que podem atuar com a reprodução de práticas homofóbicas, mas também, intervir diretamente com novas ações. Diante disso, nas pesquisas foram realizadas entrevistas, aplicado questionários, grupos focais e a criação de espaços formativos, tal como indicado na tabela 3.

Além dos professores, os jovens estudantes foram alvos de discussões acerca da construção da masculinidade gay na escola pública e privada (Amaral, 2019), e das expressões da heteronormatividade no contexto universitário (Meireles, 2020), ambas as pesquisas olham os contextos educativos, da escola à universidade, como instituições que reproduzem as contradições sociais, assim como, as desigualdades sociais, cerceadas pela heteronormatividade na sociedade capitalista. Munidos de tais reflexões, essas recentes pesquisas instigam reflexões sobre a constituição da masculinidade e das homossexualidades de jovens gays cisgênero no contexto histórico e social atual.

Os artigos científicos de Etengoff e Daiute (2014, 2015) e Etengoff e Rodriguez (2017), discutem as experiências de jovens gays e os atravessamentos da experiência religiosa, bem como as concepções de seus familiares e de profissionais da saúde, especificamente, médicos, discutindo o uso de ferramentas religiosas como mediadores da vivência de ser jovem gay. Outras problemáticas sociais foram consideradas, como a

educação e prevenção do HIV nas experiências de jovens LGBTI+ (Welle & Clatts 2007), o significado de adolescência para jovens EMO, onde aparecem as dissidências sexuais no modo como narram o ser adolescente (Leite, 2010), as narrativas identitárias de jovens lésbicas e bissexuais participantes de coletivos feministas (Camilo, 2010), e também o sofrimento ético-político da população LGBT em situação de rua (Salgado, 2011).

Dado o objetivo desta revisão, apontamos como desafios futuros aprofundar nas discussões e resultados encontrados nesses estudos, e tensionar as informações narradas com as formulações teóricas e práticas de outros campos de saber, tais como, a antropologia e a sociologia, e também, discutir quais marcadores sociais da diferença têm sido mobilizados para as reflexões. Contudo, nesta revisão foi possível visualizar que na última década aparecem os estudos interessados em discutir as vivências LGBTI+ a partir da Psicologia Histórico-Cultural, e essa aproximação com o tema tem sido feita de modo a valorizar os contextos coletivos e as relações sociais para o entendimento de como o social tem constituído as individualidades de jovens LGBTI+.

A escolha pelos contextos educativos revela que o momento da adolescência e juventude tem sido priorizado nas investigações, sendo um período em que sobressaem as problemáticas sociais relativas ao vivenciamento da orientação sexual. O que evidencia novos desafios, como por exemplo, considerar outros momentos do desenvolvimento humano, e também, outras identidades de gênero e orientação sexual, que não se restrinjam as cisgeneridades, homossexualidades e bissexualidades.

Em síntese, as diferentes investigações, revelam que a teoria histórico-cultural de Vigotski tem sido utilizada pelos pesquisadores privilegiando diferentes ferramentais conceituais para apreender as situações concretas vividas pelos sujeitos que escapam da heteronormatividade, sobretudo, diante de fenômenos sociais do atual momento histórico. Diante dessas informações, nos questionamos acerca dos motivos que distanciam os



estudiosos de outras áreas do conhecimento, assim como, na psicologia e educação, das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural sobre a constituição do psiquismo humano. Sobretudo, ao constatar que a sexualidade e as dissidências sexuais são construídas social e culturalmente, e participam ativamente no modo de pensar, ser e agir de todas as pessoas.

Seguindo o percurso desta pesquisa, no próximo tópico nos debruçaremos sobre a compreensão do papel e da influência do ambiente social no curso do desenvolvimento humano, em especial, diante do meio social marcado pela heteronormatividade. Buscamos avançar nas discussões feitas a partir da Psicologia Histórico-Cultural, e recuperar a noção de drama e situações dramáticas como constituintes do processo de tornar-se humano, que têm em sua base os afetos e a imaginação.

## AFETOS, DRAMA E IMAGINAÇÃO EM DIÁLOGO COM PELO MALO

Neste momento, nos dedicaremos à tarefa de compreender o papel da orientação sexual no processo de desenvolvimento humano com a orientação teórica da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski. Nos próximos parágrafos insistimos na proposição de diálogos que possibilitem ao leitor, instrumentos para que possam assumir o papel de interlocutor, e assim, participar desse processo de ler-ver a construção teórica, conceitual e prática, que aproxima Psicologia Histórico-Cultural e o tema da orientação sexual.

Ainda no início do processo de adentrar ao campo de estudos e pesquisas sobre as dissidências sexuais, fui convidado a viver esteticamente esse tema, deixando de lado, a soberania da racionalidade, em detrimento dos aspectos afetivos e emocionais que direcionam as nossas escolhas por temas de pesquisa. Participam desse movimento as conversas cotidianas, onde um amigo disse que a pesquisa o fez lembrar-se de um filme, chamado *Pelo Malo*, cuja tradução para o português equivaleria a *Cabelo Ruim*. Sem a pretensão de encontrar muitas relações com este estudo, me dispus a assistir, e me surpreendi ao ser afetado intimamente pelo enredo dramático do filme.

Pouco tempo depois, na realização dos encontros de arte do grupo de pesquisa, que aconteceram virtualmente em decorrência da pandemia, me voluntariei para levar o filme e propor discussões sobre a apreciação dessa materialidade artística e a Psicologia da Arte de Vigotski. Desse movimento, surge esse texto, com reflexões construídas de modo coletivo e colaborativo, que direcionaram para o diálogo com a arte, ou seja, com *Pelo Malo* e os personagens da trama, como uma possibilidade de fazer ver a construção teórica e conceitual deste estudo, e sobremaneira, assegurar a participação dos afetos no processo de tecer uma pesquisa científica.

A obra cinematográfica *Pelo Malo* foi lançada no ano de 2013 na Venezuela, com a direção e roteiro de Mariana Rondón. A cada cena, nota-se o cuidado da cineasta, para inserir

os espectadores nas complexidades do cotidiano de Júnior (interpretado por Samuel Lange), um menino de nove anos, negro, baixa estatura e dedicado a alisar o seu cabelo para o anuário da escola. Ele mora com a sua mãe, Marta (interpretada por Samantha Castillo) e o irmão de poucos meses, em um conjunto habitacional localizado em uma região periférica, na cidade de Caracas na Venezuela. Marta é mulher, viúva, e podemos percebê-la como uma mulher negra, que lida com o desemprego, e também, cuida de seu filho de poucos meses.

A escolha dessa materialidade para dialogar e trazer a exposição teórica está entrecruzada com o modo como fomos afetados pela sensibilidade da obra, o que envolve os nossos olhares lançados sobre *Pelo Malo* e, em outra perspectiva, os questionamentos levantados sobre o olhar de Júnior, especificamente, sobre “o que Júnior vê da sua janela”. Na apreciação da arte, nós utilizamos um olhar que supera o contato elementar com a realidade artística e como afirma Jorge Coli (1995, p.125), “é fundamental [...] o nosso discorrer sobre a obra”.

A fala do historiador de arte está situada na compreensão de que estamos em contato frenético com diferentes imagens no dia a dia e, diante desse pragmatismo, “perdemos o hábito do olhar que analisa, perscruta, observa.” (p.122). Desse modo, partimos de uma das premissas vigotskianas, é necessário “olhar de novo, para ver o novo”, para descobrir o que não surgiu à primeira vista, assim como diz Aduino Novaes (1998, p. 9) “o olhar deseja sempre mais do que o que lhe é dado a ver.”.

Ainda sobre a apreciação da obra de arte, Vigotski (1924/2001, p.342) diz que “uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar a nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos”. Portanto, baseados nessas reflexões, esse é um convite para conhecer os construtos teóricos que sustentam e fundamentam este estudo, em um movimento de desvendar os olhos e, também perscrutar no mundo de Júnior por meio do seu olhar, facilitado pelo diálogo com essa materialidade

artística, que se tornou significativa no processo de apreensão do tema desta pesquisa e, em especial, na aproximação com os afetos que emergem na relação entre expectador e a obra, situados como vivência estética.

Voltemos à questão anterior, “o que Júnior vê da sua janela?”. Partimos do pressuposto de que, em um primeiro momento, o que ele vê, nos é invisível, em alguma medida é desconhecido para os expectadores o que ele vê, pensa e sente, mas, podemos pensar com Jorge Coli (2020), que ao falar sobre a arte, diz que ela é “como o sonho, é falsa, mas nos faz acreditar em sua verdade. Com isso, leva-nos a entender melhor aquilo que chamamos de real e nos ajuda a conviver com ele”. Assim, existe uma dimensão da arte que nos afeta de modo a ampliar o olhar sobre a realidade apresentada no filme, sem perder de vista a nossa própria cotidianidade, favorecendo uma nova relação com o real. Coli complementa que “a arte é representação, no sentido de reapresentação. Ela retoma o visível para revelar o invisível”. Sendo assim, uma nova questão que nos toma é o que permanece invisível na representação da vida de Júnior.

Na trama, não conseguimos visualizar diretamente os seus olhos, são raros os momentos que ele externaliza seus pensamentos por meio da fala, o que faz parecer que Júnior é um menino que apresenta certa passividade, despreocupado ou até mesmo, apático. O que se complementa com a expressão visual do filme, que conta com cores em tons pastel, isto é, com cores pálidas e com baixa saturação, em que a melancolia poderia ser um afeto ali representado. A respeito disso, carece de reflexão sobre como as infâncias e adolescências têm sido percebidas, como olhamos para esses sujeitos?

Além disso, a trilha sonora é composta por duas músicas somente, uma delas é o conhecido “Meu limão, meu limoeiro” e a outra, uma música desconhecida que aparenta ser um lançamento recente muito tocado nas mídias. Em meio a essa contradição, entre forma e conteúdo, voltamos ao questionamento sobre o que Júnior vê, e notamos que as cores e as

músicas compõem a construção sobre o que ele poderia olhar, perceber e compreender sobre a sua vida cotidiana. A falta da melodia constante durante o filme parece nos jogar sem direito à volta, no cotidiano vivido por Júnior.

Nos parágrafos que seguem buscamos explorar e refletir sobre as complexidades do cotidiano desse personagem, que se aproximam das vivências da orientação sexual nas relações intersubjetivas de Júnior. A nossa proposição não é oferecer uma análise crítica da obra, o que fugiria da nossa alçada, enquanto psicólogos, mas compartilhar uma narrativa sobre os afetos que apareceram ao estar em contato com o filme, que se constituiu como uma vivência estética e, isso se faz com uma intencionalidade, a de problematizar o enlace entre o desenvolvimento humano, os afetos e dramas decorrentes da vivência da orientação sexual, embasados na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski.

Nesse sentido, convidamos o leitor-expectador para compor o diálogo com a obra *Pelo Malo*, sobretudo, com Júnior e Martha, a sua mãe. As reflexões que tecemos não são reduzidas como únicas possibilidades de significar a trama, por isso, sugerimos que acessem o filme, pois o que narramos não é o filme em si, mas os afetos que porta a obra filmica, e por falar em afetos, eles se constituem na relação entre o pesquisador-obra, bem como, pesquisador-obra-grupo de pesquisa. Portanto, com esse texto buscamos comunicar os marcos teóricos que orientam a pesquisa, por meio de diálogos com *Pelo Malo*, inspirados nas proposições de Vigotski.

### **Sobre o olhar do outro e olhar pra si**

Parece-nos que será pela aproximação com a realidade vivida cotidianamente por Júnior e a sua mãe que poderemos atribuir algum sentido sobre o que ele vê. O que temos denominado como cotidiano, se constitui como o meio social imediato que Júnior está inserido, envolto por diferentes relações sociais, oriundas de contextos familiares, da

comunidade que vive e a vida escolar, que mesmo distante afeta sumamente sua conduta, o que pode ser observado pelo seu engajamento em alisar o cabelo para a foto a ser enviada à escola.

Na obra cinematográfica, a diretora e roteirista Mariana Rondon, dá vida a relação entre Junior e a sua mãe, em um jogo de cenas que, ora traz a realidade social e política venezuelana e, ora lança luz à rotina cotidiana e íntima vivida por essa família. Esse movimento de aproximação e distanciamento convida ao espectador para observar a relacionalidade sendo construída, permeada por uma gama de afetos, marcados por conflitos, afeição, cuidado e desamparo. No entanto, são as questões ligadas à sexualidade e gênero que compõem o fio condutor de toda a trama, e quem vê e assiste é colocado sem pudor nesse contexto, tendo que construir para si, narrativas de possíveis sentidos que podem ser vividos e/ou atribuídos junto à obra.

Agnes Heller (1972) foi uma estudiosa do cotidiano, e o situa em um complexo social, marcado pelo pragmatismo, repetitividade, normas e estereótipos, os quais, na história de Júnior, esses processos sociais incorporam as questões relacionadas a gênero e a sexualidade que vão ganhando destaque ao longo da trama. Heller (1972) afirmou que toda pessoa “necessita, inevitavelmente de uma certa dose de conformidade” (p.46), que permite a sua integração e participação nas relações sociais, como por exemplo, o processo de conformarmos com a classe social em que somos socializados desde a infância.

Entretanto, quando se transforma em conformismo, isto é, aceitar a vida cotidiana tal como ela é, sem reflexão, lidamos com as problemáticas das ultrageneralizações, que na perspectiva da filósofa, são entendidos como um juízo provisório ou uma regra provisória de comportamento, que se apresentam no pragmatismo e repetitividade do cotidiano, como algo correto ou verdadeiro. Nesse sentido, destacamos a naturalização do reconhecimento da identidade de gênero e a orientação sexual, que são regulados e normatizados desde o

nascimento, dada a expectativa social, de todo sujeito corresponder à coerência e linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo, tal como discutido por Judith Butler (2019). Para Heller (1972), esse processo de conformismo e não questionamento aos juízos provisórios constitui a formação dos preconceitos na esfera da cotidianidade.

Assim como Júnior, fazemos parte desse mesmo cotidiano constituído por processos sociais que à primeira vista são nebulosos e de difícil compreensão e dele não temos escapatória. Podemos aproximar essa percepção, com o modo como ocorre o desenvolvimento humano, tal como proposto pela Psicologia Histórico Cultural de Vigotski, que parte de condições materiais as quais, em um primeiro momento do desenvolvimento, não temos domínio ou escolha, como por exemplo, não podemos escolher a família aonde nascemos, as cargas genéticas, a classe social e outras inúmeras condições sociais e econômicas que ao nascer nos são estranhas (Delari Jr, 2013). Ainda assim, a maneira como cada pessoa vai se constituindo e participando das relações sociais, quais são as possibilidades de alcançar outras significações e conceitos construídos na espontaneidade do cotidiano?

A respeito disso, em *Pelo Malo* nas idas e vindas de Júnior, podemos ver com os seus olhos, as desigualdades e a trama política que marcava a Venezuela e a vida de Júnior e sua mãe, com grande destaque ao período regido pelo presidente Hugo Chávez, sobre o qual, a cineasta enfatiza o seu tom autoritário e o fracasso na implantação da reforma política com ideais socialistas que teve início no ano 1999 e encerrou em 2013, ano da sua morte. Não aprofundaremos a análise desse contexto político, mas teceremos algumas reflexões sobre como esse contexto de desigualdades sociais eram sentidas nas vivências de Júnior e de sua mãe.

As ultrageneralizações e o preconceito citados nos parágrafos anteriores aparecem desde o começo da obra, por exemplo, quando Martha trabalhava como empregada doméstica

na casa de uma mulher branca de classe média, e por não ter condições financeiras de pagar alguém para cuidar de Júnior, o levava para o trabalho. A cena cotidiana que nos foi apresentada mostra a sua patroa irritada ao ver Júnior na sua *jacuzzi*, o que acarretou na demissão da sua mãe. Nesse contexto vemos as questões relativas à classe, gênero e raça interseccionadas, ao olharmos Martha, uma mulher negra e de classe social pobre, ser alocada ao lugar da subalternidade e do estranhamento, juntamente com Júnior, percebidos pelo olhar branco como se fossem pessoas impuras, sob a construção racista e higienista que vão constituindo o modo como Júnior e Martha podem perceber a si mesmos (hooks, 2019b).

Essas situações conformam a situação social que constitui o pensamento e a imaginação de Júnior e Martha sobre si mesmos, assim como afeta diretamente à ação desses sujeitos sobre a realidade vivida. Diante dessa situação apresentada, podemos notar que a situação de desemprego marca a trajetória dessa família, além da violência que findou a vida do pai de Júnior, citada brevemente em uma cena. Ao acompanhar a rotina dessa família, percebemos que essas questões se adensam diante da construção de papéis sociais, que podem e/ou devem ser assumidos, por todos os personagens, sobre os quais, as noções de masculinidade e feminilidade ganham espaço, visto a percepção sutil que ecoa das mulheres que se encontram em situação de vulnerabilidade social, que lamentam a morte do marido, em particular, Carmen, a avó, lembra a falta que o homem faz para Marta cuidar de seu filho, o que poderia diminuir a potência e agência dessas mulheres, ao imaginarem que a figuração do Homem, as salvariam de tais desigualdades sociais.

A luta diária para sobreviver às crises econômicas e diferentes formas de violência afetam sobremaneira esses sujeitos. Esses acontecimentos compõem uma determinada situação social de desenvolvimento, conceito caro a teoria histórico-cultural, que diz sobre situações concretas vividas por cada sujeito e constituem modos de ser, pensar, imaginar e agir sobre a realidade (Vigotski, 1934/2006). Ao falar de constituição de sujeitos em/através



de relações sociais, existem dimensões sentidas e vividas que podem parecer invisíveis aos nossos olhos, mas estão ali presentes. Podemos imaginar que o conformismo junto ao preconceito produzido pela vida cotidiana, impossibilita perceber a inter-relação de contextos e as normas que afetam a nossa identidade.

Desse modo, se em um primeiro momento não temos domínio sobre as situações a nossa volta, à medida que vamos sendo socializados, isto é, inseridos na cultura e nos apropriando dela, por meio das relações sociais, vamos significando os signos e os outros a nossa volta, o que favorece inúmeras possibilidades de ser e existir. O que antes era condição material, na qual estávamos submetidos em uma postura reativa, sem escolha sobre a sua inclusão na nossa trajetória de desenvolvimento, ela passa a fazer parte do que somos e no colaborativo se criam uma luta de motivos e necessidades. Nessa trajetória, os afetos estarão sempre presentes, e em uma perspectiva espinosana, o filósofo conta que “Por Afeto entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida” (Espinosa, 1677/2018, p.237). Assim, como essas vivências cotidianas têm afetado Júnior e a sua mãe?

Em meio à dureza vivida no cotidiano por Martha e Júnior, parece que resta uma postura conformista, o que Heller discorre ser entendida como uma participação na reprodução social pela norma do “mínimo esforço”, cumprindo as “necessidades normais”, conservando os juízos provisórios, sem questioná-los e refutá-los (Heller, 1972). Contudo, nos parece que quando se trata de expressar uma identidade de gênero e/ou orientação sexual que não condiz com a matriz heterossexual e do gênero inteligível, somos jogados no cotidiano a pensar, questionar e refutar essas vivências. Ainda mais, essas vivências da sexualidade subversiva questionam o conformismo e a conservação de uma normatividade presente no cotidiano, que endurecem e limitam as nossas possibilidades abertas de constituirmos como sujeitos.

No desenvolvimento da infância à adolescência, podemos observar cenas do cotidiano em que os sujeitos são interpelados por normas socialmente construídas, sendo o corporemente, compreendidos como únicos, inteiramente afetados. Essas afecções, as imagens que se apresentam na relação com o outro da cultura, gera o aumento ou diminuição da nossa potência de ação, diante disso nos questionamos: como concorre na postura de uma criança e adolescente um meio que apresenta padrões rígidos de vivenciar o gênero e a sexualidade? Como esse sujeito pode se relacionar consigo mesmo e com o outro sendo afetado pelo silenciamento da sua singularidade?

Mas, por que tomamos essa dimensão nessa narrativa? Júnior se expressa de modo distante da masculinidade hegemônica, como podemos notar na obra, ao dançar, seus movimentos são leves, ele se permite erguer os braços e sentir de forma singular, o que difere dos meninos em sua volta que estavam usando passos mais rápidos, agressivos e agitados. Situação que preocupa a sua mãe, e, além disso, há a sua angústia diante da inquietação de Júnior com o seu cabelo, que tenta diferentes formas de alisamento, com óleo de cozinha e maionese, por exemplo. Cabe-nos aqui, refletir sobre as normas sociais que afetam como Júnior percebe a si mesmo e a sua mãe o percebe, se constituindo como situações dramáticas.

Tomamos a sexualidade como uma dimensão da vida cotidiana, que atua entre as noções do visível e do invisível, visto que há modos de expressão da sexualidade que são aceitáveis e permissíveis em diferentes esferas do social, o que não impede que aqueles/as que não se conformam com a normatividade da sexualidade e gênero não possam coexistir na cotidianidade. Podemos observar nos estudos de Michel Foucault (1994) e sua obra *História da Sexualidade*, na qual é abordado o problema político da sexualidade, conforme sintetizado por Safatle (2017, p.348):

já que dizia respeito tanto à experiência dos corpos quanto a questões de gestão populacional (como aquelas questões ligadas à análise da taxa de natalidade, à idade

do casamento, aos nascimentos legítimos e ilegítimos, à precocidade e à frequência das relações sexuais, ao efeito do celibato e das interdições, à incidência de práticas contraceptivas).

Desse modo, a sexualidade toma diferentes espaços da vida cotidiana, por meio de políticas públicas que regulam corpos e modos de organização social, sendo esses modos de gestão da vida que levam a incitação do sexo como discurso. Ao tomar a sexualidade como discurso, Foucault (1994) diz que não há uma repressão, mas a apropriação do discurso científico e médico, que propõe o que seria a normalidade. Essa noção nos possibilita se aproximar de outro aspecto que envolve a sexualidade que diz sobre a constituição de identidades, em que os modos de experimentação de si, quando se fala o que é permitido ou não em relação ao corpo, aos prazeres e ao sexo, evocam determinados modos de se identificar e se reconhecer como sujeitos.

Butler (2019, p.42) discorre que “as pessoas’ só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero.” A autora propõe a existência de gêneros “inteligíveis”, que são aqueles que “mantêm coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”. Podemos citar Júnior como exemplo, para ser considerado com uma identidade de gênero inteligível, ele deveria atender o sexo (órgão sexual masculino), gênero (ser homem), prática sexual (heterossexual) e desejo (sexual pelo feminino). Desse modo, ao atender essa coerência, a sua performance de gênero corresponderia ao ideal da masculinidade em uma sociedade sexista e patriarcal.

Para Butler (2019), seguir essa matriz de inteligibilidade corresponde ao sistema da heterossexualidade, que naturaliza o desejo e a prática sexuais, como sempre direcionados ao sexo oposto, o que implica corresponder a sua identidade de gênero ao seu sexo biológico. Logo, as atitudes de Júnior que relatamos acima, são consideradas incoerentes, não conformes e subversivas com a normatividade que propõe o gênero inteligível, o que

impedem o seu reconhecimento como sujeito, que desvaloriza a sua singularidade, nas relações sociais cotidianas. Nesse percurso que temos narrado percebemos que a sexualidade está presente no nosso dia a dia, mas, como ele é vista e percebida na infância e adolescência? Como ela é silenciada? É possível silenciar a sexualidade? Como esses processos afetam o adolescente?

Até o momento, temos discorrido sobre como as normas sociais comparecem nas vivências representadas em *Pelo Malo*. Nas quais, são reguladas formas de pensar, imaginar, sentir e agir sob a precarização no acesso ao trabalho para os mais pobres, da violência cotidiana nas periferias das cidades e da normatização do gênero e da sexualidade, configurando situações sociais de desenvolvimento, envoltas por situações dramáticas. Essas experiências são tomadas em interseccionalidade, em que gênero, classe, raça e sexualidade se constituem mutuamente conformando um modo de ser e viver nas relações cotidianas. Percebemos a normatividade que se instaura no cotidiano, reproduzindo preconceitos que afetam o outro e a si mesmo e, sobretudo, tendem a manter os sujeitos no lugar da passividade, da impossibilidade de se reconhecer como sujeito por inteiro.

Entretanto, essas normas sociais não estão localizadas em um campo abstrato, elas estão presentes e se perpetuam nos contatos humanos e nas relações intersubjetivas. Se por um lado, há a insistência da repetitividade no cotidiano que facilita a manutenção da heterossexualidade, por outro, esses mesmos discursos e proibições na cultura produzem identidades subversivas, as quais Butler (2019, p. 44), define como a criação de “oportunidades críticas de expor os limites e os objetivos reguladores desse campo de inteligibilidade”.

Desse modo, essas condições nos fazem questionar como reconhecemos o confronto com as normalidades postas pelo meio. Não existimos no cotidiano de forma passiva, ainda que as práticas normativas busquem colocar sujeitos no lugar da passividade, defendemos

que à medida que cada sujeito se desenvolve, apropriando da cultura, se criam motivos e necessidades, que se confrontam no encontro com o outro das nossas relações (Souza & Arinelli, 2019). A orientação sexual e a identidade de gênero não são substâncias abstratas, mas se constroem com/na cultura, pelo modo como somos afetados pelas relações, nesse sentido, as subversões das normas são criadas das afetações vivenciadas nas relações intersubjetivas.

A intersubjetividade passa pelos processos de significações, os quais envolvem como somos percebidos pelo outro e, como nós percebemos a si mesmos, a partir do olhar do outro. Assim sendo, existe uma situação social, que sempre é real e concreta, de compartilhamento de significados, que atua no avanço do desenvolvimento humano, nos apropriando de novas formas de conhecimento de si e do outro, em que imaginação está sempre presente (Tateo, 2018). A respeito desse lugar do outro, Butler (2015, p.29), discute que “talvez somente pela experiência do outro, sob a condição de termos suspenso o juízo, tornamo-nos finalmente capazes de uma reflexão ética sobre a humanidade do outro, mesmo quando o outro busca aniquilar a humanidade.” Diante disso, nos questionamos, quais condições são necessárias para tomarmos a experiência do outro? Quais são as possibilidades de imaginação sobre a experiência do outro a partir do que vivemos?

Com essas reflexões percebemos que o desenvolvimento humano passa pela socialização primária envolta de normas sociais e não trata somente da percepção de si mesmo, mas é dessa percepção de si construídas em diferentes relações sociais, onde torna possível conformar os modos de sermos e agirmos. Segundo Vigotski (1929/2000, p.26):

qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos – primeiro no social, depois no psicológico, primeiro entre as pessoas como categoria interpsicológica, depois – dentro da criança.

Desse modo, as situações sociais narradas acima, atuam como condição para o desenvolvimento histórico-cultural do psiquismo humano, isto é, a heteronormatividade e aos demais atravessamentos sociais, compõem o modo como Júnior se relaciona com sua própria sexualidade, apropriado por diferentes mediadores culturais que evocam como ele pode ser e agir. A respeito disso, articulamos com a proposição de Vigotski (1929/2000, p.35) “a dinâmica da personalidade é o drama”, e este último é compreendido como processo dinâmico de conflitos e luta interior, como afirma Delari Junior (2011, p. 185) “noção de conflito, trata-se, na concepção de Vigotski, de algo que somente um ser humano concreto pode viver, por conta dos diferentes impasses que ele vivencia somente como ser social”.

Na Psicologia Histórico-Cultural, tal como discutido por Delari Junior (2011, p. 182), “o “drama” situa-se em uma “região de fronteira”, no limiar entre psicologia e arte”, e dessa aproximação surge a possibilidade de pensar o ser humano como “ator”, que no drama de suas relações sociais assumem determinados papéis sociais. Delari Junior afirma que “mais que um papel se choca, colide em nós num mesmo momento e situação social, numa mesma vivência, única e contraditória” (p. 193). Nesse sentido, as relações intersubjetivas presentes nas situações sociais de Júnior o colocam para atuar, isto é, agir nas suas relações, assumindo diferentes papéis sociais. Contudo, quais são as possibilidades que o meio oferece para assumir diferentes papéis na colisão com outros que impedem a vivência da orientação sexual dissidente? Quais são os caminhos e mediações possíveis para imaginar a ruptura com condições que afetam de tal forma que diminuem a potência de agir e existir?

### **Júnior e os outros, os outros e Júnior**

Gostaríamos de fazer algumas considerações sobre o caminho até aqui percorrido, do qual temos nos empenhado em “conversar com a arte”, que é uma conversa com nossa

própria condição humana, a qual implica o processo constantemente de relação com outros, sempre em afetação. Existe algo de especial nesse movimento, que trata da mudança que a relação com a arte torna possível, por meio dela compreendemos e vemos a imagem do invisível, para isso lançamos mão a todo o momento da imaginação.

Podemos imaginar a realidade vivida por Júnior, em *Pelo Malo*, mas também, esperamos que essa materialidade faça olhar algo na nossa própria realidade que não se revela, mas a arte nos abre um espaço para que possamos entrar e por meio da imaginação, pensar e viver outras experiências. A imaginação nos possibilita conhecer o mundo e a nós mesmos, sobre isso, Novaes (1990, p.15), diz “o homem, depois de provocar a imaginação, não sabe como se livrar dela, e quanto mais pensa e deseja a partir dela mais alucina”, é por isso, que a imaginação nos leva ao invisível e a construção de novas possibilidades, e por meio da linguagem podemos conhecer as causas do que pensamos e imaginamos.

Ao nos aprofundarmos na história de Júnior, começamos a abandonar a primeira percepção que tínhamos sobre o seu posicionamento nas relações vividas por ele, não se trata mais da passividade, mas do drama do desenvolvimento que se inicia, inevitavelmente, ao entrar em contato com as situações sociais, que se repetem e conformam nosso modo de perceber e imaginar a realidade. O desenvolvimento, na perspectiva que assumimos, tem em sua posição ontogenética, que o desenvolvimento sempre irá acontecer e em direção a todas as possibilidades, onde o sujeito negocia o contexto por ele vivenciado para assumir diferentes papéis sociais.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, o desenvolvimento se dá à medida que apropriamos dos instrumentos da cultura e da própria cultura, que possibilita o movimento contínuo de passagem das funções elementares para as funções psicológicas superiores, que constituem o psiquismo humano. As funções psicológicas se organizam em

uma relação interfuncional, Pino (2005) destaca que a essa relação foi à relação vivida com outras pessoas, isto é, me relaciono comigo tal como as pessoas se relacionaram comigo.

Nesse sentido, a palavra é um signo fundamental para entender como essas funções comparecem no drama do desenvolvimento, para Vigotski (1934/2009a), ela é o signo por excelência, pois por meio dela pode-se controlar o comportamento dos outros e o seu próprio. Primeiro, fazemos uso da palavra para nos comunicarmos com outras pessoas, ou seja, para afetar os outros, somente depois, atua sobre nós mesmos. Mas, afinal, como a palavra atua nas suas relações? Que significações Júnior atribui às situações vividas com os outros? Como a sua imaginação atua?

Nas cenas cotidianas apresentadas na obra, tem em seu campo intersubjetivo, a sua mãe, a amiga, chamada de a menina, a sua avó Carmem (interpretada por Nelly Ramos) e o jovem responsável pela mercearia que Júnior observa da sua janela. Cada uma dessas relações possibilita que ele imagine e pense sobre si mesmo, e desse modo, recursivamente vai se apropriando do seu meio. Quando ele se apropria da linguagem, liberta-se da realidade empírica e agiliza a imaginação, e nisso, suas possibilidades de ação e pensamento dão um salto qualitativo, não no sentido de desligar-se da realidade, mas as suas experiências vividas e sentidas possibilitam imaginar “como se” (Souza & Arinelli, 2019). A necessidade Júnior de alisar o cabelo, sobre o qual, podemos supor que ele imagina “como se” ele fosse o cantor do cabelo liso, talvez desse modo ele pudesse aceitar o seu cabelo e sua imagem visual para a foto da escola, e também assumir um papel social que traria a aceitação do seu modo de ser e se expressar.

Júnior segue negociando com a sua realidade, buscando encontrar formas de atribuir significações sobre o que ele vivencia e é considerado “errado” e “anormal”, manifesto em situações nas quais a mãe o olha com desaprovação, senta em lugar diferente no ônibus e cogita deixá-lo aos cuidados da avó. Nessa trajetória, ele se encontra com os outros que dão



pistas para ele sobre como ele pode se imaginar e pensar sobre si mesmo. A sua avó, ao perceber o comportamento de Júnior, supõe que ele é “diferente”, remetendo a homossexualidade, por isso, ela se engaja em auxiliar Júnior a escovar e alisar o cabelo e, também, costura uma roupa pra ele, vestindo o personagem do cantor, que tanto queria parecer para a sua foto.

Contudo, se são essas vivências que constituem a imaginação de Júnior, não podem deixar de lado a possibilidade subversiva da imaginação, que não se trata da reprodução da realidade, mas a partir do enlace emocional, subverte-se a realidade (Vigotski, 1930/2009b). Júnior, lida com um importante aspecto da imaginação, a saber, ela se liberta do empírico, do mundo concreto, e as suas negociações com o meio podem favorecer outros modos de viver e imaginar um futuro pra si. Na trama, Júnior não concorda com as imposições da avó, sobre o modo que ele deveria se vestir, cantar e ajeitar o seu cabelo, o que Carmem imaginava para ele, não era o que ele esperava pra si mesmo.

Sendo assim, entendemos nas experiências de Júnior, o desenvolvimento humano como revolucionário, à medida que ele se constitui em interações com o meio, isto é, nas relações com o outro da cultura que provocam situações, diante das quais o sujeito atua de modo criativo e transformador, construindo significações para essa relação e facilitando “abertura a novas possibilidades de ser do sujeito” (Souza e Arinelli, 2019, p.06). Com esta reflexão teórica percebemos a aproximação das experiências de Júnior com as vivências de jovens dissidentes da heteronormatividade, sobretudo, o filme “*Pelo Malo*” parece revelar cenas do aparecimento da orientação sexual dissidente nas relações sociais, e isto, pode ser o que permanecia invisível e em silêncio, dada as limitações do meio em oferecer novas significações sobre o que é ser dissidente da heteronormatividade.

A perspectiva teórica assumida neste estudo valoriza as relações sociais como constituinte do desenvolvimento humano, e nessas relações os sujeitos disputam

cotidianamente com normas sociais, atuando com postura ativista e transformadora da realidade, em busca de assumir papéis sociais que resgatem a potência de agir e existir. O diálogo com a arte nos provocou a pensar o reconhecimento dos dramas humanos e as possibilidades de imaginar novos caminhos para o enfrentamento de condições de nos alijam de viverem perspectivas de futuro abertas e diversas.

Essa discussão abre novos diálogos acerca do processo da compreensão do papel do ambiente no curso do desenvolvimento de jovens LGBTI+, e do posicionamento assumidos por esses na construção de novas realidades. Nos próximos tópicos contamos do caminho metodológico que utilizamos para acessar as situações concretas e reais de oito jovens dissidentes da heteronormatividade, nas quais, as discussões teóricas são aprofundadas e ganham materialidade.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

### A concepção teórico-metodológica

Os caminhos que temos percorrido revelam desafios para a apreensão da vivência de jovens com orientação sexual dissidente, principalmente ao visualizarmos que os discursos sobre esse fenômeno social se originam de diferentes lugares e com diferentes objetivos, por exemplo, tal como discutimos, nas grandes mídias no cenário brasileiro atual predomina o discurso político cerceado pelo conservadorismo ao tratar da sexualidade, e por outro lado, há os enfrentamentos desses discursos no âmbito acadêmico-científico que lança luz para os atravessamentos sociais que conformam o modo de ser e viver as dissidências sexuais. Os diálogos que tecemos até aqui participam das formulações críticas construídas no campo científico de estudos sobre a sexualidade, e assumimos a perspectiva teórico-metodológica da Psicologia Histórico-Cultural e seus conceitos como ferramentas para a apreensão da vivência de jovens dissidentes da heteronormatividade.

Nesse sentido, o lugar de onde construímos novas interpretações do vivido nas relações sociais de jovens, se faz com a intenção de resgatar e valorizar *quem fala, vive, narra e nos faz ver* a vivência da orientação sexual, pois como afirma Vigotski (1929/2000, p.33), “pensa não o pensamento, pensa a pessoa”, e em outro texto enfatiza que “o decisivo não é a memória, ou a atenção, mas até que ponto o homem faz uso dessa memória, que papel desempenha” (Vigotski, 1930/1996, p. 133). Parafraçando o autor, poderíamos dizer que o que nos seria decisivo, não é a orientação sexual, mas o uso que os jovens fizeram desse conceito e o seu papel na constituição de sua personalidade.

Nesse âmbito, para a perspectiva histórico-cultural, a obra de Karl Marx (1818/1883) assume grande importância, como apontado por Vigotski (1929/2000, entre outros textos), sobretudo, a incorporação da noção de realidade social concebida como síntese de muitas

determinações históricas e culturais (Tonet, 2018). A realidade dos jovens não pode ser apreendida de modo direto e imediato, e como afirma Tonet (2018, p.120) “por ser imediato é também caótico, pois a multiplicidade e a heterogeneidade dos dados imediatos não permitem apreender os vários elementos que compõem o objeto”. Desse modo, a realidade só poderá ser apreendida na medida em que acessarmos as relações que integram o objeto investigado, o que por meio do método proposto por Marx, isto é, o materialismo histórico-dialético, torna possível reconstruir teoricamente a totalidade e o processo histórico e social que deu origem ao objeto de interesse neste estudo.

A respeito disso, Aguiar et al (2021, p.171) lembra que diante da complexidade que caracteriza a realidade social, a “totalidade se refere às relações que constituem o fenômeno”<sup>6</sup>, isto é, para dar conta do todo, é necessário adentrar a compreensão das determinações históricas e sociais, entendidas como relações que constituem o fenômeno abordado, sendo neste estudo, as vivências de jovens dissidentes da heteronormatividade. Ainda que tenhamos nos aproximado desse fenômeno social para investigação e análise, não o separamos da realidade concreta em que está situado histórica e socialmente.

Evidenciamos nessa acepção, contribuições para uma proposta de análise e interpretação da realidade dos jovens a partir da perspectiva vigotskiana, o que rememora as reflexões de Delari Junior (2013, p.221), ao discutir que “o método da psicologia, para este autor, não é apenas analítico, não apenas analisa seu objeto, mediante uma unidade de análise, mas é também construtivo - sua própria análise influi sobre o que está sendo analisado e o reconstitui.” Destarte, há a presença ativista do pesquisador no processo de análise e interpretação, deixando de lado certa neutralidade do conhecimento científico, e incorporando as suas significações na construção de novos olhares sobre a realidade que, a um só tempo, atuarão sobre ela e produzirão modificações e novas significações.

---

<sup>6</sup> Na publicação original: “Totality refers to relations that constitute the phenomenon.”

Em interlocução com essa perspectiva, o dialogismo tal como postulado por Bakhtin (1963/1997) permite alcançar um melhor entendimento do fenômeno por meio do confronto entre diferentes ideias ou hipóteses, oferecendo condições para que os sentidos sejam expressos. Ou seja, na interação dialógica, surgem novas compreensões uma vez que se dialogue sobre elas. Nesse movimento, acessa-se para além dos dogmatismos que conformam o cotidiano.

Assim, para atender esses pressupostos este estudo assume o caráter de pesquisa participativa e se caracteriza como pesquisa-intervenção, sendo esse o modo de desenvolver investigações no grupo de pesquisa Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas (PROSPED), onde o pesquisador está inserido há quatro anos. A pesquisa-intervenção, conforme apontam Souza, Dugnani e Reis (2018), se constitui como caminho e produto da pesquisa, visto que é uma forma de acessar a realidade investigada e interferir no contexto, por meio de ações intencionais e previamente planejadas, como também, tem contribuído para “oferecer subsídios para o desenvolvimento de práticas psicológicas comprometidas com a transformação das condições que produzem alienação e sofrimento dos sujeitos” (p.376).

Desse modo, as estratégias utilizadas incidiram na possibilidade de visibilizar as mediações sociais presentes nas vivências dos jovens, em diálogo com os pressupostos apresentados anteriormente, que tem o social em sua base, tão logo, são utilizados dispositivos ou instrumentos mediadores que atuem sobre os sujeitos e façam expressar os sentidos e significados atribuídos ao fenômeno investigado (Souza, 2021).

Essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Campinas, em vistas de seguir a rigor e cuidado, os compromissos éticos em pesquisa, tem a aprovação conforme o parecer número 4.636.576.

## **Os Participantes**

As situações vividas nos últimos anos com a pandemia da covid-19 nos fizeram rever os caminhos que havíamos imaginado para desenvolver a pesquisa. Inicialmente, o contexto de uma escola pública seria alvo de nossas intervenções, mas os fechamentos das escolas e a alteração para aulas remotas em caráter emergencial, o que dificultou nosso contato com os estudantes, devido a diversos atravessamentos sociais, os quais também dificultavam a permanência dos alunos em aulas a distância. Portanto, continuamos a procura de espaços e jovens para dialogar a respeito da vivência da orientação sexual, e nessa busca conhecemos um coletivo LGBTQIAP+, como era nomeado pelos integrantes, em sua maioria eram jovens de uma mesma região de uma grande cidade metropolitana, conhecida por haver maior vulnerabilidade social. As reuniões iniciaram no período da pandemia, mas após a participação em alguns encontros, esse espaço foi descontinuado.

Desse modo, para esse processo investigativo, foram convidados diferentes jovens, em meio aos diálogos que persistem no cotidiano, em que as redes de sociabilidade do pesquisador foram mobilizadas à procura de jovens que se identificavam com orientação sexual não heterossexual e idade entre 18 e 29 anos, e estivessem disponíveis para conversar sobre o que imaginavam sobre como a orientação sexual havia afetado as suas relações sociais. Sendo assim, um convite online foi elaborado (Apêndice A) e, também foi disponibilizado um formulário online, para a obtenção de dados gerais sobre os jovens interessados, para que pudessem demonstrar o interesse em participar da pesquisa.

Foram três meses de intensa procura por esses jovens e à espera que se conseguisse alcançar diferentes histórias com singularidades próprias, em relação à classe social, gênero, raça e escolaridade. O modo como nos conhecemos foi diverso, tais como, as nossas redes de contato indicaram seus colegas, e alguns dos interessados na pesquisa, também indicaram novos jovens que pudessem se interessar. Nesse movimento, conheci oito jovens, com idade entre 18 e 30 anos, que residem entre o estado de São Paulo e Minas Gerais, sendo a maioria da região metropolitana de Campinas/SP. Na tabela a seguir estão reunidas informações gerais sobre esses jovens.

**Tabela 4**

*Identificação dos participantes*

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Orientação Sexual</b>	<b>Identidade de Gênero</b>	<b>Cor/Raça</b>	<b>Educação Básica</b>	<b>Formação Atual</b>
<b>Giges</b>	30	Homossexual	Homem Cis	Branco	Escola Pública	Cursando Ensino Superior
<b>Jean</b>	18	Homossexual	Homem Cis	Negro	Escola Pública	Ensino Médio Completo
<b>João</b>	29	Bissexual	Homem Cis	Branco	Escola Pública	Pós-graduação <i>latu sensu</i>
<b>Isaque</b>	18	Homossexual	Homem Cis	Negro	Escola Pública	Cursando 3º E.M. regular
<b>Lay</b>	23	Homossexual	Mulher Cis	Não informado	Escola Pública	Cursando Ensino Superior
<b>Ana</b>	28	Homossexual	Mulher Cis	Branca	Escola particular	Pós-graduação <i>latu sensu</i>
<b>Lio</b>	26	Homossexual	Mulher Cis	Negra	Escola Pública	Ensino Superior Completo
<b>Rita</b>	26	Homossexual	Mulher Cis	Branca	Escola particular	Cursando Ensino Superior

Os nomes escolhidos são fictícios, visto o compromisso ético com nossos interlocutores na preservação de suas identidades. Essas informações foram coletadas via formulário online e, também, durante as conversas que aconteceram no formato de entrevista em profundidade. Destacamos que o critério para a participação do estudo se deu exclusivamente pelo marcador geracional, isto é, a faixa etária entre 18 e 30 anos, e também, se identificarem com orientação sexual não heterossexual. Em relação aos marcadores de

gênero, raça e classe, intentamos ter o contato com múltiplas singularidades, mas foi possível nos aproximar de jovens cisgênero, tal como se autodefiniram no momento em que ocorreram nossas conversas, sendo quatro homens cisgênero e quatro mulheres cisgênero; a respeito do marcador racial, três jovens se autodenominaram como negros, quatro como brancos, e uma participante optou por não responder. A classe social também não foi um critério de inclusão, visto a intenção de acessar diferentes narrativas, e as discussões desse marcador poderiam ser realizadas desde as informações trazidas em nossos diálogos.

## **O Encontro**

As condições sanitárias do momento vivido durante esta pesquisa, decorrentes da pandemia da covid-19, no ano de 2020 e 2021, implicou na realização das entrevistas de modo virtual, via a plataforma *Microsoft Teams*, no local e horário escolhido por cada jovem, que pudesse ser seguro, silencioso e privativo, para que preservasse as informações compartilhadas em nossas conversas. Ao entrar em contato com nossos interlocutores, foram informados do tema e objetivo da pesquisa, bem como, que participariam, individualmente, de uma entrevista com duração prevista de 1 hora e 30 minutos. Essas informações foram compartilhadas para que pudessem avaliar e confirmar o interesse em participar deste estudo de modo voluntário.

Tendo a confirmação, pedi que verificassem o dia, horário e local, que estivessem mais confortáveis, considerando a privacidade de nossa conversa, além disso, que no dia combinado dispusessem de aparelho eletrônico com acesso à internet. Desde o primeiro contato, todos os jovens se demonstraram dispostos a participar e contribuir com a pesquisa, de modo que o nosso encontro acontecer à distância não pareceu ser um impeditivo da participação. No dia combinado, enviei o link e iniciamos a conversa, em que todas tiveram



duração média de uma hora, totalizando aproximadamente nove horas de entrevistas ao todo. Além dessas questões, no primeiro momento da conversa, foi feita a leitura em conjunto do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), e enviado para a assinatura digital, onde foi comunicado os riscos e benefícios em participar da pesquisa, bem como a obtenção de autorização para a gravação da entrevista.

As entrevistas à distância têm sido uma das possibilidades de ferramenta para coleta de informações em pesquisas, ainda que se encontrem diferentes limitações, como as limitações de acesso à internet e a familiarização com a plataforma utilizada, e também, limitações na interação com os participantes. Contudo, na experiência relatada neste estudo, os jovens que tivemos contato, demonstraram familiaridade com uso de ferramentas *online*, o que também facilitou a nossa interação. Além disso, ao assumir o caráter remoto, pudemos acessar jovens de regiões diversas, e não houve despesas financeiras para os participantes, pois a entrevista aconteceu em suas residências.

Essas condições favoreceram a escolha pela entrevista individual em profundidade, uma forma de obter melhor compreensão das informações sobre o tema investigado. Moré (2015, p. 128) define a entrevista em profundidade da seguinte forma:

Entende-se a entrevista em “profundidade ou semiestruturada” quando o pesquisador, diante de uma temática norteadora, e tendo a narrativa como referência principal, realiza outras indagações, na busca da compreensão do que o participante está narrando. Ou seja, são indagações em torno de um questionamento norteador, que tem por objetivo a busca de sentido para o pesquisador em relação à pergunta e/ou ao objetivo central da investigação.

Nesse sentido, lançamos mão dessa possibilidade de acessar as falas dos participantes, articulada com os princípios que orientam nossas intervenções e elaborações teórico-metodológicas, sobretudo, valorizando a dimensão constitutiva que assume a imaginação, os

afetos e o dialogismo, que permitem a constituição de relações intersubjetivas, onde os sentidos e significados compartilhados pelos jovens no encontro com o pesquisador possibilitam novas apreensões das vivências reais e concretas.

Seguindo esses aspectos teórico-metodológicos, definimos como questão norteadora: “*como você imagina que a sua orientação sexual afetou as suas relações sociais?*”, e foram inseridas novas questões para melhor compreensão das experiências narradas pelos jovens e para entender como aconteciam em suas relações sociais, tais como, a família, escola, igreja, trabalho e universidade, sendo esses os contextos que predominaram em suas falas.

Em vistas de acessar outras significações sobre o que foi narrado, e assegurar outros modos de participação ativa dos jovens, foi pedido que assistissem ao filme “*Pelo Malo*” e escrevessem uma narrativa livre sobre o que sentiram e pensaram ao ter acesso à trama. A escolha por incluir esse momento no percurso metodológico, rememora as discussões de Souza (2021) sobre a apreciação da arte, ancoradas na perspectiva histórico-cultural, o que segundo a autora:

“o ato de apreciar a arte se transforma na vivência de sentimentos, emoções e compreensões do sujeito despertados pelos aspectos da obra, em que ele vê o que repercute como significados e sentidos em acordo com sua história” (Souza, 2021, p. 22 – tradução livre<sup>7</sup>).

Como citado anteriormente, as entrevistas aconteceram em suas casas, alguns estavam com os seus familiares na residência e houveram momentos que foram interrompidos enquanto conversávamos. Assim como, dois desses jovens, já não moravam com seus pais, mas a cena da residência familiar e, até mesmo, o próprio local aonde residiam na atualidade, tornaram-se o cenário dessa pesquisa. Diante disso, as escolhas metodológicas foram tomadas com o cuidado e a intenção de criar espaços, ainda que virtuais, para que fossem

---

<sup>7</sup> No original “the act of appreciating art becomes the experience of feelings, emotions and understandings of the subject awakened by aspects of the work, in which it is possible to see what resonates as meanings and senses in accordance with their history and experience.”

estabelecidas relações intersubjetivas, onde os jovens expressassem livremente as significações sobre as suas vivências relacionadas à orientação sexual dissidente.

### **Enredos e cenas em perspectiva**

Neste momento, apresentamos o caminho percorrido para a construção de nossas análises e interpretações sobre a realidade vivida pelos jovens, vislumbrando acessar o que teria de próprio do humano, os seus processos imaginativos e atos criativos, a dinâmica afetiva e as relações intersubjetivas que estiveram presentes em suas experiências.

As histórias narradas pelos jovens demandaram a ambiciosa tarefa de organizar, analisar e comunicar, de modo rigoroso, ético e científico, o que havia sido escutado e vivido nos encontros dialógicos que aconteceram entre pesquisador e cada jovem. Sobretudo, sem deixar de lado o método histórico e dialético, base epistemológica da perspectiva teórico-metodológica adotada nesta pesquisa, a saber, a Psicologia Histórico-Cultural, que supõe a construção de processos analíticos e investigativos que busquem dar conta da totalidade que constitui o fenômeno estudado.

Nesse sentido, as vídeo-gravações das entrevistas foram cuidadosamente transcritas, e ao voltar nossos olhos para os textos-transcrições dos encontros, sobressaiu à singularidade de cada jovem, assim como, as formas particulares do modo como pudemos nos aproximar e como se deu a condução da conversa, bem como, ao contexto social, que esteve presente nas cenas de encontro entre o pesquisador e cada jovem e, também, entre cada um desses, e as suas memórias e lembranças, tornando essa realidade ainda mais complexa. Além disso, as determinações históricas e sociais que participam das vivências de pessoas dissidentes da heteronormatividade nas últimas décadas são múltiplas, visto as tensões políticas que concorrem nas práticas discursivas acerca das dissidências sexuais, sobretudo, provocadas

pelo movimento conservador e antigênero, que a qualquer custo, busca silenciar a discussão e as experiências de pessoas LGBTI+.

Esses acontecimentos não puderam ser ignorados, estavam, e ainda persistem, em nossas relações sociais, exigindo cuidado, criticidade e análises que dessem conta de interpenetrar nas interações e significações presentes nas histórias de vida desses jovens. Portanto, se fez necessário conferir materialidade e concretude às memórias e histórias narradas, que se constituem de modo singular, tendo em vista as circunstâncias da vida social brasileira em meio à pandemia, e demais especificidades de cada jovem.

Nesse processo, ressalta-se a capacidade criadora de todo ser humano, que se desenvolve nos encontros dialógicos das experiências, onde ocorrem formas específicas de afetação, que agiliza a imaginação, inicialmente como forma de imagens e, por meio do vínculo com a emoção, vem a ser condição para atos criativos. Ao tomar essa posição, recuperamos a atividade criadora como constitutiva do humano, corroborando com a afirmação de Vigotski (1930/2009) sobre as duas formas da atividade humana, sendo uma direcionada a manter e conservar experiências anteriores, mas também, por meio da imaginação “combina e reelabora, de forma criadora, elementos da experiência anterior, erigindo novas situações e novo comportamento” (p.14).

Nesse sentido, na perspectiva analítica a ser adotada, priorizamos a dimensão criadora da imaginação, cujo “matéria prima” são as imagens (Pino, 2006). A respeito disso, Manguel (2001) afirma:

A existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras

traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência. (Manguel, 2001, p. 21)

Inspirado na perspectiva dialógica de Bakhtin, tomamos para a construção analítica, principalmente, as especificidades que compuseram o encontro entre o pesquisador e os jovens-participantes, diante do qual, cada participante pode assumir um papel, que se construiu nas negociações de sentido desse contexto dialógico. De um lado, como pesquisador, pude ocupar o papel de ouvinte/leitor, assim como, observador e espectador (Brait & Amorin, 2020), e do outro lado, embora compondo parte de única relação, está cada jovem, como narradores-enunciadores e personagens, fazendo uso das palavras nessa situação concreta para narrarem cenas do entrelaçamento da orientação sexual com suas histórias de vida, sobretudo, houve a tentativa de, por meio de suas narrativas, *fazer ver* como essa dimensão da sexualidade constitui a posição social assumida por cada um.

Com essa orientação analítica, iniciamos a organização das informações, especificamente, as transcrições das entrevistas, inspirados no procedimento Núcleos de Significação, propostos por Aguiar, Soares e Aranha (2021), Aguiar e Machado (2016) e Aguiar e Ozella (2006; 2013), e se baseia na perspectiva teórica em discussão neste estudo. Aguiar e Ozella (2006) afirmam que “uma das marcas desse tipo de análise é ter como meta desvelar fatos e fenômenos, explicitar contradições e assim, ousar apontar caminhos mais críticos, menos naturalizantes” (p.243) e encontra-se em consonância com os pressupostos teóricos e metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural, uma vez que permite ao pesquisador acessar as mediações que orientam e influenciam os modos de ser e agir dos jovens, e se constitui como a chave para a compreensão dos processos afetivos e emocionais, que compõem suas vivências relacionadas à orientação sexual.

Lendo os textos-transcrições buscamos apreender expressões com significações nas falas de todos os jovens, sendo possível observar algumas situações e contextos sociais que se

repetiam e eram recorrentes, quais sejam: as relações familiares e relações escolares. Ao identificar os contextos-interações nas expressões, após novas leituras nos fez perceber que estavam sendo narradas vivências próprias de cada situação social que foram organizadas como pré-indicadores, que se complementavam e podiam se agrupar dando origem a três indicadores, os quais foram nomeados: Indicador 1 – Chegamos em casa: silenciamento e incitação da vivência da sexualidade; Indicador 2 – Do lado de dentro: conversas sobre aceitação versus não Aceitação da Orientação Sexual; Indicador 3 – O jeito é ir embora: pertencimento versus exclusão.

No próximo tópico apresentamos as vivências que foram narradas pelos jovens<sup>8</sup>, dando espaço para a imaginação e os afetos, sobretudo, ao percebermos que as falas dos jovens, a qual tem sido denominada como pré-indicadores, apareceram como imagens, que compuseram cenas vividas no cotidiano. Como será apresentado, o agrupamento dessas cenas aparece em cenários específicos, como a escola e a família, onde cada jovem se posiciona e assume a orientação sexual para si e em si.

Ao possibilitar a criação dessas cenas e cenários, propomos a discussão valorizando o que as falas de cada jovem nos oferecem, o que foi significada como uma grande casa, e nela, estavam reunidos os oito jovens, à espera de compartilhar suas lembranças, memórias e afetos. O tema desse encontro é a orientação sexual, me vejo na posição de mediador, entre cada um deles e as suas memórias, em que nesse jogo relacional faço uso das palavras para favorecer a construção de relações intersubjetivas. Talvez, caberia aqui, descrever melhor e com mais detalhes como é essa casa, mas ela faz parte de uma construção que só foi possível pelas falas e significados atribuídos por todos eles e, ao final dessa escrita, talvez possamos aproximar um pouco mais de uma visão mais nítida da casa, isto é, das relações intersubjetivas que esses jovens construíram para vivenciar a sua orientação sexual.

---

<sup>8</sup> Ao longo das discussões foram apresentadas as falas e relatos dos jovens que sintetizaram as significações propostas em cada enredo e cenários discutidos.

## APROXIMANDO AS SITUAÇÕES DRAMÁTICAS E VIVÊNCIAS DOS JOVENS

### Enredo 1: Chegamos em casa: silenciamento e incitação da sexualidade

Há diferentes formas de contar sobre a arquitetura de uma casa. Poderíamos começar pelo que é possível acessar por via dos sentidos, tal como a visão, vislumbrando os materiais que compõem o ambiente externo, por exemplo, narrando se existem janelas, portas, muros, e se estão abertos, fechados, pintados, entre outras tantas informações e características. Mas, escolher o ponto de vista das pessoas que habitam essa casa para narrar o que ela é ou poderia ser, parece mais instigante, como lembra Aduino Novaes (1988), “o olhar deseja mais do que lhe é dado a ver”. Afinal, cada palavra que compõem essa edificação guardam em si diferentes significados e a história de como chegou a ser como é e como se imagina que deveria ser.

Nesse sentido, o que se conta ou quem conta, ganha maior relevância, pois trata de tomar os afetos como fundantes desse tecer uma casa, enquanto espaço de encontro, onde se pode contar sobre as vivências das dissidências sexuais. Chamar os afetos nessa discussão só é possível na concepção do filósofo Espinosa (1677/2018, p.237), que define da seguinte forma: “por Afeto entendo as afecções do Corpo pelas quais a potência de agir do próprio Corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida”, logo nos encontros e trocas vividas nas relações sociais somos afetados e buscamos nesse momento tornar os afetos conhecidos, em vistas de aumentar a nossa potência de agir.

Primeiro, deixe-me apresentar Rita, uma mulher branca e de 26 anos, cabelos curtos e com sorrisos largos, ainda que parecesse tímidos, está quase no final do curso de graduação, é ela quem lança o convite para entrar na casa. Essa entrada é feita com cuidado e a passos curtos. É curioso pensar esse espaço no contexto atual que vivemos, visto que no último ano, a vida cotidiana foi completamente afetada pelas condições decorrentes da pandemia do novo

coronavírus, nos conduzindo para o convívio com um novo sistema de signos, marcado pelo medo, risco e morte, sendo requisitadas as palavras de ordem “FIQUE EM CASA” (Spink, 2020).

Esse acontecimento compõe o cenário que nos acompanhou durante o processo de pesquisar e se movimentar para dentro da casa de jovens dissidentes da heteronormatividade, visto que, os diálogos deste estudo, aconteceram a partir de suas residências, e para, além disso, fizeram movimentar os afetos presentes em suas relações familiares e escolares. Diante dessa situação social, Rita expõe:

*você acaba lembrando de muitas coisas, eu não sei se acontece isso com você, mas eu comecei a lembrar de umas coisas que eu não lembraria nunca assim, sabe? Eu acho que é justamente porque eu não estou mais recebendo coisa nova, né? Então, **quanto mais dentro de casa eu fico, mais suscetível às minhas lembranças passadas eu estou, né? No sentido retroativo, assim, né? Não sei se... acho que pode ser isso. Acho que é por isso mesmo, que eu estou tão nostálgica em relação há 10 anos atrás, que nem é tanto assim né? Sei lá.***<sup>9</sup>

(Trecho da fala de Rita, sobre voltar para a casa dos pais durante a pandemia)

Essa fala nos soou como um aparente convite de Rita, para olhar, não de fora, mas para compor relações intersubjetivas, que foram estabelecidas nas conversações deste estudo. Assim como, o convite a se questionar sobre o que significa voltar para a casa dos pais e permanecer confinada, ainda mais, quais foram as lembranças e memórias das relações vividas com seus familiares e demais relações, que se movimentaram e se reconfiguraram.

---

<sup>9</sup> Os trechos de fala dos participantes são apresentados em itálico, e quando necessário destacamos em negrito, em vista de diferenciar das demais citações.



## Cenário 1: Relações Familiares

A imagem da casa retoma a cena da vida familiar cotidiana, percebida como a socialização primária, tal como discutido por Berger e Luckman (2004), aonde cada pessoa encontra outros significativos que são responsabilizados por sua socialização, isto é, por apresentar ao mundo, às condições socioeconômicas que está inserida, e também, para receber os primeiros cuidados e a sua cidadania, este último representado na formulação de documentos que garantem a sua existência e o acesso aos direitos, como por exemplo, a certidão de nascimento e o cadastro de pessoa física e demais rituais familiares.

Nesse sentido, a família, aqui compreendida de modo desnaturalizado, contribui com diferentes formas de reprodução, como lembra Fonseca (2007, p. 14), se trata de “reprodução de uma situação econômica, de um status quo político, de um sentimento de pertencimento ou exclusão”. Essa compreensão remonta a noção de que a família precisa ser localizada em demandas sociais de determinado momento histórico e cultural, bem como, atende às demandas específicas na sociedade capitalista. A respeito disso, Saffioti (2013) diz que a família é compreendida como uma unidade de produção, e historicamente conserva a ideia de reprodução sexual, na figura da mulher como responsável por esse fazer.

As conexões familiares são atravessadas pelo Estado, compondo uma teia de afetos que se originam de diferentes lugares, dentre os quais, enfatizamos os cuidados familiares e a regulação estatal, como produtores de afetos e relações que conformam na existência de todo sujeito. Da relação família-Estado, pulsa o fio condutor de nossas histórias de vida, que atribui a um e a outro suas funções para a manutenção e conservação da sociedade, bem como, sobre modos de existências possíveis.

Neste estudo, esses fatos sócio-históricos compuseram as lembranças dos jovens, inicialmente como a imagem de uma família desnaturalizada, isto é, famílias que se construíram histórica e culturalmente, e na acepção dos jovens só faria sentido pensar as

relações familiares a partir de determinantes da vivência da sexualidade, sendo assim, nos próximos parágrafos situamos como eventos dramáticos vividos por cada jovem em suas interações familiares. Dito isso, voltemos a Rita, que não poupa as palavras para compartilhar os incômodos e estranhamentos em tratar da vivência da orientação sexual em sua história de vida, conforme ela mesma diz:

*São coisas que estão guardadas a sete chaves, coisas que já estão resolvidas, então que pra mim, é assim, não tem o porquê eu ficar falando, sabe? Então, estou pensando qual memória eu vou acessar, sabe? E qual que não vai ser tão danosa assim. Então, talvez, por isso que eu estou tipo [faz sinal com a mão - parece corte] to naquela posição.*

Foi necessário cuidado, é necessário cuidado. Nesse movimento nos questionamos a respeito de quando foi que pensamos sobre como a orientação sexual afetou nossas relações sociais e quem considera relevante pensar sobre como essa dimensão afeta a forma como nos vemos e nos relacionamos. Esses questionamentos solicita que seja narrado o caminho do aparecimento da sexualidade, seu desenvolvimento nas relações familiares dos jovens e como afetou o modo de se verem e se relacionarem. Nesse sentido, sigamos a tarefa de buscar o desenvolvimento do significado de viver a orientação sexual não heterossexual enquanto eventos dramáticos, caminhando junto com cada interlocutor(a) que encontramos.

Junto às questões teóricas e históricas que assumem grande relevância pra contextualizar o lugar da família na construção de nossas histórias de vida, ao tocar o tema das dissidências sexuais, a cena do aparecimento da sexualidade nas relações familiares tem suas especificidades, sobretudo, ao pensar os atravessamentos raciais, de gênero e classe social. Rita, por exemplo, lembra que o tema da sexualidade “- *era um tabu gigantesco... sexualidade e práticas sexuais, realmente não eram faladas*”.

Mas, nesse contexto familiar, onde não se falava sobre a sexualidade, ainda que estivesse presente em outros discursos, Rita conta que a literatura ajudou a conhecer e a fazer falar sobre essa dimensão:

*Nossa, eu li 2 livros que me despertaram um pouco, eu li um livro sobre o Woodstock na adolescência e tinham cenas no livro que continha sexo homossexual assim, e pra mim isso foi sensacional que: "nossa, isso mesmo, nossa, que incrível." E, eu também li, acho que Anne Frank, tem uma parte que ela fala que ela se masturba durante, tipo, durante o isolamento, o esconderijo.*

Rita narra um caminho subversivo para falar a respeito do que não é dito, da descoberta da possibilidade de ter e viver a sua sexualidade dissidente. Essa experiência tensiona o aparente silenciamento da orientação sexual, algo que se aproxima do que havia sido discutido por Foucault (1994, p.31), denominado como a hipótese repressiva, o que para ele

nem por isso se trata de uma pura e simples redução ao silêncio; trata-se, antes, de um novo regime de discursos. Não se diz menos, antes pelo contrário. Mas diz-se de outra maneira; são os outros que o dizem, de outros pontos de vista e para obterem outros efeitos.

Tal discussão evidencia que a historicização e contextualização do silenciamento precisam ser colocadas em análise, e nos provoca a pensar quais têm sido as possibilidades de falar sobre as dissidências sexuais no contexto familiar. Ainda em diálogo com Rita, ela lembra que em sua família são cinco "LGBTs", como citado por ela, no entanto, se recorda que "a minha vó, às vezes vira e fala: "-aí, e você não vai namorar? não vai casar? ter filho?".

Esse quadro visibiliza o atravessamento do marcador gênero nas vivências de Rita, ao que parece, diferente de seus primos, homens, homossexuais e/ou bissexuais, percebe a

constante vigilância do modo como deve vivenciar a sua sexualidade, sobretudo, circulam falas que buscam manter e reduzir a concepção da sexualidade e prazer feminino atrelado à reprodução sexual. Portanto, sua experiência evidencia como a sexualidade se intersecciona com o marcador gênero, produzindo outras formas de significar sua orientação sexual.

As falas de Rita se aproximam das experiências compartilhadas por Ana e Lio, que também são nossas interlocutoras nesse primeiro momento de entrada a casa. Ana, também é uma mulher branca e tem 28 anos, concluiu o curso de graduação e mora com a mãe em uma cidade no interior do estado de São Paulo. Continuamos caminhando lentamente e com cuidado, esse processo de narrar as suas experiências relacionadas à sua orientação sexual, não é algo novo, pois já foi e tem sido tema de suas práticas profissionais, mas ela avisa que em sua história *“era o tempo todo cê tendo, meio que tendo que tomar cuidado com tudo, digamos assim, sabe, cê tá o tempo todo tenso e nervoso, e você não consegue relaxar”*.

Essas informações, construídas nas relações sociais dessas jovens, comparecem como imagens que conformam o modo de narrar as suas vivências da sexualidade, marcadas por certa rigidez e cuidado. Ana conta sobre como essas questões estiveram presentes em suas primeiras relações homoafetivas, como descrito a seguir:

*eu estava saindo com uma dessas minhas amigas, né? que eu conheci fora da escola, aí a gente começou a namorar, então assim, eu ia na casa dela meio escondido, às vezes ela vinha aqui primeiro, como amiga, mas depois que eu contei pra minha mãe, então ela soube, né? E aí ela ficava muito tipo: "ah, mas você tá confundindo, mas é só amizade, não precisa fazer isso, sabe?" E eu sempre: "- não, não é". E, eu tentando mostrar meu lado, né? tentando fazer entender... quando minha mãe soube, não queria que eu visse ela, saía escondido pra ver, eu não teria como fazer isso, [riso] hoje né, num cenário de pandemia.*

Chama a atenção o fato de que essas situações se adensam ao parecer que a lesbianidade é uma imagem difusa e de difícil compreensão, além de ser negada e/ou silenciada, e sobre isso, nos questionamos sobre como é falar desse lugar: Como é falar de si, se uma dimensão de sua identidade permanece no âmbito da dúvida e do silêncio? Na perspectiva vigotskiana, essas questões nos interessam ao tornar presente e visível, tais formas que constituem situações sociais de desenvolvimento, ao passo que cada jovem precisa se posicionar diante dessas situações dramáticas, e a partir disso, concebem o conceito ‘orientação sexual dissidente’, e o modo como devem ser, agir e se posicionar nesse jogo de negociações e construção de significados.

Além de Rita e Ana, nos encontramos com Lio, uma mulher, negra, de 26 anos e ensino superior completo, mora com a sua família em uma cidade no estado de Minas Gerais, na região sudeste do país. Ela, assim como os demais participantes, lembra que a vivência da sexualidade em suas relações assume caráter específico na família, ela me diz:

*da parte da família, já não é muito bom porque é... a minha família sabe que eu sou lésbica, mas finge que não sabe, então, finge assim, demência mesmo, como se... é, o que eu contei pra eles não fosse nada.*

Talvez, seja necessária uma pausa. Rita, Ana e Lio têm nos falado sobre pensar como é possível comunicar algo que em suas histórias é vivido como silenciamento. Nos parágrafos anteriores comentamos sobre as pessoas com quem nos relacionamos nos primeiros anos de vida serem responsáveis por nos inserir na sociedade, ensinando os seus valores e rituais, isto é, o que é próprio de cada cultura e classe social e, a partir disso, aqui destacamos também, que nos inserem em um sistema de relações que norteiam o modo como percebemos o próprio corpo, o sexo e a sexualidade.

Foucault (1994), ao falar sobre a sexualidade demonstra que em determinado momento da história ela se muda para dentro de casa, tornando a família o suporte para

determinar como cada pessoa vai usar seu sexo, em que o discurso público e estatal sobre a natalidade, controle populacional, medicalização do sexo e psiquiatrização das formas genitais, são constantemente vigiadas pelos familiares. Isso porque, segundo o filósofo “a família é o núcleo mais ativo da sexualidade” (p. 111), bem como,

“A família é o cristal no dispositivo de sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata. Por sua penetrabilidade e sua repercussão voltada para o exterior, ela é um dos elementos táticos mais preciosos para esse dispositivo.”

As discussões de Foucault colaboram para entender que a sexualidade torna-se uma dimensão que historicamente, deixa de ser própria do campo médico e distribuída aos cuidados da família, assim como de outras instituições sociais, cada uma com funções específicas. Ao que parece, a família assume o papel de vigilante da sexualidade, que é gerido por meio de mecanismos de controle próprios de cada momento histórico, e na atualidade prevalecem formas de impor a heterossexualidade compulsória (Rich, 2012).

Diante das cenas familiares, aparecem as significações das jovens sobre a sexualidade, sendo presentes manifestações que não correspondem ao que os ditames sociais conjecturam sobre a construção heterossexual da identidade sexual. As cenas em que aparecem as significações de suas identidades sexuais nas relações familiares e seus relatos exigem que retomemos com olhar crítico o espaço da intimidade.

Lio demonstra certo inconformismo com o modo que a sua sexualidade, em particular, a sua orientação sexual, tem sido percebida na esfera familiar. O apagamento dessa dimensão da sua identidade toca no âmbito da sensibilidade, como essa forma familiar favoreceu sentimentos ao longo de sua história que a colocou no lugar do silêncio. Lio narra parte dessa vivência na cena a seguir:

*Então, é desde sempre, eu sempre soube, assim, da minha orientação sexual, só que eu negava muito, porque eu tinha muito medo, eu tinha muita vergonha, eu tinha*

*medo de meus pais não aceitarem... Então morar com eles, estar mais próxima deles, é eles... perceberem que não dá pra fingir demência, eu não vou mudar quem eu sou, então isso muitas vezes gera muito conflito, muita briga, muita discussão. Eu entendo que tem a questão de tipo, não dá pra eu ser 100%, assim, quem eu sou, em casa, se isso representa a possibilidade de uma violência, mas, tipo, eu começo a questionar quanto que de fato pode se transformar numa violência, tipo uma coisa mais grave, e até que ponto esse medo está me impedindo de eu continuar sendo quem eu sou, sabe. Então, quando eu me vi voltando pra esse lugar foi muito difícil, foi muito difícil.*

Voltar para esse lugar, como dito por Lio, e no sentido retroativo, lembrando a fala de Rita, e desse modo, chegamos a casa. Da perspectiva da psicologia é possível pensar que o fato de Lio, Ana e Rita, serem lésbicas, é vivido como um conflito por seus familiares, que pela dinâmica que as regem tentam negociar modos de dialogar a respeito, mas prevalecem afetos como o medo e a vergonha que contribuem para que o silêncio seja mantido. Não é curioso pensar esses afetos presentes na família? Ou, será que naturalizamos descrever tais afecções ao pensar as histórias de jovens dissidentes da heteronormatividade?

Nesse momento, parece ser possível pintar a cena da casa, trazer mais detalhes do que vemos. Arrisco dizer, se entramos em casa, ainda estamos no primeiro cômodo, aquele em que as visitas e estranhos podem circular. As janelas estão entreabertas, o que dificulta a entrada de luz para se enxergar com nitidez os objetos e cores das paredes. Essas situações narradas vividas como colisão por cada jovem em suas histórias de vida são apresentadas com diferentes significados, alguns deles são a cautela e o cuidado. O olhar apressado pode deixar esses afetos de lado, mas eles são necessários para a compreensão das vivências desses jovens, bem como, do modo como eles percebem as suas vivências.

Jean se aproxima e participa da conversa. Ele tem 19 anos, um dos mais jovens interlocutores da pesquisa, recém-egresso do ensino médio, nascido no estado de Minas Gerais, mas atualmente mora no interior do estado de São Paulo com alguns familiares. Ele nos diz:

*Eu acho que o que mais puxou... o que antigamente o que eu mais sentia desprezo, em que eu mais me sentia reprimido, era por conta da minha família, né? Eu sou mineiro e quem conhece o povo de minas, realmente... principalmente do interior, reconhece que eles são muito machistas e eu fui criado pelos meus avós, então eu acredito que a mentalidade deles era bem mais fechada. Eles tinham mais dificuldade, né, para aceitar e falar que tá tudo bem, né. Eles não tinham conhecimento, vamos dizer, eles tinham ignorância, não sabiam do assunto, né. Nem eu, eu era uma criança também.*

Em sua fala, Jean enfatiza o atravessamento dos marcadores etários e/ou geracionais e territoriais, em meio a situações que se assemelham às narradas pelas demais jovens, do silenciamento da orientação sexual dissente presente na família. A dimensão geracional, isto é, ser mais velho ou ser criança, e territorial, a saber, as relações interioranas do estado de Minas Gerais, são tomadas por ele como se fossem uma justificativa para o não saber e o silenciamento, a respeito das dissidências sexuais. Ao aprofundar essas concepções de Jean, nos questionamos a respeito dos processos de significação da realidade, que por um lado, atribui a causas externas os motivos de se sentir desprezado e reprimido, e por outro, esse movimento parece possibilitar a naturalização desse fazer silenciar as vivências que dizem respeito ao modo como ele percebe sua orientação sexual.

Ao nos referirmos a causas externas, lembramo-nos das proposições do filósofo Espinosa, que nas palavras de Chauí (2011, p.62), diz respeito a “algo que acontece em nós sem que dependa inteiramente do nosso ser, mas da potência de causas externas que nos comandam de fora”. Dessa discussão, está em jogo compreendermos se e como cada jovem



se posiciona nessas situações, visto que, ao atribuir as causas exteriores, tão logo, ao poder do outro, ao que lhe diz respeito, na concepção espinosana, estariam agindo de forma passiva, de modo que a soberania dos outros favorece que cada jovem se identifique com o silenciamento imposto pelo meio social.

Essas reflexões compõem a tentativa de compreender o processo que cada jovem tem revelado em seus dizeres a nós, sobre a possibilidade de narrar e viver a sua orientação sexual, em particular, a partir dos afetos vivenciados nas relações familiares. As conversações com Jean, tem nos provocado a conhecer as condições que produziram imagens sobre como devem pensar e viver suas experiências afetivo-sexuais, sobretudo questionar, se tais vivências que se constituíram na família produziram tamanho silenciamento que foram sendo alienados de si, ao não haver formas de falar e afirmar a possibilidade dissidente de viver e ser.

Ainda em diálogo com Jean, ele compartilha como essas situações dramáticas, no sentido vigotskiano, vividos no contexto familiar, impuseram papéis sociais que deveriam ser assumidos por ele em outros contextos e relações.

*sempre que eu chegava e contava isso [situações de violência vividas por ele, em razão da orientação sexual], eles falavam: “- é brincadeira, olha quando você ver isso você fica calado, não fala nada, você vem embora, ou então você não liga, não fala nada, simplesmente vem embora.” Era sempre isso, então eu acho que com o passar do tempo até parei de falar com eles sobre isso e como eu disse eu nunca tive essa, essa, essa coisa de conversa, de comunicação, né, não existia aquilo com os meus avós.*

Dessa maneira, passamos a ter mais conhecimento sobre os processos que favorecem que o silenciamento faça parte das vivências dos jovens no que se refere à orientação sexual dissidente, sem perder de vista que nas falas das jovens, os atravessamentos do marcador

gênero, dá maior visibilidade aos modos como a sexualidade é incitada, a ser falada, no entanto, a partir de ideias que se originam da matriz heterossexual. Além disso, a partir da perspectiva histórico-cultural, que embasa nossas reflexões, tais situações vividas nas relações sociais desses jovens se configuram com o modo como eles passam a ser relacionar consigo mesmos e em suas relações sociais.

Nesse percurso, destacamos a importância de se estabelecer relações intersubjetivas, que favoreçam o compartilhamento de significados e façam avançar em novas formas de compreender o que está sendo conversado e investigado. Até aqui, trouxemos informações que nossos interlocutores nos apresentaram sobre a abertura ao diálogo sobre as suas vivências relacionadas à orientação sexual, com destaque a situação social no contexto familiar, e como, em suas experiências, uma das primeiras cenas de aparecimento das dissidências sexuais, em suas relações familiares foram produzidas formas de falar e viver essa dimensão da sexualidade, em meio ao silenciamento e a incitação da sexualidade.

A casa, da qual temos falado, ela se refere ao espaço intersubjetivo, onde constituímos relações intersubjetivas, com Rita, Ana, Lio, Jean e outros interlocutores que vão se aproximando e compondo esse diálogo. A imagem desse espaço, que primeiro, nos pareceu de difícil compreensão e com pouca visibilidade, vai ganhando cor, formato, e cada jovem traz seus significados, sentidos e as suas vivências, para conhecermos não apenas as causas externas e inadequadas, mas as causas internas e adequadas, e dessa relação entre exterioridade e interioridade, entender como tem encontrado formas de persistir na existência.

Giges é outro jovem que chega e participa da nossa conversa. Ele é homem, branco, tem 30 anos, cursa o ensino superior e mora sozinho em uma cidade no interior do estado de São Paulo. A sua fala parece provocar e questionar ainda mais as significações atribuídas às relações familiares, e em sua experiência viveu algo parecido com os demais, pois lembra que

*“eles [a família] não conversavam sobre isso [sexualidade], né, não era um assunto da família, entendeu.”*

Ainda assim, em sua narrativa, nos parece que era uma questão presente, embora não dita, ou conversada, ao nos contar que:

***a minha família eu vejo que eles sempre souberam, que eu era gay, entendeu, todos, todos, eu vou... tipo, a família sabe na maior parte das vezes, pelo comportamento da pessoa, os gostos, o jeito, entendeu. Eu acho que pra uma família não sacar isso ela tem que ser, tipo, principalmente a mãe, sabe, nossa ela tem que estar sei lá, em que planeta a cabeça dela tem que tá, pra não sacar, entendeu.***

Giges conta sobre outro modo de incitação da sexualidade, que se manifesta para além da forma verbal, o que toma a dimensão das sensações e imagens que questionam a rigidez de vivenciar a orientação sexual. Tal reflexão trazida por ele contribui ainda para a discussão acerca da construção do silenciamento na cena familiar, e nos escritos de Sedgwick (2007) sobre a epistemologia do armário – que, de modo geral, relaciona-se com a invisibilidade da orientação sexual e a experiência de assumir nas relações sociais, o que discutiremos no próximo tópico – estão reunidas narrativas sobre a construção desse lugar do silêncio, do segredo e da opressão das identidades homossexuais. Destacamos o que Sedgwick (2007) diz a respeito:

assumir-se é uma questão de intuições ou convicções que se cristalizam, que já estavam no ar por algum tempo e que já tinham estabelecido seus **circuitos de força de silencioso desprezo, de silenciosa chantagem, de silencioso deslumbramento, de silenciosa cumplicidade**. Afinal, **a posição daqueles que pensam que sabem algo sobre alguém que pode não sabê-lo é uma posição excitada e de poder** – seja que o que pensem que esse alguém não saiba que é homossexual, ou meramente que conheçam o suposto segredo desse alguém (destaques nossos).

A fala de Giges como as dos demais jovens, se dá no contexto de uma sociedade homofóbica, isto é, que despreza e oprime expressões não heterossexuais da sexualidade, e nesse interim, cabem às relações familiares, em meio à posição de poder que assumem os cuidadores, em sua maioria, favorecer a construção do armário, a saber, lugar do silenciamento e invisibilidade da orientação sexual desses jovens.

Em vias de concluir esse primeiro momento, de abertura ao diálogo sobre a orientação sexual nas vivências de jovens dissidentes da heteronormatividade, sublinhamos a necessidade de desnaturalizar a concepção de família nuclear como um modelo rígido de relações parentais e de referência de afetos estritamente positivos. No momento da juventude, esses jovens parecem narrar que obtiveram maiores ferramentas e instrumentos psicológicos, como a literatura citada por Rita, e o conhecimento de atravessamentos sociais, como os marcadores geracionais e territoriais, para questionar o lugar de silenciamento que foram colocados e impostos para poderem falar e pensar sobre os afetos vividos na família e participam do modo como vivem. Como conta Giges:

*hoje em dia não tenho nenhum problema com a minha orientação sexual, inclusive já não tenho há muito tempo. Mas, eu acredito que antes de eu me assumir, né? Que eu fui me assumir pra minha família com 20 e poucos anos de idade. Eu tô com 30, acho que foi com 22. Foi quando eu comecei a namorar, foi com 22, acho. Então foi bem complicado, a minha família, meus pais, não foram pessoas que tiveram um grau de instrução muito grande, sabe? Eles são muito simples, então eu acredito que isso também, de certa forma né, quando a pessoa não tem toda essa estrutura, uma família religiosa, entendeu? Eu acho que essas coisas complicam muito a nossa situação.*

Ele conta sobre o problema relacionado a assumir sua orientação sexual na família, o que pareceu acontecer de modo tardio, e nos lembra da posição social que esses jovens

assumem nas relações intersubjetivas que estabelecem, assim como, na relação consigo mesmos. Diante disso, nos questionamos: tal posição tem favorecido que tipo de posicionamento desses jovens na construção de suas identidades pessoais? Têm assumido uma maior passividade ou se colocado como autores e construtores de suas histórias? Quais são os caminhos possíveis para que se livrem da submissão ao poder dos outros que enfraquecem suas potências de ação sobre a realidade? E, também, ao lançar luz sobre as causas que favoreceram a construção do silenciamento da orientação sexual, que uso podemos fazer desse conhecimento para o aumento da potência de agir e dos afetos positivos?

Enfim, chegamos em casa, e entendemos que essas experiências narradas foram situações dramáticas, conformadas pela colisão entre o interno e o externo na trajetória de desenvolvimento desses jovens e participam dos processos de viver e significar as suas relações e o modo como percebem a si mesmos. Nesse sentido, tais situações, configuram vivências, permeadas por afetos que colocaram esses jovens para confrontar as condições que estiveram presentes em suas famílias e favoreceram a construção de significados sobre ser jovem LGBTI+. Da nossa perspectiva, interessa aprofundar a compreensão dos afetos que participam desse processo, revelando como esses jovens negociaram suas significações para persistir na existência. Será sobre esses aspectos, que discutiremos nos próximos tópicos.

## Cenário 2: Relações Escolares

Ao discutirmos as cenas desse enredo dramático, temos nos dado conta, que a cada ato de fala, incide o movimento dinâmico de adentrar em diferentes cenários onde as significações sobre o silenciamento e incitação da sexualidade também estiveram presentes. Nesse momento, nos dedicaremos a conversar sobre como essa dimensão compareceu no contexto escolar, e assumiu aspectos próprios dessa situação social. Como diz Giges “na

*escola eu acredito que foi pior, principalmente nessa fase da adolescência.”, e, “na escola eu nunca tive esse espaço não [pra conversar sobre sexualidade]”, bem como Lio, que conta: “na escola a gente não conversava abertamente sobre sexualidade, é... diversidade, em todos os sentidos, assim, tanto de, de sexo, de raça, não tinha essa discussão, sabe? não tinha mesmo”, o que enuncia o que eles e os demais jovens, vivenciaram nas relações estabelecidas no cotidiano escolar no momento da adolescência.*

Na sociedade atual, a escola, assim como a família, é uma instituição significativa no momento da infância e adolescência, que oferece o conteúdo formal, e não apenas, pois como lembra Souza (2005) se trata de um espaço de interações, formação de valores e constituição dos sujeitos em relação. Além desses tópicos, Souza (2008, p.170) afirma que:

A escola é uma organização burocrática, detentora de princípios e valores conferidos por um sistema educacional, por meio de leis e papéis e por um outro grupo de princípios e valores, próprios da unidade escolar, os quais são construídos pelos atores da escola. É na tensão entre a cultura da unidade escolar e do sistema educacional que as interações se estabelecem.

Portanto, entendemos que devemos abordar as relações escolares que foram narradas pelos jovens, em vistas de nos aproximarmos das tensões, papéis e valores que participam do modo como foram afetados pelo vivenciamento da orientação sexual nesse cenário, sobretudo, o que diz respeito ao silenciamento e incitação desse aspecto da sexualidade.

Destacamos que as vivências de adolescentes durante o período da escola abrangem momentos críticos do desenvolvimento humano, o que na adolescência, momento nomeado por Vigotski (1931/2006) como “idade da transição”, o adolescente encontra com seus pares, bem como com os conflitos colocados pelo meio social em que estão inseridos, Vigotski (idem, p.256 – tradução livre) afirma que “nas idades críticas, o desenvolvimento da criança

costuma ser acompanhado por conflitos mais ou menos agudos com as pessoas ao seu redor. Em sua vida interna, a criança pode sofrer experiências dolorosas e conflitos íntimos”<sup>10</sup>.

Como lembra o psicólogo bielorrusso, os períodos críticos são distintos, o que implica entender as singularidades que compõem essas vivências, como por exemplo, a posição sociais assumida por cada jovem, e os processos educativos em que se encontram inseridos. Sobre isso, ressaltamos que se trata de jovens que em sua maioria estudaram todos os anos escolares da educação básica em instituições públicas de ensino, exceto Ana e Rita, que foram estudantes de escolas particulares.

Ainda assim, ao considerar o sistema educacional como parte das histórias narradas pelos jovens, sobressai a experiência da orientação sexual como evento dramático que participa de toda a trajetória de escolarização. Como será possível observar nas cenas trazidas por cada um, o drama que constitui a experiência da sexualidade, comparece desde a relação entre os pares, na relação com os professores e também, na cultura escolar que se constrói na tensão entre essas relações e o sistema educacional, favorecendo o silenciamento das dissidências sexuais.

As cenas trazidas por Giges parecem demonstrar como apareciam essas questões nas relações com os seus pares:

*Então, assim, eu sofria um pouco de perseguição, sabe? Na escola, é... Durante a minha infância, uma coisa assim, é... que acontecia é que ainda eu nem sabia sobre a minha orientação sexual e eu já era... Eu nem sabia o que era bixa, uma pessoa ser chamada de bixa, uma pessoa ser chamada de viado e eu já escutava esses xingamentos de algumas pessoas, sem ao menos eu ter ideia do que era isso, sabe? Geralmente, nem essas pessoas sabiam, às vezes era... hoje eu vejo muito porque ouvia o comentário dos pais, sabe? “Os pais falando que acho que ele bixa, é viado,*

---

<sup>10</sup> "En las edades críticas, el desarrollo del niño suele ir acompañado de conflictos más o menos agudos con las personas de su entorno. En su vida interna el niño puede sufrir dolorosas vivencias y conflictos íntimos."

*olha o jeitinho dele”, entendeu? Então assim, já começou desde a minha infância, bem novo, a sofrer, esse tipo de preconceito.*

*[...]*

*Na minha infância, eu ainda achava que eu fosse heterossexual, sabe? Ainda eu não sentia atração sexual, né, e tal? Fui começar a sentir isso com 11 anos de idade, sabe? Que eu fui começar a perceber isso e aí começou a ficar mais complicado, porque antes, quando as pessoas me xingavam, eu falava, eles ficam me xingando mas eu não sou, mas depois que eu comecei, que eu entrei nessa fase de me sentir atraído, isso começou a ficar complicado pra mim, porque eu não me aceitava, sabe?*

Essa cena, expressa na narrativa de Giges repleta de afetos, demonstra certo desconhecimento acerca do que seria “*bixa*” e “*viado*”, principalmente, permeado por “*xingamentos de algumas pessoas*”, o que se intensifica, diante da concepção de Giges de que essas falas poderiam ter origem na família. Tal experiência também foi vivenciada por João, homem, 29 anos, que se define como bissexual, e reside no estado de São Paulo; ele nos conta:

*Eu, na época do ensino fundamental, desde muito cedo eu já fui uma pessoa taxada como gay, como viado, o que quer seja, qualquer adjetivo que exista para isso. E, **eu não tinha como falar isso, não tinha como expressar essas coisas que eu passava, né, esses constrangimentos, esses momentos de falta de respeito e até mesmo, em alguns momentos, quase que me ocasionava lesões, né, porque eu já cheguei a apanhar também, quando era pequeno, lembro da escola, então assim, eu não tinha como falar, eu não sabia como falar.***

*[...]*

*Então, a questão de eu me relacionar com as pessoas, né, não sendo na questão afetiva necessariamente, eu passei por muito preconceito, até por conta de ser uma*



*pessoa que sempre teve muitos trejeitos, sempre gesticulava muito com as mãos, uma pessoa que sempre teve traços mais delicados e uma pessoa, pra variar, sempre se sobressaia aonde passava, eu sempre fui uma pessoa que era notada em muitos lugares.*

João parece trazer outras imagens sobre a desconhecida orientação sexual – e, que também, diz sobre o silenciamento – sobretudo, o que difere da norma heterossexual, diante do qual, se destacam os “*constrangimentos*”, “*falta de respeito*” e “*lesões*”, que aparecem nas relações escolares e favorecem a construção do silenciar e calar, sobre isso, João diz que “*não tinha como expressar essas coisas que eu passava*” e “*eu não tinha como falar, eu não sabia como falar*”. Portanto, questionamos sobre quais são os signos e instrumentos que esses jovens poderiam lançar mão no espaço escolar, para entender e significar a orientação sexual para além das imagens confusas e nebulosas que reduzem essa dimensão ao sofrimento e padecimento.

Antes de refletir a respeito disso, as cenas trazidas por Ana, Lio e Rita, revelam outras experiências que ocorriam entre os pares, mas também, na relação com os professores. Nas cenas abaixo, Ana nos provoca a ver como os diferentes aspectos da sexualidade eram provocados a ser pensados e vividos no cotidiano escolar:

*tinha muito aquela coisa também de: "ai, você tem que performar feminilidade", [rindo] né? Tipo, hoje eu sei o que é isso, mas na época eu não sabia, então assim, eu sempre me via toda errada.*

[...]

*eu lembro até de uma brincadeira que uma amiga minha fez comigo, que a gente estava no recreio, aí ela não queria que eu fizesse não sei o quê, e aí de pirraça eu fiz, e ela falou assim: "se você fizer cê é sapatão", aí eu fiz do mesmo jeito, sabe? só*

*que depois eu fiquei muito encanada, de tipo, ela ficar martelando nisso, e aí todo mundo começar a falar isso, sabe? **sempre foi um negócio que eu tive muito medo.***

Assim como, nas cenas trazidas por Giges e João, Ana fala a respeito da corporalidade e as expressões físicas que estavam sendo avistadas e nomeadas, o que pareceu se sobressair nas relações, principalmente por se diferenciar de certa expectativa de reprodução de expressões heterossexuais. Louro (1999, p. 26) afirma que:

Aqueles e aquelas que se atrevem a expressar, de forma mais evidente, sua sexualidade são alvo imediato de redobrada vigilância, ficam “marcados” como figuras que se desviam do esperado, por adotarem atitudes ou comportamentos que não são condizentes com o espaço escolar.

Desse modo, conjecturamos que as falas que aparecem em meio às brincadeiras e diálogos cotidianos, por exemplo, *"se você fizer cê é sapatão"*, vão oferecendo elementos que marcam e compõem a construção do ‘personagem’ ou papel social que poderá ser assumido para atuar no contexto da escola, que ora se aproxima e ora se contrapõe à ideia de *"performar feminilidade"*, devendo esta, obrigatoriamente, corresponder ao heterossexual. Ainda sobre esses aspectos, Lio se lembra das possibilidades de viver desejos corporais:

*Porque eu via assim as minhas amigas falando, principalmente ali no início da adolescência, eu via as minhas amigas começarem a falar de meninos, assim, e aí eu não achava eles atraentes, do jeito que elas descreviam que achavam eles atraentes... e eu sentia coisas que na época eu falava que eram coisas estranhas, assim, pra algumas meninas, assim, mas eu achava que era tipo amizade, você: "nossa, eu gosto muito da... dessa menina aqui, eu tenho muita amizade por ela". E, eu queria estar muito perto, daquela coisa de ficar admirando, assim, então eu não entendia que isso era uma atração.*

[...]

*eu não gostava tipo das coisas que as outras meninas gostavam, do tipo, maquiagem, às vezes, o tipo de roupa, eu gostava de roupa mais confortável, e aí, então: "ah é roupa de menino" então eu, eu sempre senti comentários sobre como eu não era feminina, sobre como que eu parecia um menino, assim, isso me incomodava muito, porque os comentários caíram só pra mim, e aí eu não entendi, o porque que ficava isso centralizado em mim.*

Desse modo, em meio ao silenciamento e desconhecimento de diversas possibilidades de vivenciar a orientação sexual, percebemos certa abertura para descobrir formas dissidentes de viver a sexualidade. Contudo, esse movimento se dá em meio a tensões e conflitos, sobretudo, por não haver espaços de diálogo sobre as diversidades e diferenças, como conta Rita: “Não, não tinha. Não tinha nada. Era bem, era bem silencioso, era coisas meio de chacota, assim, né? O máximo que você falava era uma piada, sabe?”

Essas situações vividas parecem valorizar a vergonha e o desprezo como parte do desenvolvimento conceitual da orientação sexual dissidente, que se manifestou também nas relações com os professores. Vejamos algumas cenas de Ana, Lio, Giges e João:

**Ana:**

*Aí eu lembro que na época passava muito aquele Pânico na TV, né? Mano, eu odiava esse programa, porque ficava lá humilhando os outros e aí depois na escola, ficavam reproduzindo isso, sabe? [...] eu também nunca tive conversa disso com nenhum professor, às vezes, tipo, têm aqueles professor de terceiro ano, tem o professor que dá aula no cursinho, que dá aula também no terceiro ano, e coisa e tal, ficava até fazendo graça né? não comigo em específico, mas sempre zoando esse tipo de coisa, de gay, de sapatão, de travesti também, que eles falavam, sabe? Essas piadinhas toscas, então era sempre, tipo assim, meio que fazer uma blindagem interna antes de ir pra aula, sabe? pensando que, tipo: "ai que merda será que eu vou ter que ouvir*

hoje?" [...] Os professores na época também nem incentivavam, nada disso, né? e ter espaço pra isso, e às vezes, **quando falava de algo relacionado a isso, tipo, nem eles sabiam como lidar, ou como portar e ficavam reproduzindo também, coisas homofóbicas, querendo ou não, né?**

**Lio:**

Ninguém falava sobre isso e ainda tem um agravante, porque, assim, é... a cidade aonde eu moro é uma cidade que é considerada grande, assim, mas por estar no interior ela é muito, muito, **muito conservadora**, então mesmo sendo uma escola estadual, uma escola pública, **tinha muita coisa de igreja**, assim, então eu lembro **que no ensino médio, o pastor participava da nossa escola, tipo, dando palestra, essas coisas assim** [...] uma palestra que me marcou muito, que ele tava falando sobre relacionamentos, sobre o relacionamento entre um homem e uma mulher e, ele meio tipo, incentivando a virgindade mesmo, do quanto que é importante esperar pra casar e você ter relações só com o seu marido ou só com a sua esposa, assim, então tinha muito disso [...] **tinha muita coisa de religião na escola, porque no ensino médio, teve esse pastor, aí eu acho que ficou muito marcado, mas sempre teve esse pensamento, mais conservador mesmo, então não, não se discutia, não se discutia mesmo.**

**Giges:**

Uma coisa que eu sofri muito, foi ver os professores vendo eu sofrendo preconceito, sofrendo muito bullying na escola e **ninguém fez nada pra me ajudar, entendeu? [...]** Os professores, eles não estavam, eles não se importavam com isso. Eu cheguei a pedir apoio na escola, sabe? Pela questão do bullying e tal, e eu quase fui expulso da escola que eu estudava.

**João:**

*Nunca houve intervenção de ninguém, não, não existiu, pelo menos nas escolas onde eu passei, era, era uma coisa comum, de perceber que tava acontecendo algum tipo de preconceito ou de bullying, como a gente caracteriza hoje, o máximo que ia, era para direção e recebia uma advertência [...] eu mesmo já cheguei a receber, como chama?, suspensão, porque eu bati em legítima defesa, eu tive que bater para não apanhar.*

Apesar das particularidades de cada contexto, de onde os jovens enunciam as cenas vividas, presumimos que havia em comum as expectativas de que a partir da posição social assumida pelos professores pudesse haver a possibilidade de significar as imagens confusas. Visto que, o modo pelo qual a sexualidade estava sendo incitada contribuía para a individualização, isto é, centralizavam nos indivíduos as experiências relacionadas à orientação sexual que circulavam na escola, como se o “problema” das dissidências sexuais fosse algo individual, e a todo o momento, eram coibidas formas coletivas de discussão. Contudo, nota-se a insistência de práticas sociais que educam para a heteronormatividade, ainda mais, ao incitar o discurso religioso para se responsabilizar por discussões relacionadas à sexualidade.

Neste momento, realçamos as experiências de Giges, pois possibilita, de algum modo, sintetizar como parte desses processos de silenciamento e incitação da sexualidade compareciam nas relações escolares. A experiência de aceitar e reconhecer em si a própria orientação sexual, foi algo que Giges nos disse que foi “*processo de 6 anos para eu me aceitar, sabe? E aí foi bem nesse período de adolescência que é um período muito conturbado, né?*”. Ao acessar as cenas que Giges trouxe para nosso encontro, o período da escola se caracteriza como ele diz: “*na oitava série, 2005, acho que eu tinha uns 14 anos de idade. Foi um ano, assim, foi um dos piores anos da minha vida*”.

Esse espaço-tempo é lembrado com as seguintes características: “perseguição na escola”, “as pessoas te discriminam, elas te xingam e inventam apelidos para você”, “é uma fase muito complicada.”. A cena abaixo apresenta um momento em que foram colididas as percepções dele e as situações sociais escolares, o que lhe conferem o caráter dramático:

*Eles nunca me agrediram fisicamente, mas eles me agrediam verbalmente, sabe? Com xingamentos e tal, e os **professores viam e não faziam nada e foi chegando numa situação que eu perdi o controle**, duas vezes assim que eu perdi o controle, de sair fora de mim, e ficar muito bravo e aí uma vez eu tive uma crise de choro e fui pra secretaria e tal. Aí chamaram a minha mãe e fui embora, **eu não contava pra eles qual era o xingamento principal, sabe? Que eles estavam me chamando de gay e tal? Eu só contava que eles me perseguiram, mas eu não falava o motivo, entendeu? Eu não conseguia falar sobre isso, tal. Aí, depois fizeram reunião e tal, e continuou. Aí teve uma vez que eu perdi o controle a ponto de partir pra agressão. Nessa vez, que foi quando eu fui pra bater em um dos meninos, aí juntou gente na sala pra me segurar e tal. Aí eu fui pra secretaria e eles queriam me expulsar, mas aí teve um professor, um único professor que me defendeu. E, assim, ele me defendeu, ele morava na rua da minha casa e era muito amigo do meu avô. Aí ele presenciou algumas vezes que estava acontecendo essas coisas e teve até um dos alunos que ele botou pra fora da sala [...] Esse aluno ele era, a tia dele ou avó dele era secretaria da educação na cidade, sabe? Uma coisa desse tipo, aí ele foi lá e contou pra ela que ele tinha sido expulso da sala e lógico, se fez de vítima. Aí chamaram a atenção desse professor, não sei o que aconteceu ao certo, tá? Essa parte, mas na segunda vez, quando eu perdi o controle e tal, eles fizeram uma reunião, eles queriam me expulsar da escola pelo que aconteceu e tal, e aí nessa reunião ele levantou e falou o que estava acontecendo. “olha, ele sofre...” na época nem existia essa palavra bullying***

*né? Pelo menos eu fui conhecer a palavra bullying muito mais velho, então **ele falou que eu era perseguido, que eles me xingavam e tal, e que eu perdi o controle, que eu não estava aguentando o que eles faziam comigo e que a escola querer me culpar por algo que eu estava sofrendo perseguição, que isso era, era um absurdo o que eles estavam fazendo.** E, falou, “eu conheço, moro na mesma rua que ele, conheço a família dele, **ele é de uma ótima família,** ele não é isso que vocês estão tentando falar sobre ele, tal, tentando pintar a imagem dele e na verdade quem estão errados são os outros e tal”, daí por isso que eu não fui expulso da escola. Mas eu fui ficar sabendo disso muito tempo depois, foi coisa de anos, porque ele contou pro meu avô muito tempo depois e aí depois o meu avô me contou. **Mas a escola vir falar comigo, eles nunca vieram.***

Nessa cena, notamos que os valores que circulam na escola colidiram com a experiência que era restrita a Giges e aos seus pares, o que pareceu ser uma das únicas possibilidades para que os diálogos sobre a orientação sexual e/ou sexualidade pudessem ser feitas no coletivo. Ainda assim, continuou a ser abordada na escola como uma experiência individual, e nesse sentido, ao centralizar em Giges essas práticas homofóbicas, uma das saídas era expulsá-lo, não só ele, mas os diálogos sobre as dissidências sexuais.

Ainda sobre essa cena, nos chama a atenção o auxílio do professor e o acionamento do discurso sobre a família, como lembra Giges, o professor havia dito “*ele é de uma ótima família*”. Nos próximos enredos, nos dedicaremos a analisar os momentos de acolhimento que foram possíveis na escola, mas nesta discussão, sobressai um dos poucos espaços em que a dissidência sexual pôde ser colocada como alvo de discussão, e dos mecanismos encontrados para que permanecesse o silenciamento. Tal silêncio persistiu durante anos, como conta Giges:

*Sim, muitas coisas eu fui ficar sabendo depois, sabe? Assim, o período da escola foi um período muito importante na minha vida, por mais que seja um período que as vezes que falo “**ai gostaria de apagar da minha vida**”, sabe, como quando as pessoas falam “**ai eu gostaria de voltar no período da escola, era uma época muito boa na minha vida e tal**” Nossa, **é um período que simplesmente eu gostaria de apagar da minha vida, a maior parte das coisas que aconteceram entre a quinta série e o terceiro colegial, sabe?** [risos] O meu maior sonho era que acabasse a escola e eu me formasse logo, pra eu não ter que voltar **nunca mais para aquele lugar.***

Silêncio! Ao que parece, todos na escola podem falar sobre a sexualidade, e com discursos que privilegiam a humilhação e a vergonha ao tratar das dissidências sexuais, no entanto, para os jovens que vivenciam em seus corpos e nas relações cotidianas as violências, ainda faltam espaços para que possam falar. Lio expressa em sua narrativa como esse processo de tornar íntimo o silenciamento, foi sendo significado por ela:

*Então, acho que é isso e eu penso que pra mim foi muito difícil de reconhecer e de falar, porque **eu acho que se eu falasse, ia tornar verdade**, assim, os ataques que eu sofria, sabe? Então **era mais fácil pra mim ficar quietinha na minha, segurar todas as coisas comigo e fingir que não tinha nada acontecendo**, mas de vez em quando ia ter alguma coisa, ia ter um ataque, ia ter um comentário, ia ter bullying, mas era de vez em quando, assim, então eu pensava: - **não, se eu me esconder, eu vou evitar ataques desnecessários [...]**com isso **eu me fechei muito**, assim, **isso que eu me fechei muito**, eu entendo que foi muito prejudicial pra mim também, tanto no sentido da minha auto expressão, no sentido de reconhecer o que eu sinto, de reconhecer o que eu quero, de reconhecer o que eu não quero, de dar limites, né? [...] **eu tentava encontrar um motivo por trás das coisas que eu estava vivendo**, assim, **ainda que para mim fosse mais fácil entender que o problema era eu**, e isso contribuiu para*



*que eu inclusive me odiasse por muito tempo, é... a medida em que eu fui crescendo, eu fiquei, fui ficando revoltada [...] eu queria entender, eu queria entender as coisas, tipo, por quê, porque que isso acontece comigo? Por quê que pra mim é tão fácil entender e respeitar a individualidade de uma pessoa, e eu tive que passar por todas essas experiências desde quando eu me lembro de... por gente, assim, vivência de violência, de bullying, de racismo, de lesbofobia, então eu acho que a escolha pela universidade, foi muito por esse sentido, foi pra tentar dar um significado mesmo, de entender, porque pra mim era muito angustiante e não estava dando mais para carregar como se fosse uma culpa minha.*

Embora, no entorno houvesse o constante silenciamento, em meio aos diferentes incitamentos da sexualidade, na dimensão íntima e individual, Lio enfatiza que permaneciam os questionamentos, como se estivesse à procura de um outro, para dialogar a respeito e encontrar possibilidades de enfrentamento das violências vividas na escola. Nessa cena, ela ainda nos dá pistas, das saídas encontradas por todos os jovens, de encontrar fora da escola, os outros interlocutores para significar a orientação sexual, de modo que favoreceria sua potência de ação. Outro aspecto que nos salta aos olhos, é como na escola parece que se constrói a fragilidade do coletivo, no que diz respeito à discussão das diversidades, ao centralizar e responsabilizar os indivíduos para que encontrem formas de superar a violência. Jean, também participa desse enredo, e conta cenas parecidas e como se percebia nesse cenário:

*Então, a minha mente sempre foi inquieta, sabe? então eu ficava com aquilo na cabeça, mas ignorava tudo que eu sentia, tudo que eu passava, eu não tinha perspectiva de que tudo aquilo ia melhorar. Eu como criança mesmo, eu só acreditava naquilo, sabe? e aquilo, aquela tristeza, aquela... aquela rejeição que eu*

*sentia, eu não sabia o que era aquilo, então aceitava né? não era um problema pra mim, eu era problema, não era as outras pessoas.*

Dessas cenas, consideramos que o ‘armário’ não é um lugar *a priori* e condição para toda pessoa LGBTI+, mas é construído nas relações sociais, um lugar onde se silencia, cala, confina e individualiza as vivências de jovens dissidentes da heteronormatividade. No entanto, as significações que vão sendo construídas e negociadas nas relações escolares ao serem tomadas como parte da ação de cada jovem, contribuem a um só tempo, para que se percebam como sujeitos silenciados e sem instrumentos para superar essas condições, mas também, como ressalta Chauí (2011, p.91) “nosso *conatus* sempre realiza um mesmo ato, qual seja, buscar relações com o que nos fortalece e desfazer os laços com o que nos enfraquece”.

Ainda assim, é relevante acentuar que as experiências de silenciamento e incitação da sexualidade persistem nas relações sociais, ainda que os sujeitos encontrem caminhos que escapam da submissão a essas condições. Contudo, em diálogo com a noção espinosana citada acima, que trata da persistência em buscar relações que aumentem a nossa potência de agir, e com a teoria histórico-cultural, que compreende as relações, quer sejam junto ao mundo, aos demais ou a si mesmo, como condição para o desenvolvimento humano, nos conduzem a pensar que a saída para as situações de silenciamento se encontram nas relações.

Ao olhar para as experiências de silenciamento e incitação da sexualidade no cotidiano escolar, entre passado e o presente, notamos no presente, eles relatam perceberem haver maiores condições de exercer o lugar de fala no momento atual, o que seria possível, ao encontrar signos e instrumentos nas relações e experiências vividas, que se ampliaram e favoreceram a visibilização das dissidências sexuais. Como contam Ana, Rita e João:

**Ana:**

*Eu sinto que tem uma diferença de quando eu era mais nova, por exemplo, né? na fase de tipo, assim, adolescência, 15 anos, é 13/15, até hoje que eu estou com 28, eu sinto que é... que bastante coisa mudou, no fato de aceitação mesmo, das pessoas entenderem um pouco melhor o que que é essa questão de sexualidade, né? e estarem mais abertas à ouvir e a entender, porque eu sinto que antes era muito uma coisa, é... fechada, né? de tipo, assim, não pode e é errado, era sempre isso, não pode errar. [...] Meu, eu tava pensando né, [riso] que a vida é louca. Não, mas eu volto muito nisso de que... eu não sei se era porque eu era mais nova também, né? mas que eu tenho muito essa sensação de que antes era muito mais difícil, às vezes eu fico imaginando, tipo pra quem veio ainda antes né, que era ainda pior.*

**Rita:**

*Mas, há 10 anos atrás, realmente era uma coisa mais dura assim, de você falar e ser uma coisa chocante, né? O que eu sinto hoje é que as pessoas falam e não soa tão agressivo igual soava antes. Então, às vezes isso me bate uma certa inveja, assim, né, que eu vejo meus primos mais novos ou até pessoas mais novas se colocando, e sendo quem eles são, da maneira que eles são e as pessoas achando ok. Mas quando era a minha vez era tipo... é, você vai ser jogado na fogueira [riso] Sua vida acabou, isso é moda, sabe? [...] E pensar que eu passei por tudo essas merdas e agora, agora é de boa assim, né? Então, eu acho que, nesse sentido assim, eu sinto que, eu acho muito maneiro que, que tenha sido, ai, que tenha melhorado um pouquinho, né? porque não melhorou muito, mas, tipo, do que melhorou assim. [...] Eu acho que antes era uma coisa muito mais duro assim, eu não sei se essa é a palavra adequada. Mas, eu acho que antes era... antes assim, há 8 anos atrás, 10 anos atrás, pode ser... nossa, que triste, depressivo [riso] [...]*

**João:**

*Na minha época, eu pelo menos, eu percebia o quanto isso era muito falho, né, eu acho que era falho, também, se a gente parar para pensar, a 16/18 anos atrás, não existia a mesma cultura que nós temos hoje, né, de mais conhecimento, de ter mais acesso as informações, de saber que é uma parcela da população muito importante e necessária, né, especificamente sobre a comunidade LGBT e como ter tato pra lidar com isso, porque querendo ou não era uma coisa, vou colocar entre aspas, "nova", nova no sentido que tá saindo do armário, né, porque há 20 anos atrás, por exemplo, era quando tava começando essa questão de, "nossa a globo colocar o primeiro beijo gay".*

Essas cenas trazidas pelos jovens, com idade superior a 26 anos, demonstram que ao passar dos anos, puderam sentir mais leveza e mais espaços de expressão da sua orientação sexual, mas, nos questionamos se os mais jovens, de fato encontram mais espaço de fala e escuta, diferente do que os mais velhos tiveram no período escolar. Nesta pesquisa, as experiências narradas pelos mais jovens, como Jean e Isaque, revelam que os recém-egressos da educação básica ainda lidam com situação de silenciamento de suas dissidências sexuais.

Ao trazer para a discussão essa temporalidade, evidenciamos o caráter histórico das vivências dos jovens, portanto, se modificam e transformam, no cerne das relações sociais, atravessadas pelos marcadores sociais de gênero, classe, raça e geração, que compõem a tonalidade dos sentimentos e afetos vividos nas relações familiares e escolares. O silêncio, que inicialmente se apresenta como única possibilidade é constantemente tensionada, no que tange a ampliação das experiências e das relações.

Em vistas de concluir esse primeiro enredo, voltamos à cena inicial da casa, como lugar de encontro intersubjetivo, onde temos discutido a respeito do silenciamento e incitação da sexualidade nas relações familiares e escolares. Notamos que o encontro dialógico tem possibilitado significar o invisível ou desconhecido, e do mesmo modo, continuaremos a

tornar conhecidas as relações e significações que estiveram presentes nas vivências dos jovens interlocutores.

## **Enredo 2: Do lado de dentro: conversas sobre aceitação e não aceitação**

Estamos do lado de dentro, isto é, no espaço intersubjetivo, lugar de onde se enunciam as significações sobre a vivência da orientação sexual nas relações sociais, de que participam o social, as experiências, as emoções, e como são afetados por essas situações vividas nas relações familiares e escolares (Souza & Arinelli, 2019). As memórias e lembranças são contadas por meio dos olhos de cada jovem, que nos convidam a imaginar outras possibilidades de significar as situações vividas na família, escola, igreja, e demais meios sociais, em que a orientação sexual tornou-se tema significativo.

Vigotski (2009b) chama a atenção sobre a atividade reprodutora da memória, que conserva e mantém lembranças, e apesar disso, por meio da imaginação surge a possibilidade de combinar e recriar, não se limitando à reprodução de sensações vividas. Portanto, seguimos recriando e buscando outras combinações dessas memórias trazidas pelos jovens, tal como fizeram em suas trajetórias de desenvolvimento, caminhando para entender os seus afetos e como viveram a orientação sexual. Avançamos um pouco mais, e nos parece que podemos conversar sobre a auto-revelação e, igualmente, acerca das cenas da revelação da orientação sexual na família e escola, sobretudo, das afecções relacionadas à **aceitação e não aceitação** de suas dissidências sexuais.

### Cenário 1: Relações Familiares e Escolares

Uma das experiências vividas pela maioria das pessoas homossexuais é a de “assumir-se” (Schuman, 2012), ainda que as diferentes expressões da sexualidade compareçam ao

longo do desenvolvimento humano, nas relações familiares desses jovens, esse momento se revela de grande relevância. A respeito disso, nos questionamos: por que nas relações familiares de jovens dissidentes da heteronormatividade é necessário que eles assumam a sua identidade sexual? Quais são os impactos desse ato de fala em suas relações? Na tentativa de responder a essas questões, buscamos traçar um caminho que retome os afetos e motivos que enunciam as situações sociais vividas.

Deixe-me apresentar mais um dos interlocutores, Isaque, um dos mais jovens que conversaremos aqui, ele é homem, negro, e tem 18 anos, está concluindo o ensino médio, mora com a sua família em uma cidade no interior do estado de São Paulo. Ele fala sobre a sua experiência de revelar ser homossexual para os seus pais:

*eu acho que, assim, que a pior forma de preconceito que eu poderia ter sofrido foi em casa, com a minha família... eu não me assumi pra minha família primeiro, me assumi primeiro pra amigos, pra alguns amigos e depois pra alguns professores, depois pra alguns pastores da minha igreja, que também foi uma péssima atitude, e também pra alguns parentes também, pro meu irmão e pra minha vó, foram os primeiros, depois eu fui contando, um de cada vez, mas aí chegou, quando chegou na minha família aí foi o boom.*

Isaque se lembra do processo que foi necessário para que fosse revelada a sua orientação sexual a seus pais, de modo que, outros contextos pareceram espaços prévios para atuar e imaginar possibilidades e consequências acerca da sua revelação. Essa situação se relaciona com uma dimensão que se destacou nas narrativas apresentadas pelos jovens, que se refere à **aceitação e não aceitação** da orientação sexual nas relações familiares.

Oliveira (2010) diz que a aceitação é uma categoria recorrente nas falas de pessoas LGBTI+, sobretudo, no momento de revelação da homossexualidade, em que são comuns expressões como “meus amigos me aceitam”, “minha família não aceita” e “naquela época,

eu não me aceitava”. No entanto, para ele é preciso refletir sobre as seguintes questões: “O sujeito que deseja ser aceito, deseja ser aceito como, por quem, onde? O que significa ser aceito, para pessoas que compreendem e consideram relevante a experiência da aceitação?” (Oliveira, 2010, p. 10).

A partir da perspectiva da antropologia das emoções, Oliveira (2010, p.7) discute que “a aceitação parece envolver um jogo complexo de negociações implicando expectativas de expressão emocional no cultivo e gestão de relações sociais.” As discussões propostas por ele, contribuem para a retomada das emoções na discussão das vivências das dissidências sexuais nas relações sociais de jovens LGBTI+, e nas relações desses com a família. A respeito disso, na acepção da psicologia histórico-cultural, as emoções não apenas aparecem, se reproduzem e mantêm determinadas relações sociais, mas também, por se tratar de uma dimensão do humano-genérico, as emoções constituem formas específicas de todo sujeito se relacionar consigo mesmo, com os outros, e na construção de suas perspectivas futuras (Souza, Dugnani & Reis, 2018; Souza & Arinelli, 2019).

Desse modo, na discussão sobre aceitação e não aceitação nas relações familiares tomamos as emoções e os afetos como cerne da forma como esses jovens vivenciam a orientação sexual na família. Ainda em diálogo com Isaque, ele nos conta imagens que antecipam possíveis acontecimentos futuros que se relacionam com a prática de relatar a sua homossexualidade para a família, e da possível aceitação ou não aceitação de seus pais. Dessas situações imaginárias, Isaque conta sobre o que imaginava que poderia vir a acontecer:

*quando você não é assumido, você tem muito de insegurança, né? tipo, se meus pais vão me expulsar de casa e, se eu ainda vou ter amigos depois disso e como vai ser pra... pra me relacionar com outras pessoas, com... eu falo relacionar romanticamente, entendeu?*

[...]

*quando era bem pequeno, nessa fase de 9 e 10 anos, eu ficava pensando: - ‘nossa, mas, e se meu irmão se assumisse gay?’ e aí eu falava, tipo: ‘- não, eu não vou aceitar, tipo, eu não posso ter um irmão gay’, entendeu? Ou, se meus pais, meu pai se assumisse, se a minha mãe se assumisse lésbica agora, eu ia falar: ‘- não, como assim, é muito bizarro’, entendeu? Na minha cabeça já, de criança preconceituosa, conservadora, eu acabava me punindo por tentar ser... é, por tentar, é... por simplesmente, pensar em me assumir, me punia por causa disso e, tentava punir outras pessoas, por elas terem coragem sim, de assumir.*

Dessas falas, podemos refletir sobre a construção de situações imaginárias, em que podem ser desenvolvidos “jogos de posições”, como discutido por Pino (1999), que remete a modos de significação de si e dos outros, em uma relação social específica. Nessa situação colocada por Isaque, ele se vê antecipando possíveis situações que poderia vivenciar ao revelar a sua orientação sexual, se imaginando como uma “criança preconceituosa, conservadora... e acabava me punindo”, da mesma forma que, se percebia como “bizarro”. Também visualizava possíveis consequências decorrentes dessa situação, como ser expulso de casa, por exemplo, além da não aceitação de sua orientação sexual por si próprio. Revelar-se, parece se constituir como drama, que traria a possibilidade de outra posição social que seria vivenciada por ele, isto é, outra significação de si mesmo e de seus familiares.

Esse evento dramático parece ser vivenciado por outros jovens, como Giges, que diz: “aí tinha também aquela coisa, o medo de contar pra família, sabe? E ser rejeitado pela família e tal”, que aparece como enunciado que constitui a imaginação desses jovens sobre o que poderia vir a acontecer e, ainda mais, o que ou quem eles poderiam vir a ser, caso revelem a orientação sexual, da condição de serem aceitos ou não. Contudo, tal como postulado por Vigotski (1930/2009b, p.22), as experiências vividas no passado constituem-se



como material para a imaginação, e “quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela”. Com isso, destacamos que esse material é produzido por meio das experiências vividas que compõem como imagens, cenas e cenários, experiências não vividas necessariamente pelos sujeitos, mas acessadas como experiência de outros próximos ou mesmo distantes, conforme o segundo modo de relação da imaginação com a realidade, segundo Vigotski (1930/2009).

Gíges retoma cenas familiares que contam a respeito de imagens que vão compoendo a situação imaginária do “armário”, aonde prevalecem afetos negativos relacionados à família. Ele diz:

*Eu tenho duas irmãs mais velhas e, assim, aquela coisa que sempre, igual eu te falei, todo mundo sempre soube, eles... eu cresci com eles vendo meus vizinhos me xingando de gay, de bicha, boiola, viado, essas coisas. As minhas irmãs também me chamavam sabe [risos] por isso que eu não me assumi, eu já vendo pelo comportamento das minhas irmãs, sabe, o que elas faziam comigo, eu pensava: - 'e se minha mãe e meu pai fizerem isso comigo também, meus avós, sabe, minhas primas, meus tios, eu tinha medo, sabe'. Eu lembro que quando a minha irmã teve a certeza foi porque ela fuçou histórico de MSN meu, sabe, pegou conversa de MSN... eu fiz vários amigos gays de outras cidades, sabe, na internet. E aí eu conversava com eles, sabe, e aí contava coisas que tava acontecendo na minha vida, eles contavam coisas que estavam acontecendo na vida deles e a minha irmã pegou conversas, assim... Tipo, teve uma briga nossa, que ela [a irmã] falou assim na frente de todo mundo: '- vou contar o seu segredinho pra todo mundo, qualquer hora'. Sabe, ela falou e eu não sei se depois ela chegou e contou mesmo para minha mãe ou não contou, ou se contou e a minha mãe não fez nada, sabe, em relação a isso, mas rolou essa confusão aí, lá em casa [risos].*

O relato de Giges, compartilhado entre risos e pausas, narra o conteúdo da situação imaginária que foi sendo construída a partir das suas relações familiares, da qual parece prevalecer afetos negativos, como o preconceito, humilhação, vergonha e medo, que falam sobre a não aceitação da sua sexualidade dissidente. A ideia de que a família já sabia da sua homossexualidade, e ainda assim, ele lembra que “*cresci com eles vendo meus vizinhos me xingando de gay, de bicha, boiola, viado, essas coisas.*” e, das ameaças da sua irmã “*-vou contar o seu segredinho pra todo mundo, qualquer hora*”, nos lembra das reflexões de Sedgwick (2007), da silenciosa chantagem e da posição daqueles que pensam que sabem algo sobre alguém que pode não sabê-lo a partir de uma posição de poder.

Ao acessar os afetos que comparecem nas relações de Giges, podemos sugerir que ao serem significadas, a saber, internalizadas por ele para si, ao modo como se relacionará consigo mesmo, parece que ele imagina, que será mantido esse modo de relação dos outros com ele mesmo e dele consigo mesmo. Diante dessas cenas, nos questionamos como seria se perceber e se assumir como sujeito no lugar da vergonha, desprezo e humilhação e, da constante possibilidade da não aceitação, e qual identidade seriam possíveis?

Essa discussão, ao ser localizada nos estudos da psicologia histórico-cultural, pode sugerir que as imagens que vão sendo percebidas nas relações constituem o “armário”, e ele se trata de um lugar, que a princípio se dá no plano imaginário, onde permanecem afetos que se contradizem e impõem a cada jovem a escolha por alguma posição social. Nesse sentido, a decisão de não revelar ou revelar a sua homossexualidade, isto é, sair do armário, tem relação direta com os afetos que corroboram certa não aceitação que fica implícita na família. Sobre isso, Sedgwick (2007, p.39), diz:

quando pessoas gays se assumem em uma sociedade homofóbica [...] especialmente para os pais ou cônjuges, é com a consciência de um potencial de sério prejuízo [...] na fantasia, mas não só na fantasia, contra o medo de ser morto (ou desejado morto)

pelos pais numa tal revelação, é provável que ocorra a possibilidade, muitas vezes imaginada com maior intensidade, de que a revelação os matem.

Em meio às contradições, que fazem que haja “uma exposição ao mesmo tempo compulsória e proibida”, como diz Sedgwick (2007, p.24), os jovens que temos conversado escolheram se posicionar e revelar a orientação sexual para a sua família, alguns por ter havido espaço para imaginar posições sociais e as suas consequências, e outros, foram impelidos e invadidos pelas pessoas em seu entorno para que revelassem. E, não podemos deixar de considerar que, apesar de nos aproximarmos desses jovens por sabermos da sua orientação sexual, em nosso encontro, parecem ser revividas as cenas de revelação da homossexualidade, lesbianidade e bissexualidade, e os afetos também puderam ser vividos e acessadas novas significações, como se tivessem que se revelar em nossa relação intersubjetiva. Sugerimos que o nosso encontro teria aberto a possibilidade de criar algo novo, da vivência de novos afetos e olhares sobre os aspectos constitutivos da sexualidade.

Esses conflitos presentes nas relações familiares são vivenciados também por Lio, que relembra que “*no dia a dia como eles vão percebendo assim, quem eu de fato sou, aí isso gera briga, gera conflito, gera confusão, principalmente agora na pandemia que eu estou morando com os meus pais.*”. Além dessas questões, Lio conta como a revelação da orientação sexual é envolto de contradições:

*eu comecei a me sentir mais à vontade pra usar o estilo de roupa que eu gosto, pra fazer um corte de cabelo que eu gosto e isso sempre é um sinalizador de que eu estou saindo da caixinha aonde eu finjo que não tem nada acontecendo, assim, e isso sempre gera discussão, sempre gera briga.*

Enquanto Isaque e Giges contam sobre a fantasia acerca do que poderia ocorrer caso revelem a sua orientação sexual, imaginando a não aceitação, Lio parece falar de um momento posterior, do plano imaginário para a realidade, em particular, do vivenciamento

real da revelação da orientação sexual dissidente na família e seu impacto nos laços afetivos e emocionais. Ela conta um pouco mais sobre suas vivências da revelação da orientação sexual para a sua família nuclear:

*A minha irmã foi bem mais tranquilo, a minha mãe ela fica um pouco decepcionada, assim, quando eu conto, porque para ela tinha muito forte aquela questão de querer que eu casasse, de querer que eu tivesse filhos, que era o sonho da vida dela, assim. E aí, ela percebe que não tem isso... pro meu pai, a minha mãe contou depois, em algum outro momento, que eu não sei que momento que foi, ela contou pra ele, assim, e foi péssimo, porque ele ficou, acho que um mês, muito irritado, muito bravo, assim, comigo, então, eu conversava com ele e eu percebia uma diferença no tratamento dele, assim, é... uma diferença no jeito de me responder, uma diferença no, no jeito de me olhar, uma diferença em tudo, assim. E aí, eu comecei... eu comecei a perceber essa mudança da parte dele e aí começaram as brigas mesmo assim.*

Nessa experiência narrada por Lio, a aceitação no meio familiar é envolta pela contradição, aceitação e não aceitação, justificada pelas expectativas familiares acerca do modo como ela deveria vivenciar a sua orientação sexual. Tal como apontamos anteriormente, as situações vividas por jovens lésbicas são atravessadas por questões relativas ao gênero, que incorporam e intensificam a posição social de poder dos familiares que impõem a heterossexualidade como única e exclusiva possibilidade de viver a própria sexualidade (Gonsalves Toledo & Teixeira Filho, 2014, Oliveira & Barreto, 2019).

Ana compartilha um momento vivido em que a dimensão do gênero também comparece, o que evidencia a particularidade da vivência de mulheres lésbicas, em que a pressão pela heteronormatividade parece estar em constante vigilância e policiamento (Toledo, 2013). Ela conta:

*[...] com 17 falei com a minha mãe, eu também, tipo, meio que falei com a minha mãe porque eu sabia que todo mundo estava comentando disso, né? Então sabia que chegaria no ouvido dela e eu meio que tipo é melhor ela saber por mim do que pelos outros... eu iludida super achei: "ah não, vai ser de boa, vai ficar tudo bem, não tem problema." Só que aí não, né? Quando eu falei, nossa, o mundo dela [mãe] caiu... E aí, a minha mãe também, ela era separada, né? então tinha muito aquela coisa, pelo menos na época, de: "ai, é mãe separada" tipo assim, "ai o marido largou", então já ficava aquele peso em cima dela. E aí ter mais essa novidade, né? de tipo assim: "ai, sou separada e ainda tem uma filha que... não é hétero", entendeu? [riso]... Eu lembro até que, tipo, a primeira reação dela, assim, foi, foi de falar: "ah, mas quê que os outros vão pensar disso, né? o que vão falar, que se eu já não tô com meu marido, que eu não sei educar a minha filha, coisa e tal" Então, mudou bastante, assim, a nossa relação dentro de casa, né?*

Essa experiência revela que a aceitação e não aceitação vivida nas relações familiares é parte de uma história social, onde há maior controle sobre a sexualidade feminina, que de todos os lados visualizam modos de regular e manter a heterossexualidade (Toledo, 2013). A condição de ser mulher e, especificamente, ser uma mulher lésbica é confrontado cotidianamente ao papel tradicional que lhe é atribuído, quais sejam, papel de mãe e esposa, o que sempre é lembrado pelos outros, como é citado por Ana: *"falei com a minha mãe porque eu sabia que todo mundo estava comentando disso, né?"*, e, além disso, ela se lembra da mãe dizendo: *"ah, mas quê que os outros vão pensar disso, né?"*.

Desse modo, torna-se evidente que nos vínculos familiares prevalece o constante confronto de sentidos e significados acerca da orientação sexual, no qual cada jovem parece requisitar das relações presentes em seu entorno, modos de significação da própria sexualidade que culminem na aceitação de suas dissidências sexuais. Tal posicionamento

possibilita permanente desenvolvimento da percepção de si mesmo e da realidade, visto que a cada momento da externalização da fala, revelando para os familiares, sobretudo, a mãe, pai e irmãos, os seus aspectos mais íntimos e afetivos, cada jovem percebe a reconfiguração do modo como veem, imaginam e vivenciam a orientação sexual.

Ana, ainda nos conta o que houve após esse momento de revelação de sua homossexualidade para a mãe: *“aí a minha relação com a minha mãe também mudou por causa disso, porque é sempre [risos] aquele impacto, né? de: "ai meu Deus e agora?"*. A aceitação da dissidência sexual de Ana foi possível durante o processo de negociação de significados, tal como ela se lembra:

*[...] aos poucos, com o passar dos anos, ela foi vendo que realmente isso é quem eu sou, faz parte de mim, eu gosto de me relacionar com mulheres, né? tenho atração por mulheres e, que isso não ia passar, não era uma fase passageira, né? E, a partir desse momento que ela começou a ter essa noção, tipo assim [rindo] meio que foi abrindo a cabeça dela, digamos, ela foi entendendo, ela foi aceitando, é... a nossa relação voltou a ficar boa [fala com mais ênfase], inclusive melhorou muito, sabe?*

O relato de Ana retoma a importância dos processos imaginativos, os quais se desprendem da situação concreta, marcada pela homofobia familiar e o silenciamento da orientação sexual, e emprega o esforço para imaginar e vivenciar novas posições sociais, sobretudo da aceitação da sua lesbianidade. Nesse sentido, a imaginação está sempre em relação, seja com a memória e os afetos, mas também, com os outros significativos do meio social que está inserida, nesse caso, a família. Como discutiremos em um momento posterior, foi de grande relevância para Ana encontrar pares em um centro espírita, os quais também viviam conflitos familiares relacionados à orientação sexual, o que pareceu significativo para ela descobrir a possibilidade de ser aceita, ainda que, a respeito desse contexto, ela nos disse:

*“eu lembro que até minha mãe falou: ‘nossa, olha a cagada que eu fiz de mandar você ir lá [centro espírita], a culpa é minha’”.*

Esses relatos compõem a narrativa desses jovens sobre as possibilidades de se sentirem aceitos, em particular, de negociarem significações sobre a orientação sexual dissidente, a qual é percebida e vivenciada como uma dimensão que deve ser silenciada e não aceita por eles mesmos. Essas experiências constituem dramas que participam da trajetória de desenvolvimento de cada jovem, os quais são marcados pelo desconforto, tensão, estresse e medo, como lembra Tateo (2019), sobretudo, diante de um sistema de valores construídos socialmente, que determinam formas aceitáveis de desenvolvimento.

Diante dessa situação social vivenciada por jovens dissidentes da heteronormatividade, podemos observar o movimento em direção à construção de modos aceitáveis de reconhecer e aceitar a própria orientação sexual. Tateo (2019) diz que entre a norma social, nesse caso a heteronormatividade, e as formas não aceitáveis ou não comuns, como a homossexualidade e lesbianidade, existem janelas de possibilidades. Nessa concepção, ao afirmar que há sempre janelas de possibilidades, implica conceber que sempre há desenvolvimento, isto é, esses jovens estarão sempre se desenvolvendo, embora possam ir para trajetórias distintas das regulações do social. Por isso, nessa discussão questionamos quais são as janelas de possibilidades que esses jovens tiveram ao vivenciarem a orientação sexual dissidente em suas relações familiares.

Jean conta sobre como foram se constituindo as possibilidades de se perceber aceito nas relações familiares:

*eu acho que eu sou um dos casos que desde criança eu sempre fui afeminado, então para as outras pessoas isso sempre foi evidente, só que em cima disso elas me julgavam, e eu não me aceitava LGBT, por conta da religião, realmente da família ser homofóbica, machista e diversas outras coisas... eu sempre tive dificuldade nessas*

*relações entre a minha família mesmo. [...] Ah, é importante dizer que eu fui embora de Minas, em 2015, finalzinho de 2014 pra 2015, porque justamente a minha vó descobriu que eu tava me relacionando com um rapaz. Ali foi uma coisa horrível, acho que foi o pior processo ali, que eu passei foi essa época, porque a minha vó ela me mandava ir pra igreja todos os dias, ela não me deixava brincar com nenhum menino mais, ela... eu sempre tive que trabalhar, eu sempre tive que ficar em casa e se não tivesse nada pra fazer eu não podia brincar com menino nenhum, foi difícil.*

As vivências de Jean em sua família remontam à ideia de que a aceitação da orientação sexual participa dos processos de aceitação dos próprios jovens no espaço familiar, algo que discutiremos com maior profundidade no próximo enredo dramático. Mas, em sua experiência destacam-se os ajustamentos que os familiares, em particular a sua avó, mobilizam meios para que Jean não escape da heteronormatividade, o que envolveu o impedimento de brincar com outros meninos, idas constantes a igreja e até mesmo, a sua mudança de cidade. Essa situação real vivida por Jean diz sobre o jogo de posições e o papel social que pode assumir na sua família e para si mesmo, o que está presente nas vivências dos demais jovens, ainda que apareça de modo mais silencioso e discreto, o que diz respeito aos diferentes modos utilizados pela família para subordinar e sujeitar os jovens a heterossexualidade.

Essas experiências contam os impactos da revelação da orientação sexual dissidente nos laços simbólicos da família, como Gonsalves Toledo e Teixeira Filho (2014) discutem a partir das experiências de mulheres dissidentes da heteronormatividade:

revelar que há um membro homossexual na família denota romper laços simbólicos que ligam a família unida segundo as normas da heteronormatividade, fazendo-a deixar de se sentir família, pois perde o laço que a estrutura – corresponder ao referencial do modelo heteronormativo. (p. 387)



Nesse sentido, a revelação da orientação sexual coloca em evidência a construção social da aceitação dos filhos em suas famílias, isto é, os jovens se deparam com o que parecia natural e próprio das relações familiares, como algo que deve permanecer em construção, sobretudo a construção e negociação de significações sobre a orientação sexual, para que haja possibilidade de se sentirem aceitos. A cena abaixo mostra as significações de João a respeito da aceitação em sua família:

*mas a primeira questão sempre, a família, né, tipo, a minha família não me aceita, a minha família não vai me amar, minha família não vai me respeitar, e assim para mim sempre foi muito claro e sempre foi uma coisa que eu impus muito cedo para minha família, "vocês não são obrigados a me aceitar, vocês são obrigados a me respeitar, porque eu tenho que respeitar vocês, né, eu não escolhi nascer nessa família, porque se eu pudesse escolher, eu teria só nascido no berço de alguns, não no de todos, mas vocês são obrigados a me respeitar".*

A construção das significações, na perspectiva histórico-cultural, ocorre por meio das relações sociais, a saber, a família com quem esses jovens convivem, favorecem através da palavra, dos gestos e ações, que os jovens conceitualizem o que vem a ser a aceitação. João também nos conta que *"depois que eu me assumi para minha família, elas perceberam como eu fiquei uma pessoa muito mais imperiosa, vamos dizer assim, tipo, não você não vai falar de mim, você não vai, porque você não tem esse direito"*. Diante do qual, nos questionamos acerca dos mediadores que estiveram presentes em suas relações familiares que favoreceram assumir o papel social de uma *"pessoa muito mais imperiosa"*, o que parece, essa posição social estabelecida a partir das interações que ele viveu em sua família, favoreceu a vivência da aceitação e a criação de potência de ação.

Ao dizer: *"vocês não são obrigados a minha aceitar, vocês são obrigados a me respeitar"*, nos parece que o respeito está relacionado com a possibilidade de aceitar o que

ele fala e expressa do seu ponto de vista, e da sua vivência da orientação sexual. Como vemos abaixo, João parece encontrar o lugar e a possibilidade de falar o que e quem ele quer ser:

*as três pessoas que eu sentia no meu coração, a obrigação de me assumir, de simplesmente chegar lá e falar: "olha, eu não quero que vocês saibam por terceiros, né, se um dia eu beijar um homem na rua, se um dia eu vou dormir com um cara, ou se acontecer qualquer coisa" [...] Então eu contei para minha mãe, para o meu pai foi um processo um pouco mais difícil, né, porque meu pai é bastante preconceituoso, né, e é uma pessoa de uma cabeça muito fechada. [...] quando eu me vi assim, tipo, nossa, as pessoas mais importantes da minha vida, sabe, eu quero que o mundo se exploda, eu quero que todo mundo vai pro meio do inferno, porque eu não vou deixar mais que ninguém fale um A da minha vida, né.*

As cenas, falas e experiências narradas nas relações familiares revelam a constante busca por ser causa adequada, retomando as reflexões do filósofo Espinosa, o que significa haver o esforço de perseverar na existência, na tentativa de tirar o domínio das causas externas, que julgam a orientação sexual dissidente como algo que desestabiliza os laços e afetos construídos na família. O momento em que pode falar por si, soa como a construção de caminhos para o conhecimento verdadeiro, o qual viabiliza superar os afetos passionais, que negam a singularidade e orientação sexual dos jovens.

Essa dimensão da fala aparece nas experiências de Rita, tal como ela diz:

*Então, eu acho que no começo foi muito ruim né? Que você sai do armário e meus pais eram bem preconceituosos, eu não tive acolhimento nenhum dentro de casa, é... e só depois foi melhorando, assim, tipo, acho que só agora. Então, acho que é no sentido familiar afetou muito, porque... **eles entendiam que eu estava mentando pra eles o tempo inteiro**, assim, né? E, acho que afeta bastante autoestima, essas coisas. [...] por um longo período sempre foi uma coisa bem reprimida, e acho que até*

*depois da universidade continua sendo, só mesmo em 2018 que começou a ser uma coisa mais normal aqui em casa pros meus pais, pra minha família de modo geral assim, então.*

A mentira aparece na experiência de Rita como se fosse algo próprio dela, e se aproxima das vivências de silenciamento das dissidências sexuais nas relações familiares. Essa situação se aproxima com as discussões de Gonsalves Toledo e Teixeira Filho (2014, p.139), que citamos anteriormente, os autores dizem que “revelar a mentira tem a ver com sair do armário, porém, tem a ver também com quebrar com laços simbólicos que unem a família [...] Ou seja, sem a mentira, a família deixa de se sentir família.” Essas reflexões corroboram as vivências que os jovens têm narrado neste estudo, no sentido, em que a mentira ou o segredo, é revelado, ou seja, tomam as palavras, favorecem que os afetos e vínculos familiares sejam tomados por novas significações.

Gonsalves Toledo e Teixeira Filho ainda dizem que “não mentir é poder existir como se é. É ter o direito a existência, o que é legitimado na simples possibilidade de falar de si.” (p. 139). Portanto, quais têm sido as possibilidades e os espaços em que os jovens podem falar de si? Como podem garantir o seu direito à existência? Se é fato que é na família que temos a garantia de ser amados, essas experiências de não acolhimento pelos familiares, traz que afecções às suas relações mais amplas, atuais e futuras? Retomamos as vivências de Giges, citadas nos parágrafos anteriores, em que ainda prevaleciam imagens sobre o que poderia ocorrer, caso falasse sobre a sua orientação com a família. Agora, percebemos haver conflitos entre o que imaginava e o que nas relações reais veio a acontecer.

As experiências de Giges na família e na escola, como será discutido posteriormente, foram marcadas por diferentes violências homofóbicas, e frente essas situações ele relembra como percebia as possibilidades de assumir algum posicionamento ou falar a respeito:

*[sobre os familiares e as violências na escola] Assim, perceberam, mas eu não falava para eles, sabe? o motivo real, sabe, eu não falava, ai... hoje eu penso que as coisa seriam, assim, conhecendo minha família hoje, sabendo que eles aceitaram a minha orientação sexual, vendo com o olhar de hoje, se eu soubesse que eu não ia ter dificuldades com eles em relação a isso, sabe, se eu tivesse falado na época o que tava acontecendo “ - eu tô sofrendo preconceito por eu ser gay.” [...] Eu acredito que teria melhorado muitas coisas, sabe. Eu não teria passado por tantas coisas que eu passei, sabe. [...] Eu esperava uma aceitação muito... eu esperava uma coisa da minha família e foi outra, entendeu. Eu esperava uma reação muito mais negativa, e não teve tudo isso, sabe. Eu acho que se eu soubesse, igual te falei, que a minha família me acolheria, eu não teria escondido isso por tanto tempo isso deles, sabe. Mas, a gente não sabe né, tem aquele medo, aquele medo, tem família que descobre que filho é gay e bota ele para fora de casa, entendeu, família que passa a torturar o filho psicologicamente, com agressão verbal, agressão física, entendeu, então. Eu, eu, tinha muito medo, imagina, eu já passava por isso na escola e ainda tem que passar com a minha família também, sabe.*

As falas de Giges aparecem como imagens que contam sobre um lugar onde ainda se espera que as vivências que aconteceram em sua história de vida fossem diferentes, tendo em vista que, se recorda da época em que ele imagina que poderia ter falado sobre a sua orientação sexual e ter sido aceito e acolhido. No entanto, as interações que estiveram presentes em sua família contribuíram para que faltassem palavras e compartilhamento de significações. O que é imaginado sobre o passado vivido, ao serem retomados no momento atual, parece contar a história da constituição da vivência da orientação sexual, e se direciona para possíveis futuros, onde permanecessem palavras que necessitam ser reveladas, sobretudo, haver espaços, encontros e situações que favoreçam a expressão do não dito. As

cenas narradas abaixo parecem demonstrar que o que ocorreu em sua história de vida, sobretudo, a vivência da orientação envolto da contradição aceitação e não aceitação, é parte do modo como as relações familiares foram constituídas.

*Ah, uma outra coisa que eu lembrei agora também, é... da... dessa questão de preconceito. Eu tenho uma irmã, a minha irmã mais velha, né, a gente ficou sem se falar de 2014 até poucos meses atrás, por a questão que ela não aceitava a orientação sexual. [...] mas, a minha irmã mais velha que eu tive problema, porque ela não aceitava, sabe, e acho que por causa do marido dela, ele é bem machista, sabe, assim, e... e aí, no começo... eu tive problema com ela, em relação a isso, ela não aceitava, a gente brigou, sabe, por causa disso e aí foi em 2014 que a gente brigou. [...] Quando aconteceu isso com a minha irmã e tal, juntou também todos os acontecimentos da nossa vida né, desde quando eu era criança, do preconceito... de quando ela ficava me chamando né, de gay, de viado, eu lembro quando eu era criança, que ela falou, ela me apelidou na rua da minha casa de Clodovil, sabe? Me chamando de Clodovil e tal, foram várias coisas que foram se acumulando e quando a gente teve essa briga muito feia, a gente parou de se falar, apaguei ela da minha vida, toquei a minha e tal.*

As experiências trazidas por esses jovens para construir o cenário das relações familiares, ora se complementam e ora se contrapõem, por exemplo, temos evidenciado o atravessamento do marcador gênero e suas implicações no modo como jovens lésbicas vivenciaram a revelação da orientação sexual, bem como, a dialética aceitação e não aceitação. Houve jovens que perceberam maior abertura dos familiares para conversar sobre si mesmos, mas, também, alguns jovens tiveram que mudar de casa, e até mesmo, continuam a procura de modos de narrar a si mesmos para os seus familiares, na tentativa de romper com imagens confusas sobre a orientação sexual dissidente.

No caminho percorrido, buscamos evidenciar os processos imaginativos que participam das vivências de situações dramáticas, onde podem assumir posições sociais, e também, imaginar outras possibilidades, que desprendam das limitações reais envoltas de afetos que diminuam a potência de agir desses jovens. Esses aspectos foram compondo o “armário”, concebido como uma situação imaginária, que tem como material as experiências reais, vividas diretamente ou não pelos jovens, que sobremaneira, são marcadas por violências homofóbicas, as quais valorizam a heteronormatividade como única possibilidade de viver a orientação sexual, e também, a relação consigo mesmo e com os outros de suas relações sociais.

O momento da revelação da orientação sexual aparece como ato de fala, ainda que compulsório e proibido, desestabiliza os laços simbólicos presentes nas famílias, e intensifica os processos de negociação de significações, em busca de persistir na existência, no qual a aceitação de si mesmos e de seus familiares, assume importância. Os gestos e olhares dos familiares, bem como a abertura para que falem por eles mesmos, são modos de significar a aceitação, a qual, não se restringe a aceitação da dissidência sexual dos jovens, mas implica a aceitação de suas existências nas relações familiares.

### **Enredo 3: O jeito é ir embora: entre o pertencimento e a exclusão**

E haverá outro modo de salvar-se? senão o de criar as próprias realidades?

Clarice Lispector

Neste último enredo, voltamos à cena da casa como o lugar de abertura para pensar e imaginar as dissidências sexuais vividas pelos jovens, e a cada passo dado dentro dessa casa, isto é, das relações intersubjetivas estabelecidas em nossos encontros, foram possíveis novas

significações sobre o que é ser e viver como dissidente da heteronormatividade no momento da juventude. Foram necessários cautela e cuidado no processo de revelar as cenas de como foram vivenciadas as situações dramáticas na família e na escola, as quais apareceram como imagens nebulosas e de difícil compreensão, dado o movimento de fazer silenciar tais experiências.

No entanto, as vivências da dissidência sexual nas relações sociais não ocorreram do mesmo modo, mas em constante movimento, em meio a afetos contraditórios que exigiram de cada jovem que negociassem sentidos e significados sobre o que vem a ser a sua identidade sexual, de modo a poderem assumir o seu lugar no mundo. Esses processos vivenciados pelos jovens legitimaram as possibilidades de pertencimento e exclusão, sobretudo, no que se refere à inserção social dos jovens em diferentes situações sociais.

Ao longo dessa discussão temos insistido na necessidade de repensar os primeiros espaços de socialização, em especial, a família e a escola, pois temos percebido que as vivências de cada jovem contrariam a imagem das relações familiares e escolares, como lugares que presentificam apenas afetos positivos, como o acolhimento e a aceitação. Sobre isso, Lio pareceu nos alertar ao dizer “*a única parte que pega mesmo é a parte da família*”, e, além disso, Isaque também enfatiza: “*a escola também não foi um ambiente muito agradável pra mim, não foi exatamente lugar acolhedor eu diria e, a família também não*”.

Desse modo, parece que as significações presentes nas vivências de todos os jovens, os colocaram a imaginar outros caminhos e possibilidades de aceitação, reconhecimento e pertencimento, tendo em vista que na escola e a família, primeiros lugares de socialização dos jovens, foram espaços onde prevaleceram afetos que diminuíram a potência de ser e agir. Nesse âmbito, nos próximos parágrafos apresentamos as cenas que revelam os caminhos encontrados pelos jovens, em meio ao pertencimento e à exclusão, para que pudessem persistir e existir.

## **Cenário 1. Relações Familiares e Escolares**

Neste momento, nos deparamos sem filtros ou ressalvas, com as dificuldades de objetivar as experiências, visto que, o que se cria na imaginação se encaminha para materializar a realidade. A respeito disso, queremos enfatizar que em um primeiro momento na imaginação se cria possibilidades de antecipar as ações sobre o mundo, e os motivos que orientam essas práticas têm sua origem nas relações com os outros da nossa realidade social. Entretanto, Vigotski (1930/2009, p.55) lembra “Criar é difícil. A necessidade de criar nem sempre coincide com as possibilidades de criação e disso surge um sentimento de sofrimento penoso de que a ideia não foi para a palavra, como diz Dostoievski”. Ressaltamos o aspecto criador da imaginação, sendo um caminho pelo qual, os jovens direcionam suas ações e condutas que afetam não só cada um, de modo individual, mas, também, o social, a saber, as relações que acontecem em seu entorno.

As relações intersubjetivas em que os jovens estiveram inseridos oferecem o material que compõe os processos imaginativos, os quais se encaminham para a criação, a saber, atuar, intervir e transformar a realidade, e a um só tempo, torna possível aos jovens orientar suas formas de ser, pensar e estar no mundo. No entanto, para que, de fato, seja vivido concretamente o que se imagina, implica o confronto e a negociação de motivos e significações. Essa situação está relacionada ao processo de desenvolvimento humano na acepção histórico-cultural, como afirma Vigotski (1929/2000, pp.28-29), “o desenvolvimento segue não para a socialização, mas para a individualização de funções sociais”. Com isso, enfatizamos que em meio as relações sociais que criaram formas de silenciar e não aceitar as dissidências sexuais, os jovens se colocam a construir para si, formas de aceitação, pertencimento e reconhecimento. No entanto, como se deu essa escolha por viverem outros espaços, onde pudessem acessar afetos alegres?



As cenas narradas pelos jovens revelam que a criação de novas formas de agir e ser na realidade ocorreu em um processo dinâmico e não linear, onde se destacam as diferentes manifestações da inconformidade com as afecções que foram acessadas na família e na escola, isto é, as situações sociais prevalentes na definição de quem poderiam ser e se reconhecer. Por exemplo, nas cenas abaixo, Isaque, Ana e Giges lembram como foi o período da escola e das possibilidades limitadas oferecidas por esse espaço:

**Isaque:**

*lembro que tinha épocas que eu faltava, tipo, duas semanas seguidas, entendeu? e, eu faltava muito, muito, muito mesmo, eu nunca deixei de aprender, mesmo quando eu faltava, eu ficava em casa estudando, e realmente não frequentava a escola por causa desse ambiente maligno, que eu estava inserido. [fala rindo]*

**Ana:**

*[...] e fica aquela sensação ruim de eu realmente não conseguir manter uma relação lá dentro, sabe? eu tinha minhas amizades, aí eu eu mantive, assim, mais próximos, 4 dessas meninas, uma delas é até hoje é minha amiga, que depois também, ela foi entendendo melhor, foi aceitando tudo bem, mas de resto eu nunca consegui me conectar, assim, de um jeito mais profundo, sabe? que eu, que eu me sentisse super à vontade pra ser eu, porque sempre tinha essa questão meio que impedindo, sabe? porque eu sabia que era um problema pra elas [...] E aí depois pegando, puxando para esse lado de fora, "ah, mas o que que os outros vão pensar? ah mas então não quero mais andar com você, porque se não vão achar que eu também sou" [...] então era sempre, assim, mantendo fechada, é... meio que escondendo isso, meio que me escondendo mesmo, sabe? era essa a sensação de estar me escondendo e querer sair desse lugar logo, do tipo assim, eu posso chegar em casa, eu posso ser eu, [...] É... tinha também essa... essa coisa na época da escola, né? as mães... eu esqueci de falar*

*disso, as mães das amigas saberem né? porque as amiga já tinha contado, e aí não queria que andasse mais ou não querer que eu fosse na casa, sabe? esse tipo de coisa? Tinha bastante também. [...] E, e aí eu senti que deu essa afastada, mas eu também me fechei bastante depois disso, porque era assim, tipo, aí eu tenho que ir pra a escola passar tanto x horas [Ana]*

**Giges:**

*E aí eu fui na, eu tava muito mal na época, aí eu peguei fui na secretaria e aí eu conversei com essa... não lembro se era supervisora, inspetora, eu falei que eu precisava de alguém para poder conversar naquele momento, né, e aí eu contei para ela assim, o que eu tava sentindo e falei pra ela que eu me sentia muito mal, que eu não tinha vontade mais de viver e não tinha vontade de fazer mais nada. E aí ela, aí ela falou para mim: - Giges, sabe que acho que às vezes você tem a depressão e tal, ela falou assim: - eu não tenho como te ajudar, assim, eu não tenho como fazer algo por você, você teria que conversar com a sua família e procurar uma ajuda, e tal, mas eu vou tirar ele da sua sala pra você não ter mais problema com ele esse ano.*

*[...]*

*Tanto é que no primeiro colegial, eu, eu quase fui reprovado por falta, porque eu não queria mais ir para escola, sabe. Eu me sentia uma pessoa muito, no primeiro colegial, isolada, sabe, das outras. Então eu não queria ir pra escola no primeiro colegial. E aí hoje eu paro e penso, gente, quantas pessoas... assim eu tive um apoio muito forte da minha família nessa questão de falar você não vai reprovar, você não vai parar de estudar, enfim, sabe. Pegaram no meu pé e fizeram eu continuar os estudos.*

Ainda que as falas fossem enunciadas de lugares diferentes, percebemos que aparecem em comum as diferentes formas de não pertencimento ao espaço escolar, como diz

Isaque sobre a escola ser um “*ambiente maligno*”, interferindo no seu processo de aprendizagem, ou Ana que lembra “*aquela sensação ruim de eu realmente não conseguir manter uma relação lá dentro*”, até mesmo, o que foi dito para Giges: “*you teria que conversar com a sua família e procurar uma ajuda*”. Ao visualizar essas experiências, compreendemos que os jovens reconheciam que a escola se definia como um espaço onde não poderiam ser acolhidos e aceitos, e tais condições, impuseram que eles encontrassem o reconhecimento de suas diferenças em outros lugares e outras relações. O que se aproxima das falas de João, a respeito de como vivenciou o período da escola:

*eu acho que durante um tempo a gente vai aceitando, vou colocar entre aspas, algumas brincadeiras, a gente vai flexibilizando algumas coisas, em prol de talvez ser mais aceito, de pertencer a um núcleo [...] você vai amadurecendo e vai percebendo que tudo está muito tóxico e que você não permite mais nada disso na sua vida.*

Nesse sentido, a não aceitação da vivência da orientação sexual dissidente pareceu impedir que os jovens pudessem sentir o pertencimento ao espaço escolar, e para que pudessem minimamente se perceber como participantes desse contexto, deveriam anular suas individualidades, e se flexibilizarem, aceitando as violências cotidianas. Como diz Giges, as questões relativas à orientação sexual deveriam ser discutidas fora da escola, especificamente, com a família. Contudo, a partir das informações que têm sido apresentadas, os jovens se deparam em suas relações familiares com condições semelhantes às vividas na escola.

Ao longo dessa discussão temos insistido na necessidade de repensar a definição de família e dos afetos que se originam das relações familiares, pois temos percebido que as vivências que se desenrolam no espaço da casa de cada jovem, contrariam a imagem da família como lugar que presentifica apenas afetos positivos, como o acolhimento e a aceitação. Se retomarmos as cenas discutidas anteriormente, com os afetos nomeados como

silenciamento e não aceitação, tais afetações presentes nas relações familiares parecem significar para os sujeitos o sentimento de não pertença. Diante de tal situação, Lio nos conta:

*nesse momento o meu objetivo é sobreviver, trabalhar, juntar dinheiro e ter a minha casa, sabe? Sair de casa mesmo, porque eu entendo que isso pra mim é o autocuidado, sair de casa.*

A fala de Lio parece inserir novas imagens sobre as relações que se constroem na família, e da construção de motivos que colocam aos jovens possibilidades de escolha, isto é, tentativas de superar os afetos que estavam circunscritos ao contexto familiar. Essas imagens também são narradas pelos demais jovens, como apresentado a seguir:

***Isaque:***

*eu sou bem mais afastado, eu não me sinto na verdade, em um lar, entendeu? Eu não me sinto em casa, mais íntegro e confortável pra ser quem eu sou de verdade, então eu tô até prefiro me afastar, entendeu? ... Eu não me sinto, assim, seguro em casa, entendeu? Não seguro assim, ah, a qualquer momento eu posso morrer, não é isso, mas eu não me sinto completo aqui dentro, eu me sinto deslocado. É essa palavra. [...] família, antes eu tinha um conceito e hoje eu tenho outro, antes eu acreditava que família tinha muito a ver com laços sanguíneos, sabe, algo, parentesco, parentesco. Hoje em dia eu entendo que não, eu entendo que a família é um lugar onde você se sente bem, onde você se sente confortável, você tá com pessoas com quem você pode contar, e foi justamente essa segunda visão de família que eu não tive. [...] Eu não acho que a minha casa seja um lar, eu não acho que os meus pais foram pessoas.... [fala pausada] que eu acho que deveriam ser... ah... bom, deixa eu tentar repensar aqui, de uma maneira que faça sentido, do que eu tô sentindo... O que eu pensava que deveriam ser os meus pais, eles não foram pra mim, entendeu?*

***Ana:***

*[sobre estar em casa] você fica o tempo todo meio que se esquivando, tentando fugir de coisas que vão te agredir né? E às vezes nem, na maioria das vezes, não é nem agressão física, graças a Deus, eu nunca, tipo, apanhei por isso, mas é aquela coisa de verbal, né? o jeito de que olham, o jeito que falam, é horrível também.*

Isaque e Ana se referem à construção dos laços afetivos que se dá na intersecção entre família e a sexualidade, sobretudo, das possibilidades de viver o cuidado e acolhimento, que são atribuídos à responsabilidade dos familiares. Em diálogo com os saberes antropológicos poderemos nos debruçar sobre a politização dos vínculos familiares, tal como lembra Fonseca (2007, p.15) da “crescente tendência, em políticas de intervenção, de ver a família como *locus* privilegiado de problemas e soluções sociais”. E, também, Junqueira (2018), ressalta o movimento conservador que impõe a família o cuidado exclusivo de questões relativas à sexualidade, favorecendo nessa dinâmica a hegemonia da naturalização da família heterossexual.

Nesse sentido, o nosso olhar se estende à compreensão da construção política, histórica e cultural que determinam quais são os afetos que podem ser vividos na família, e em particular, quando se trata de jovens dissidentes da heteronormatividade. Em diálogo com as proposições da perspectiva histórico-cultural, podemos avançar nessa discussão e compreender que as tensões e contradições presentes nas vivências dos jovens, contribuem na construção de motivos que concorrem na tomada de decisão e na escolha por caminhos que superem as barreiras colocadas no processo de desenvolvimento.

Ainda persistem nossos questionamentos a respeito de como os jovens puderam persistir na existência em situações que oprimiam suas singularidades. As falas de Isaque e Ana parecem lançar luz sobre essas questões, ao dizer:

***Isaque:***

*Eu tô procurando esses pilares ainda, os que eu já descartei já, com certeza, é a igreja, a família e a escola, mas eu espero que nessa nova fase da minha vida que eu tô entrando agora, em faculdade, que eu vou entrar na faculdade, que eu tô estudando inglês, sabe? Eu acho que, talvez, sejam bases pra eu me apoiar.*

**Ana:**

*na minha vivência eu tive muito, é... muito forte essas duas... essas duas vivências, né? de estar em um ambiente dentro da escola, onde todo mundo falava: "não, você não pode ser assim, você tem que ser diferente do que você é" e, fora da escola com as amigadas que eu fiz fora, de ser aceita, né? e de ser abraçada e de falar: "não, tá tudo bem".*

Os caminhos narrados por Isaque e Ana sintetizam as possibilidades encontradas também pelos demais jovens, os quais, em geral, dizem sobre estar fora da escola e da família, isto é, se distanciarem de relações que valorizam a naturalização da heterossexualidade e repulsa as dissidências sexuais. Ainda que, tal como Ana discorre, nesse processo permanecem as contradições:

*uma época que eu gostava muito de ficar na rua do que ficar em casa, porque... ali eu podia ficar de boas e ser eu, dentro de casa não, tinha... sabe? ficar fingindo que não era eu e que não tinha nada acontecendo, quando na verdade tinha né? E, então era, tipo assim, esses amigos sempre foram uma família, assim, né? nós todos sempre fomos... uma família uns pros outros [...] eu me sentia mais segura na rua com os meus amigos que dentro de casa. Então é um negócio assim de se questionar, né? Você vai se sentir mais seguro na rua do que dentro da sua casa? É... mas, assim, foi... foi durante esse momento, hoje claro, que eu me sinto mais segura dentro de casa, porque é a minha casa [riso] mas, é complicado né?*

As novas possibilidades de significar as vivências de serem jovens dissidentes da heteronormatividade aparecem em suas histórias de vida no momento da adolescência, no qual, segundo Vigotski (1931/2006, p.11 – tradução livre) “o problema dos interesses na idade de transição é a chave para entender todo o desenvolvimento psicológico do adolescente”<sup>11</sup>. Tal como discutimos no enredo anterior, é nesse momento da trajetória do desenvolvimento humano que os conceitos cotidianos, bem como, as dificuldades apresentadas pelo meio, podem ser intelectualizadas, pelo domínio de ferramentas culturais, como a palavra, que viabilizam novas interpretações da realidade.

Nessa situação, a relação dos jovens com a realidade também se altera, ou seja, as relações familiares e escolares, as quais afetavam os jovens de modo a colocarem no lugar da passividade, passam a ser confrontadas e questionadas, em direção à consolidação de suas concepções de mundo, e também, a concepção do que é ser e assumir o papel social de um jovem dissidente da heteronormatividade. Esse movimento pode ser visualizado nas cenas narradas por Ana e Giges:

**Ana:**

*[...] na época que eu estava na escola e tal, essas coisas, que foi quando eu comecei a tipo, a pensar mas, assim, eu não teria problema, assim, ficar com uma menina, né? eu acho que seja um problema e coisa e tal. Eu tinha muita curiosidade, né, quanto a isso, então eu lembro que às vezes eu... porque eu sempre fui muito de baixar filme, música, essas coisas e as vezes eu baixava alguns filmes assim, com temática assim, sabe? de, de gay, de lésbica, blá blá blá, e assistia. Escondidinha em casa, pra ver, pra entender, o que eu achava, sabe?*

**Giges:**

---

<sup>11</sup> “El problema de los intereses em la edad de transición es la clave para entender todo el desarrollo psicológico del adolescente”

*[...] o meu terceiro colegial já tava muito mais tranquilo, porque eu já tinha, assim, vamos dizer esse porto seguro com algumas pessoas e tal, eu já tava ficando com outros caras, entendeu, então, tipo tudo escondido né, mas, é, foi assim um período que eu tava me sentindo mais seguro, foi ali que eu consegui, o terceiro colegial foi o ano assim que fechou, assim sabe, que eu consegui me aceitar, entender quem eu era, sabe, não ter um preconceito contra mim, entendeu, não me sentir culpado mais em relação à minha orientação. Foi um ano assim, se eu for falar para você, o ano, o único ano, que realmente foi ano feliz na escola foi o terceiro colegial.*

Nesse sentido, vemos que são imaginadas e vividas novas possibilidades, seja com outros reais, ou através do acesso de materialidades artísticas, por exemplo, o filme, em que ambos permitem que se apropriem de diferentes formas de pensar, imaginar e agir em relação a sua própria sexualidade, e também, em relação aos outros, que fazem parte da família e escola.

Na cena abaixo, Giges relata suas lembranças da adolescência, em que percebe a incorporação para si dos modos possíveis de viver a sua orientação sexual, bem como, dos impactos na sua conduta e posicionamento social:

*Sim, igual eu falei pra você, por mais que eu fale que a minha vontade era apagar esse período da minha vida, mas foi assim um período muito importante pra questão de eu aprender a me defender, sabe? Das pessoas, aprender a enfrentar situações, sabe? Eu acredito que hoje em dia quando eu me deparo com situações difíceis, eu sei enfrentar muito melhor, sabe? Por causa de tudo isso que eu passei na minha adolescência, sabe? Hoje eu sei lidar muito melhor com as pessoas e com as situações?*

Diante dessas cenas supomos que as experiências que esses jovens tiveram acesso nas relações familiares e escolares, impuseram motivos que em um primeiro momento



orientavam as suas ações com o domínio do que é externo, diminuindo a potência de agir, mas, dada a posição ontogenética do humano, ou seja, da gênese social da personalidade que ocorre por meio da apropriação de ferramentas culturais nas relações sociais, puderam recombinar as experiências vividas e criar novas possibilidades de imaginar e viver a aceitação e pertencimento. Essas vivências são marcadas constantemente por encontros dramáticos, permeados de tensões e conflitos, os quais desestabilizam as normas sociais que regulam a família e a escola, o que inclui o confronto com a naturalização da afeição, cuidado e os papéis que culturalmente são atribuídos aos atores que compõem esses espaços.

Desse modo, o pertencimento e a aceitação não são dados *a priori*, como se fossem natural da família e do espaço escolar, mas construídos nas relações cotidianas, e as regulações sociais, que se orientam pela hegemonia heterossexual, favorecem que os outros, quais sejam, os pais, irmãos, colegas e professores, tornem-se vigilantes da sexualidade, implicando no silenciamento, não aceitação e sentimento de não pertencimento, daqueles que escapam da heteronormatividade.

Para os jovens não-heterossexuais, são oferecidas condições precárias para que possam persistir na existência, mas a força vital de autoconservação, impulsiona os jovens para desenvolver atos criativos, a procura de bons encontros, nos quais encontraram outros que abrem espaços para falarem e viverem as suas diferenças e diferentes significações da orientação sexual.

## **Cenário 2: Em busca de outras relações, outros encontros**

Ao voltar nossos olhos à cena inicial do encontro com esses jovens e acessar a forma como os jovens narraram os acontecimentos dramáticos da vivência da orientação sexual, percebemos que foram negociadas formas de construirmos em conjunto relações intersubjetivas, tal como tiveram que negociar e confrontar em suas experiências cotidianas.

Desse movimento, cada personagem desse estudo nos provocou a ver, não apenas as situações vividas, mas os seus atos criativos e a criação de novos modos de se ver e se narrar, tal como diz Jean “*eu acho que todo dia a gente se descobre um pouco né?*”

A imagem da casa que foi sendo concebida por meio dos seus atos criativos revelou a nós a importância do lugar de fala e escuta. A respeito disso, lembramos de Bakhtin (2011/1979, p. 129), que discorre sobre a liberdade ética do ato, sobre o qual ele diz: “este é determinado pelo ainda-não-ser, pelo antedado dos objetos, dos fins; suas fontes estão no porvir e não no passado, não estão no que existe mas no que ainda não existe”. Desse modo, as situações dramáticas narradas estavam direcionadas ao que imaginam que poderão ainda ser e viver, e o que essas vivências e atos criativos narrados pelos jovens podem revelar a nós sobre o porvir e o futuro?

Ainda em diálogo com Bakhtin (2011, pp. 131-132), ele afirma:

Minha própria palavra sobre mim mesmo não pode ser essencialmente a última palavra, a que me conclui; para mim, minha palavra é um ato, e este só vive no acontecimento singular e único da existência; é por isso que nenhum ato pode dar acabamento à própria vida, pois ele a vincula à infinitude aberta do acontecimento da existência.

Com isso, evidenciamos que as imagens, cenários, cenas e enredos dramáticos que foram narrados não encerram em si, mas vislumbram as inúmeras possibilidades que se abrem aos jovens, ao encontrar espaços onde possam estabelecer relações intersubjetivas, isto é, espaços de compartilhamento de diferentes significações, no encontro com outros que favoreçam a construção de novas formas de se reconhecerem e se posicionarem nas relações sociais. Nas cenas que seguem, destacamos as diferentes expressões de arte e o encontro com outros jovens, que também estavam vivenciando os dramas relativos ao reconhecimento da orientação sexual dissidente. Esses encontros parecem ter possibilitado a cada um dos jovens,

tomarem a palavra e criar novas situações de enfrentamento da homofobia e a diminuição da potência de agir.

Jean relata que após a sua inserção no trabalho, encontrou outras formas de lidar com as violências cotidianas, sobre isso ele diz ter descoberto que “*a chave pra o sucesso é o autoconhecimento*”. O sucesso aparece em sua fala como a possibilidade de se desvincular de afetos estritamente tristes e encontrar a felicidade. Vejamos o que ele nos diz:

*no meu caso eu quero ser feliz, enquanto eu estiver aqui. Eu não pedi pra estar aqui, não vim... não pedi pra vir do jeito que eu vim, não pedi pra ser gay, preto, da periferia, não pedi pra nascer no Brasil [...] eu não pedi isso. Já que... me vem isso, né? então eu vou viver da melhor forma que eu puder viver, feliz, né? Independente de qualquer coisa.*

O encontro com a felicidade, se pensado em termos espinosanos, diz sobre ser afetado de tal modo que haja o sentimento de que o aumento da potência de existir e agir depende apenas de si mesmo como causa interna (Chauí, 2011). Em meio à escrita e a música, Jean é afetado por causas internas, visto que parece conhecer os afetos que se originam das suas vivências e o desejo por encontrar algo ou alguém que fortaleça sua potência de ser e agir, como aparece nas cenas abaixo:

*muitas das vezes eu escrevo coisas que eu sonhei, vem na minha cabeça, eu tô de madrugada com o olho fechado e vem um verso, juro pra você, vem um verso pra mim e acabo escrevendo o resto, né? mas, principalmente eu tenho escrito bastante. E, acontece... uma curiosidade, acontece muito de eu me emocionar quando eu escrevo aquilo [riso] é engraçado.*

[...]

*Um dia eu tava indo para o trabalho, eu tava no centro dentro do ônibus, ai eu tava... sempre vou escutado música, né? Gosto muito de música também. Ai me veio um*

*verso na cabeça, nunca tinha ouvido aquilo antes, né? Então ali quando eu ouvi aquilo, eu comecei a chorar dentro do ônibus, sabe? surreal! eu comecei a chorar ali, com soluços, as pessoas me olhavam estranho e nem eu sabia o que tava acontecendo, mas eu ouvi aquilo e naquele mesmo instante peguei meu celular e fui escrevendo, fui chorando ali, sabe? Mas é uma... um sentimento de emoção, é uma emoção... não sei te dizer, não sei te dizer, [pensando] é uma coisa negativa mesmo, de dor, sabe? Isso, nesse dia principalmente, foi uma expressão de dor, né? Foi um clamor, não sei dizer, foi um pedido de ajuda, não sei.*

O seu relato parece solicitar novos encontros, ou até mesmo, alguém que possa ouvi-lo e dialogar com ele sobre o que sente, e se aproxima das falas de Bakhtin (2011, p. 131) ao afirmar que “minha própria palavra sobre mim mesmo não pode ser essencialmente a última palavra, a que me conclui”. Desse modo, o que Jean compartilha em sua narrativa aparece como a abertura para novos e incessantes diálogos, e onde esses jovens poderão encontrar espaços para dialogar, e com quem poderão dialogar?

Ana lembra que em diferentes momentos da sua história de vida encontrou formas de fazer falar em si mesma, o que sentia e pensava sobre a sua orientação sexual, e em seu relato, conta o que imagina que pode vir a acontecer para que seja validados espaços de diálogo sobre as dissidências sexuais e outras representações do gênero, tal como ela diz:

*[...] também trazer esses outros materiais, né? de mídia, de filme, de clipe, que seja... qualquer coisa nesse sentido e também leituras, porque não só ficar naquela coisa de tipo romance heterossexual, sabe? Mas, trazer outras coisas diferentes, porque existe uma pluralidade infinitas de coisas [...] E, trazer uma mulher sempre foi muito diferente, eu lembro até hoje uma vez que tinha um negócio falando de uma mulher que chamava Maria Quitéria, na apostila. E aí eu fiquei: "meu Deus, olha tem uma mulher aqui entendeu, e ela tinha ido lutar uma guerra lá".*

Além dessas possibilidades, Ana enfatiza: “*acho que falta muito isso sabe? representatividade acho, que é né, de você se ver ali, falar: "pô, se a pessoa conseguiu eu também consigo."* O que ela nos conta se articula como o que temos discutido, isto é, a busca pelo encontro com outros que possam compartilhar significações, e além disso, demonstra que na escola, é possível haver caminhos para a discussão e visibilidade das dissidências sexuais. Giges ao se lembrar do momento da escola conta que encontrou fora da escola espaço para outras significações acerca da orientação sexual:

*quando eu fui para o primeiro colegial, eu comecei a fazer amizade com pessoas assim da cidade que o povo meio que tinha medo, sabe. [risos] Eu comecei a fazer amizade com essas pessoas, geralmente a galera do rock sabe, na época os metaleiros, eu comecei a fazer amizade com essas pessoas, que eu também gostava do som. E aí eu comecei a andar com essas pessoas, então eu só acredito que foi uma coisa que me ajudou muito, sabe porque? as pessoas passaram a ter medo de mim, por eu andar com essas pessoas, então foi um período assim que pelo menos eu não sofri mais tanto preconceito, por medo sabe, por andar com essas pessoas, medo de apanhar delas , né.*

Além desse momento, Giges compartilha como a música, filmes e conversas *online* em redes sociais, foram importantes para dialogar sobre suas experiências. Essas formas de acessarem outros modos de viver a orientação sexual comparecem como possibilidades de se fortalecerem para enfrentar as situações cotidianas da escola e na família. Mas, enfatizamos a constante procura por espaços de compartilhamento de significações sobre a orientação sexual, sobretudo, a respeito das dissidências sexuais, e que espaços foram esses encontrados?

Essas cenas e experiências compartilhadas mostram brevemente que cada jovem lançou mão de instrumentos e ferramentas culturais, tais como a escrita, a música, o filme e

as conversas em redes sociais, para poder encontrar com outros que fizessem avançar as suas concepções acerca da orientação sexual dissidente. Rita, Ana e Lio, por exemplo, lembram que a entrada na universidade possibilitou encontrar parceiros que contribuíram para entender e aceitar a sua orientação sexual. Isaque e Jean, os mais jovens interlocutores, demonstram tentativas de dialogar com outros jovens, mas acabam por encontrar nas leituras e músicas, o espaço para entenderem o que estavam vivenciando em suas relações familiares e escolares.

Giges encontra um grupo em sua cidade, onde a sua orientação sexual não é significada como um “problema”, mas entendida como uma possibilidade de vivenciar a sexualidade, e viabiliza a abertura para conhecer músicas, filmes e grupos de conversa em rede social, que pautavam as vivências LGBTI+. João e Lay, contam das dificuldades de encontrar outras pessoas para dialogar, mas a família e os colegas, com o passar do tempo, puderam aceitar a possibilidade de existir as dissidências sexuais, e tem negociado formas de falar sobre suas experiências nesses contextos.

As vivências cotidianas parecem exigir que todos os dias esses jovens devem atuar criativamente para que possam existir e se livrar das afecções que favorecem a diminuição da potência de agir, sobretudo, as impossibilidade colocadas pelo meio social, para ampliarem as significações acerca da sexualidade. Chauí (1995) diz que para o filósofo Espinosa o método para se livrar das causas externas e inadequadas, as quais favorecem afetos que diminuem a potência de agir e existir, é conhecer a gênese de uma coisa determinada, e como ela afirma:

é no conhecimento do poder ou da capacidade intelectual de pensar que se encontra a causa do método. A reflexão faz com que o intelecto se perceba como inteligência, isto é, como ato de pensamento que possui internamente a potência para o verdadeiro (Chauí, 1995, p. 41).

Podemos ainda aproximar essa discussão das reflexões de Vigotski (1931/2000b, p.288 – tradução livre<sup>12</sup>) ao afirmar que “A liberdade humana consiste precisamente em pensar, ou seja, em tomar conhecimento da situação criada”. Desse modo, é necessário se posicionar e ir a busca do conhecimento verdadeiro, ainda que permaneçam as constantes tensões e conflitos, tal como o nome desse enredo, parece que o jeito é ir embora, em direção ao devir, ao tornar-se e ao que podem ser, em busca do comum.

Tal como afirma Delari Júnior (2020, p.68) “um caminho para a liberdade supõe um movimento pelo qual se o percorre, com lutas intensas que isso envolve, com erros e acertos, avanços e retrocessos.” E, esse caminho é percorrido em direção à coletividade, havendo desenvolvimento individual e coletivo, a um só tempo, pois como lembra Espinosa:

a verdadeira felicidade e beatitude de cada um consiste unicamente na fruição do bem e não na glória de ser o único a fruir, enquanto os outros são excluídos; quem, na verdade, se julga mais feliz porque as coisas lhe correm bem só a si, e não aos outros, ou porque é mais feliz e mais afortunado que os outros, ignora a verdadeira felicidade e beatitude. (Espinosa, 2004/1670, p. 44).

Deste modo, mais uma vez, valemos da importância das relações, dos encontros, dos outros, na constituição de si, bem como, os afetos que daí se originam, como diz Delari Júnior (2020, p.66), “os modos de concebermos a realidade são indissociáveis das formas de nos relacionarmos afetivamente com ela”. Acreditamos que novas interpretações e reflexões sobre as realidades vividas por jovens dissidentes da heteronormatividade favorecem a construção de novas perspectivas coletivas e colaborativas para a superação da normatividade da vida que pune, exclui e mata, aqueles que atuam criativamente na contramão da heteronormatividade. As vivências desses jovens, mostram outros modos de se relacionar afetivamente com a realidade, e vislumbram caminhos ainda a serem percorridos.

---

<sup>12</sup> “La libertad humana consiste precisamente en que piensa, es decir, en que toma conciencia de la situación creada”

## OUTRAS SAÍDAS - PSICOLOGIA E JOVENS DISSIDENTES DA HETERONORMATIVIDADE

As cenas trazidas por cada jovem para compor esses cenários de encontro nos provocam a *ouvir, ler e ver*, o caminho percorrido para a construção dos modos de significar a orientação sexual em suas relações sociais. Em um primeiro momento, deparamos com a cena de enunciação do lugar de *onde e como* podem falar sobre as suas vivências, em que a orientação sexual assume grande relevância, no qual, percebemos a contradição, a saber, a incitação a pensar e falar sobre a sexualidade nas relações familiares e escolares, e ao mesmo tempo, modos de fazer silenciar e calar as dissidências sexuais. Essa situação dramática, ao compor as experiências dos jovens e serem significadas por eles, diz sobre como precisaram ter cuidado e cautela ao falar sobre suas vivências relacionadas à orientação sexual não heterossexual.

Em um segundo momento, observamos nos processos vividos por esses jovens, desde o lugar do silenciamento, a negociação de espaços intersubjetivos como condição à visibilidade e aceitação de suas dissidências sexuais, sobretudo, ao fazerem uso da palavra, como instrumento psicológico, que favoreceu novas posições sociais. O caminho possível para esses jovens envolveu os processos imaginativos que viabilizaram a criação de situações imaginárias, onde puderam assumir posições sociais de enfrentamento dos afetos negativos que coíbem suas orientações sexuais, sobretudo, diante da não aceitação dos familiares e nas relações escolares.

A cada passo dado, tivemos maior clareza de que cada ato narrado e, ao mesmo tempo, que foi vivenciado por esses jovens, trazendo consigo a história singular, de como compareceram as dissidências sexuais *em si*, e no encontro com outros significativos, torna-se uma história *para os outros*, vivenciado para outros sujeitos sociais, como os familiares, pares na escola, demais contextos, que infligem à urgência de tomar posição social, isto é, se



encaminha para que cada jovem vivencie *para consigo mesmo*, o que é, ou poderia vir a ser, jovem homossexual, jovem lésbica ou jovem bissexual.

O entendimento dessa dinâmica perpassa a lei geral, a qual é central na compreensão histórico-cultural do desenvolvimento da personalidade do ser humano concreto, que nas palavras de Vigotski (1929/2000, p.26) “qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos – primeiro no social, depois no psicológico, primeiro entre as pessoas como categoria interpsicológica, depois – dentro da criança”. Trata-se da passagem da ordem estritamente da natureza à ordem da cultura, e não ocorre de modo dualista, como lembra Pino (2000, p.51), “as funções biológicas não desaparecem com a emergência das culturais mas adquirem uma nova forma de existência: elas são incorporadas na história humana”. Portanto, pensar a respeito do desenvolvimento cultural é discorrer sobre o processo de transformação da realidade que todo ser humano opera, isto é, faz e constrói história, e nas palavras de Pino (2000, p.51) “Isso faz do homem o artífice de si mesmo.”

O que é vivido, não é apenas, de todo modo, singular, mas são decisões e posições sociais tomadas que interferem no desenvolvimento de toda uma coletividade, ainda que a constituição desse coletivo seja permeada de rupturas e contradições. O que isso diz sobre os relatos dos jovens? As situações dramáticas vivenciadas por esses, são parte de um momento histórico, político e cultural, que ofereceu instrumentos, signos e determinadas relações sociais, para que pudessem conceber e se apropriar de modos de significar a orientação sexual dissidente. O que não se deu de modo linear e passivo, mas em constante luta e atuação ativa. O que cada jovem nos conta, parte das particularidades históricas e culturais da formação da juventude brasileira, em particular, sudestina e de região urbana. As homossexualidades, lesbianidades e bissexualidades foram e continuam a ser vividas conceitualmente, de modo dramático, não como se fosse algo novo, mas que ainda, se

sobrepõe, dadas as circunstâncias que temos narrado ao longo do trabalho, de valorização do conservadorismo e do embate às vivências LGBTI+.

Tal situação aloca esses jovens numa constante individualização, o que aparece como desafios para a atuação da Psicologia, sobretudo, na criação de espaços coletivos, onde as vivências de jovens LGBTI+ possam ser faladas, vistas e vividas coletivamente, como um caminho para imaginarem e criarem novas realidades sociais. Com esse estudo, esperamos contribuir com a construção de novas práticas psicológicas na intervenção com jovens LGBTI+, sobretudo na valorização de espaços de fala e escuta de vivências reais de sujeitos concretos, construindo e redescobrimo colaborativamente, mediadores culturais que fortaleçam a potência de agir e existir em situações sociais precárias e conservadoras.

O diálogo com *Pelo Malo*, obra cinematográfica utilizada nesta pesquisa, sucedeu de modo a criar espaços para a produção social de processos de significações, não apenas restritivas a vivência da orientação sexual, mas as diferentes determinações sociais que possibilitam nossa humanização e a gênese social da personalidade. Tal como discutido por Clot (2014, p. 137), “o sentimento vivido dentro da experiência artística nos permite imaginar também o que poderíamos vir a ser”, e poderíamos acrescentar que as imagens e atos compartilhados nesse estudo são inacabados, pois trata-se de uma dimensão da realidade histórica e cultural revelada a nós, que por meio da arte podemos imaginar e construir outras possibilidades de pensar sobre o papel constitutivo da sexualidade nas vivências humanas.

Desse modo, os achados deste estudo aparecem como caminho mediado para futuras intervenções com jovens LGBTI+ e outros sujeitos sociais, que privilegiam o diálogo e a arte, como instrumentos psicológicos que resgatam o aspecto dramático da experiência humana, e valoriza o modo como cada pessoa vivencia afetivamente a sexualidade e a realidade social, podendo se posicionar sobre ela, construindo colaborativamente modos de enfrentar as desigualdades sociais.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2006). Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 222-245. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006>
- Aguiar, W. M. J. & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 94(236), 299-322. <https://doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>
- Aguiar, W. M. J. & Machado, V. C. (2016). Psicologia Sócio-histórica como fundamento para a compreensão das significações da atividade docente. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(2), 261-270. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-02752016000200008>
- Aguiar, W.M J., Soares, J.R. & Aranha, E. G. (2021). Revisiting the analytical procedure of signification nuclei: Theory and Method in Group Analysis In *Qualitative Research and Social Intervention: Transformative Methodologies for Collective Contexts*, (pp. 113–133). Charlotte: Information Age Publishing.
- Amaral, M. M. (2019). Dimensão subjetiva da masculinidade: significações de homens gays sobre o papel da escola no processo de constituição da masculinidade. [Dissertação de Mestrado: Educação, Psicologia da Educação, PUC-SP].  
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22184>
- American Psychological Association (2017). *IPsyNet Statement on LGBTIQ+ Concerns*.  
<https://www.apa.org/ipsynet/advocacy/policy/statement-english.pdf>
- Bakhtin, M. M. (1997). Problemas da poética de Dostoiévski (P. Bezerra, Trad.) (2a ed.) Forense. (Obra original publicada em 1963).
- Bakhtin, M. M. (2011). Estética da criação verbal (P. Bezerra, Trad.) (6a ed.) Editora WMF Martins Fontes. (Obra original publicada em 1979).

- Berger, P. L. & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 24 ed. (Fernandes, F. S., Trad; 24nd. ed.). Editora Vozes. (Publicado originalmente em 1966)
- Brait, B. & e Amorim, M. (2020). Ver com Palavras. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 36(3), 1-32. <https://doi.org/10.1590/1678-460X2020360301>
- Butler, J. (2015). *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Editora Autêntica.
- Butler, J. (2019). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. (Aguiar, R. Trad.;18nd ed.). Civilização Brasileira. (Publicado originalmente em 1990)
- Camilo, A. A. (2010). *Um estudo dialógico sobre narrativas identitárias de mulheres jovens no contexto de coletivos lésbicos-bissexuais feministas*. [Dissertação de Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8534>
- Chauí, M. (1995). *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. Editora Moderna.
- Chauí, M. (2011). *Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa*. Companhia das Letras.
- Clot, Y. (2014). Vygotski: a consciência como relação. *Psicologia & Sociedade*, 26, n. spe2, pp. 124-139. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000600013>
- Coelho, L. J. (2014). Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. [Dissertação de Mestrado em Ciência, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho]. <http://hdl.handle.net/11449/110899>
- Coli, J. (1995). *O que é arte?*. (15nd ed.). Editora Brasiliense.
- Coli, J. (2020, 30 de abril). Arte é sonho e isto não é metáfora. *Amável leitor: arte e cultura*. <https://amavelleitor.blogspot.com/2020/04/arte-e-sonho-e-isto-nao-e-metafora.html>

- Delari Junior, A. (2011). Sentidos do “drama” na perspectiva de Vigotski: um diálogo no limiar entre arte e psicologia. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 181-197.  
<https://www.scielo.br/j/pe/a/TLXhpLjNNKkwn9xKqJbzTxm/abstract/?lang=pt#>
- Delari Junior, A. (2013). *Vigotski: consciência, linguagem e subjetividade*. Alínea.
- Delari Junior, A. (2020). Gênese social da personalidade na visão de Vigotski: aproximação indireta à “educação estética”. In: Pederiva, P. L. M, Gonçalves, A. C. A. B, Abreu, F. S. D. (Orgs.), *Educação estética: a arte como atividade educativa* (pp. 53-74). Pedro & João Editores.
- Esperança, Â. C., Da Silva, I. R., & Das Neves, A. L. M. (2015). Meaning and directions about homosexuality among teachers: An analysis socio-historical. *Temas em Psicologia*, 23(3), 739-749. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-17>
- Espinosa, B. (2004). *Tratado teológico político*. (Aurélio, D. P. Trad.; 3a ed.). Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (Publicado Originalmente em 1670).
- Espinosa, B. (2018). *Ética*. (M. Chauí e Grupos de Estudos Espinosanos, Ed. & Trad.) Edusp. (Trabalho original publicado em 1677)
- Etengoff, C., & Daiute, C. (2014). Family Members' Uses of Religion in Post-Coming-Out Conflicts With Their Gay Relative. *Psychology of Religion and Spirituality*, 6(1), 33-43. <https://doi.org/10.1037/a0035198>
- Etengoff, C., & Daiute, C. (2015). Clinicians' Perspective of the Relational Processes for Family and Individual Development During the Mediation of Religious and Sexual Identity Disclosure. *Journal of Homosexuality*, 62(3), 394-426.  
<https://doi.org/10.1080/00918369.2014.977115>
- Etengoff, C., & Rodriguez, E. M. (2017). Gay men’s and their religiously conservative family allies’ scriptural engagement. *Psychology of Religion and Spirituality*, 9(4), 423-436.  
<https://doi.org/10.1037/rel0000087>

- Favero, S. (2020). Cisgeneridades precárias: raça, gênero e sexualidade na contramão da política do relato. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 13(20).  
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/18675>
- Fernandes, K. C. (2019). *Teatro social dos afetos*. [Tese de Doutorado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].  
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22108>
- Fonseca, C. (2007). Apresentação - de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. *Cadernos Pagu*, 29, 9-35. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000200002>
- Fontes, F. F., Falcão, J. T. R., Andrade, L. R. M., Souza, P. C. A. & Júnior, J. A. M. (2019) Psicologia histórico-cultural, perezhivanie e além: uma entrevista com Nikolai Veresov. *Educação & Sociedade*, 40, e0184797. <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019184797>
- Foucault, M. (1994). *A história da sexualidade I: A vontade de saber* (Tamen, P. trad.), (13 ed.) Relógio D'Água Editores. (Publicado originalmente em 1976)
- Gaspodini, I. B. & Jesus, J. G. (2020). Heterocentrismo e Ciscentrismo: Crenças de Superioridade sobre Orientação Sexual, Sexo e Gênero. *Revista Universo Psi*, 1(2), 33-51. <https://seer.faccat.br/index.php/psi/article/view/1771/1131>
- Gonsalves Toledo, L. (2013). “SERÁ QUE EU TÔ GOSTANDO DE MULHER?”: *tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista*. [Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, UNESP].  
[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/105610/toledo\\_lg\\_dr\\_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/105610/toledo_lg_dr_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
- Gonsalves Toledo, L., & Teixeira Filho, F. S. (2014). Laços de família e segredos (sexuais) compartilhados: narrativa de história de vida de uma jovem dissidente em uma família

homofóbica. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 8(11), 121-142.

<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6546>

Heller, A. (1972). *O cotidiano e a história*. Paz e Terra.

hooks, b. (2019a). A margem como espaço de abertura radical. In *Anseios: raça, gênero e políticas culturais* (pp. 280-295). Editora Elefante.

hooks, b. (2019b). *Olhares negros: raça e representação*. Editora Elefante.

Hopia, H., Latvala, E. & Liimatainen, L. (2016). Reviewing the methodology of an integrative review. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 4(30), pp. 1-7.

<https://doi.org/10.1111/scs.12327>

Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos* (2. Ed.)

[http://www.diversidadesexual.com.br/wp-](http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf)

[content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf](http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf)

Junqueira, R. D. (2018). A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Revista Psicologia Política*, 18(43), 449-502.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&tlng=pt.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&tlng=pt)

Katz, J. N. (1996). *A invenção da heterossexualidade*. (Fernandes, C. Trad.) Ediouro.

Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. (Whately, V. Trad.) Relume Dumará.

Leis de Diretrizes e Bases (LDB). Lei nº 9.394. 1996. (1996). *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*.

<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>

- Leite, N. C. S. (2010). *Tribo EMO: emoções como mediações constitutivas da adolescência*. [Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás]. <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2051>
- Lorde, A. (1982). Sadomasochism in the Lesbian Community: An Interview With Audre Lorde and Susan Leigh Star. In (Robin Ruth Linden et al.) *Against Sadomasochism. A radical feminist analysis*, The Frog in The Well Press.
- Louro, G. L. (1999) Pedagogias da sexualidade. In. (Louro, G. L. Org.). *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*, pp. 07-34. Editora Autêntica.
- Manguel, A. (2001). *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. (Figueiredo, R., Eichenberg, R. & Strauch, C. Trad.). Companhia das Letras.
- Mattos, A. R. & Cavalheiro, R. (2020) da proteção à instrução: mobilizações prático-discursivas em torno da infância nos debates sobre gênero e sexualidade na educação. *childhood & philosophy*, v. 16, 01 – 20.  
<https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48344>
- Mattos, A. R. & Cidade, M. L. R. (2016). Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. *Revista Periódicus*, 5(1), 132-153.  
<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17181/11338>
- Meireles, V. H. B. (2020). Heteronormatividade e suas implicações nas subjetividades de jovens universitários cis-gays sob a perspectiva da teoria da subjetividade. [Dissertação de Mestrado em Psicologia: Universidade Federal do Paraná].  
<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/68029>
- Montreozol, J. R. (2019). *A dialética consciente-inconsciente no desenvolvimento da identidade sexual: aportes sócio-históricos à práxis clínica psicoterápica*. [Tese de Doutorado em Psicologia: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].  
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22581>



- Moré, C. (2015). A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde  
Dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. *Atas –  
Investigação Qualitativa na Saúde*, 3(1), 126-131.  
<http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158>
- Neves, A. L. M. (2013). *Significados atribuídos por professores a ‘protagonismo’ em  
projetos de igualdade de direitos voltados à diversidade sexual*. [Dissertação de  
Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Amazonas].  
<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3928>
- Novaes, A. (1998). De olhos vendados. In Novaes, A. *O olhar*. Companhia das Letras.
- Novaes, A. (Org.). (1990). *O desejo*. Companhia das Letras.
- Oliveira, L. (2010). *Homossexualidade, família e micropolíticas da aceitação*. In Anais  
Fazendo Gênero 9 – Diásporas, diversidades, deslocamentos. pp.1-9.  
[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278486180\\_ARQ  
UIVO\\_HOMOSSEXUALIDADE,FAMILIAEMICROPOLITICASDAACEITACAO.  
pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278486180_ARQ_UIVO_HOMOSSEXUALIDADE,FAMILIAEMICROPOLITICASDAACEITACAO.pdf)
- Oliveira, L. & Barreto, T. C. (2019). Silêncios em discurso: Família, conflito e micropolítica  
em narrativas sobre a revelação da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad  
(Rio de Janeiro)*, 33(1), 318-342. [https://doi.org/10.1590/1984-  
6487.sess.2019.33.15.a](https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.33.15.a)
- Pino, A. (1999). *Constituição e modos de significação do sujeito no contexto da pré-escola*.  
ANPEPP. <https://www.anpepp.org.br/acervo/Colets/v01n04a03.pdf>
- Pino, A. (2005). *As marcas do humano: as origens da constituição cultural da criança na  
perspectiva de Lev S. Vigotski*. Editora Cortez.

- Pino, A. (2006). A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana. *Pro-Posições*, 17(2), 47–69.  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643628>
- Princípios de Yogyakarta (2006). *Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero*.  
[http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios\\_de\\_yogyakarta.pdf](http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf)
- Rich, A. (2012). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 4(05).  
<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>
- Rondon, M. (Diretora). (2013). *Pelo Malo* [Filme]. Sduca Films.
- Safatle, V. (2017). Vida vício virtude – Para além da sexualidade: Foucault e a liberdade como autopertencimento. In Novaes, A. (Org.) *Mutações: entre dois mundos*. (pp. 345-369). Edições Sesc São Paulo.
- Saffioti, H. (2013). *A mulher na sociedade de classes*. (3a ed.). Expressão Popular.
- Salgado, F. M. M. (2011). *Os sentidos do sofrimento ético-político na população LGBT em situação de rua em um centro de acolhida da cidade de São Paulo*. [Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo].  
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16931>
- Salgado, R. G. & Lemos de Souza, L. (2018). Gêneros, sexualidades e infâncias: cenas de crianças na contramão da inocência. *childhood & philosophy*, 14(29), 241-258.  
<https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.30540>
- Santos, R. M. (2020). A mobilização de questões de gênero e sexualidade e o fortalecimento da direita no Brasil. *Agenda Política*, 8(1), 50-77.  
<https://doi.org/10.31990/10.31990/agenda.ano.volume.numero>

Schulman, S. (2012). Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento.

*Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, 4(05).

<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312>

Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 28, 19-54.

<https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>

Simões, J. A. & Facchini, R. (2009). *Do movimento homossexual ao LGBT*. Editora

Fundação Perseu Abramo.

Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. (2. ed.) Edições Graal.

Souza, V. L. T. (2005). *Escola e construção de valores: desafios à formação do aluno e do professor*. Edições Loyola

Souza, V. L. T. (2008). Cultura escolar, autoridade e valores: reflexões sobre conflitos e tensões na constituição de alunos e professores. *Educação & Linguagem*, 11(17), 168-184. <https://doi.org/10.15603/2176-1043/el.v11n17p168-184>

Souza, V. L. T. (2016). Contribuições da Psicologia à compreensão do desenvolvimento e da aprendizagem. In Souza, V. L. T., Petroni, A. P. & Andrada, P. C. (Org.). *A psicologia da arte e a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem: intervenções em contextos educativos diversos* (pp. 11-26). Edições Loyola.

Souza, V. L. T., Petroni, A. P. & Andrada, P. C. (Orgs.). (2016). *A Psicologia da Arte e a Promoção do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Edições Loyola.

Souza, V. L. T, Dugnani, L. A. C., & Reis, E. C. G. (2018). Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(4), 375-388. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000400005>

- Souza, V. L. T. & Arinelli, G. S. (2019). A dimensão revolucionária do desenvolvimento e o papel da imaginação. *Revista Obutchénie*, 3(2), 1-22.  
<https://doi.org/10.14393/OBv3n2.a2019-51560>
- Souza, V. L. T. (2021). Art and science advancing human understanding: epistemological and Methodological Foundations In *Qualitative Research and Social Intervention: Transformative Methodologies for Collective Contexts*, (pp. 15–34). Charlotte: Information Age Publishing
- Spink, M. J. P. (2020). “FIQUE EM CASA”: A gestão de riscos em contextos de incerteza. *Psicologia & Sociedade*, v. 32, e020002. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32239826>
- Suplicy, M., Egypto, A. C., Vonk, F. V. V. Barbirato, M. A., Silva, M. C. P., Simonetti, C., Schwarzstein, J. (Org.) (1994). *Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia*. (10 ed.) Casa do Psicólogo.
- Tateo, L. (2018). *Imagining, Knowing and Understanding*. Aula inaugural. UFBA.
- Tateo, L. (2019). The inherent ambivalence of educational trajectories and the zone of proximal development with reduced potential. In (Tateo, L. Ed.) *Educational Dilemmas: A Cultural Psychological Perspective*. Routledg.  
<https://doi.org/10.4324/9781315101095>
- Tonet, I. (2018). *Método científico: uma abordagem ontológica* (2nd. ed.) Coletivo Veredas.
- Vance, C. S. (1995). A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva*, 5(1), 7-31.
- Vasconcelos, M. N. M. (2018). *Relações de gênero, interseccionalidades e formação docente*. [Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21747>

- Vergueiro, V. (2015). *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia].  
<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/19685>
- Vianna, A., & Benítez, M. E. (2017). Gênero e sexualidade: estamos no canto do ringue?. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 25(25), 36-41.  
<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v25i25p36-41>
- Vigotski, L. S. (1996). Sobre os Sistemas Psicológicos. (Berliner, C. Trad.). In: Vigotski, L. S., Teoria e método em psicologia, (pp. 103-135). WMS Martins Fontes. (Publicado Originalmente em 1930).
- Vigotski, L. S. (1996). O significado histórico da crise psicologia – uma investigação metodológica. (Berliner, C. Trad.) In: Vigotski, L. S., Teoria e método em psicologia. WMS Martins Fontes, (pp. 203-417). (Publicado Originalmente em 1927).
- Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929 [Psicologia Concreta do Homem]. *Educação & Sociedade*, 21(71), pp. 21-44. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>
- Vigotski, L. S. (2000). Dominio de la propia conducta. In: Vygostsky, L. S. Obras Escogidas III: Problemas del desarrollo de la psique (2 ed.), (pp. 285-302), Aprendizaje Visor. (Publicado originalmente em 1931)
- Vigotski, L. S. (2001). Educação Estética (Bezerra, P. Trad). In: Vigotski, L. S. Psicologia Pedagógica, (pp. 323-363). WMS Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1924).
- Vigotski, L. S. (2006). Paidología del adolescente. (Kuper, L. Trad.) In L. S. Vygotski, L. S. Obras Escogidas IV: Psicología Infantil, (pp. 4-193). A. Machado Libro. (Publicado originalmente em 1931)

Vigotski, L. S. (2009a). A construção do pensamento e da linguagem. (Bezerra, P. Trad).

WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934).

Vigotski, L. S. (2009b). Imaginação e criação na infância – Ensaio psicológico – Livro para

professores. (Prestes, Z. Trad). Editora Ática. (Publicado originalmente em 1930).

Welle, D. L., & Clatts, M. C. (2007). Scaffolded interviewing with lesbian, gay, bisexual,

transgender, queer, and questioning youth: A developmental approach to HIV

education and prevention. *JANAC: Journal of the Association of Nurses in AIDS*

*Care*, 18(2), 5-14. <https://doi.org/10.1016/j.jana.2007.01.004>

## APÊNDICES

### APÊNDICE A



**CONVITE**

Este é um convite para participação em uma pesquisa que tem como objetivo compreender os afetos envolvidos nas relações de jovens LGBTI+

---

Esta pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Mestrado em Psicologia da PUC-Campinas pelo psicólogo Rômulo da Silva, sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vera Trevisan

---

Para participar basta atender aos seguintes critérios:

- (a) se reconhecer como LGBTI+
- (b) ter idade entre 18-30 anos
- (c) disponibilidade para colaborar com a pesquisa voluntariamente

---

A sua participação será por meio do Microsoft Teams para a realização de uma entrevista com duração prevista de 1h

---

Esperamos com esta pesquisa criar espaço para a expressão de jovens LGBTI+ e oferecer compreensões que ampliem a participação desse público nos diferentes espaços sociais.

[Se ficou interessada/o/e clique aqui](#)

Aguardo o seu contato, a sua participação é muito importante para nós  
Muito obrigado!

**APÊNDICE B****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “Significações da sexualidade na adolescência: um estudo das relações intersubjetivas de jovens LGBTQIA+”, de responsabilidade do pesquisador Rômulo Lopes da Silva, do Curso de Mestrado na Pós Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da PUC-Campinas, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Lúcia Trevisan de Souza.

O objetivo desta pesquisa é compreender os aspectos afetivos e emocionais que participam nas relações intersubjetivas de jovens que vivenciam a sexualidade não normativa. Como justificativa, temos o interesse de visibilizar a diversidade sexual presente na adolescência, o que tem sido silenciada no contexto sóciopolítico que vivemos no momento. Assim gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade em participar da pesquisa.

Você irá participar de entrevistas individuais com duração média de 1h30min, que virão a ser realizados de modo virtual, via plataforma Microsoft *Teams*, preferencialmente. A entrevista será em horário pré-agendado, em local de escolha do participante, tendo o cuidado a sua privacidade. Utilizaremos expressões artísticas tais como músicas, pinturas e filmes.

A sua participação é voluntária e essa pesquisa não lhe trará qualquer prejuízo ou benefício financeiro ou profissional. A qualquer momento você poderá solicitar novas informações, assim como, recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a sua participação em qualquer momento da pesquisa, sem nenhuma penalização ou prejuízo. Caso apresente ou manifeste qualquer sintoma que coloque em risco seu bem-estar emocional terá imediatamente assistência psicológica oferecida pelo psicólogo pesquisador durante o tempo que for necessário e sem nenhum ônus.

Os dados provenientes da sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador e poderão ser solicitados quando necessário. Os resultados da pesquisa poderão ser utilizados para fins acadêmicos e científicos, tendo garantido o sigilo da sua identidade. Isto é, se forem utilizados em eventos e publicações científicas, sua identidade não será divulgada, sendo mantido o mais rigoroso sigilo.

Informações adicionais e esclarecimentos a respeito da pesquisa poderão ser solicitados diretamente com o pesquisador, a qualquer momento, através do e-mail romulo.lps.silva@gmail.com ou pelo telefone (19) 99506-8505, em horário comercial, das 08h às 12h e das 14h às 18h. Ou ainda com a orientadora da pesquisa Prof. Dr. Vera Lucia Trevisan de Souza, pelo e-mail vera.trevisan@uol.com.br.

A pesquisa em questão foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-CAMPINAS; telefone: (19) 3343-6777; e-mail: comitedeetica@puccampinas.edu.br; endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1.516 - Parque Rural Fazenda Santa Cândida - CEP 13087-571 - Campinas - SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h. Caso concorde em dar o seu consentimento livre e esclarecido para participar da pesquisa supracitada, assine o seu nome abaixo. Você receberá uma via do referido documento, na íntegra, com as devidas assinaturas.

---

Assinatura do (a) participante

Estou esclarecido(a) e dou consentimento para que as informações por mim prestadas sejam usadas nesta pesquisa. Também, estou ciente de que receberei uma via integral deste Termo.

---

Assinatura do Pesquisador: Rômulo Lopes da Silva